



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS
CAMPUS DE CAJAZEIRAS**

JOSICLEIDE ODETE DOS SANTOS

**O CONTO POPULAR E A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: UMA
PERSPECTIVA PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES DO 6º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

CAJAZEIRAS - PB

2021

JOSICLEIDE ODETE DOS SANTOS

**O CONTO POPULAR E A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: UMA
PERSPECTIVA PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES DO 6º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa do Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS - da Universidade Federal de Campina Grande, *Campus* de Cajazeiras, na área de concentração Linguagens e Letramentos, linha de pesquisa Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Marcílio Garcia de Queiroga

S237c Santos, Josicleide Odete dos.
O conto popular e a contação de histórias: uma perspectiva para a formação de leitores do 6º ano do Ensino Fundamental / Josicleide Odete dos Santos. - Cajazeiras, 2021.
111f.: il.
Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Marcílio Garcia de Queiroga.
Dissertação (Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS)
UFCG/CFP, 2021.

1. Formação de leitores. 2. Conto popular. 3. Contação de histórias. 4. Oralidade. 5. Leitura. 6. Língua portuguesa. 7. Ensino. I. Queiroga, Marcílio Garcia de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 028(043.3)

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

JOSICLEIDE ODETE DOS SANTOS

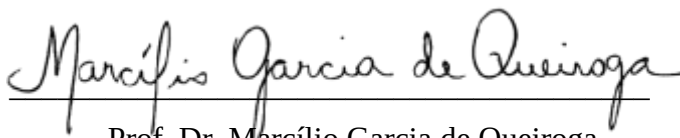
**O CONTO POPULAR E A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: UMA
PERSPECTIVA PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES DO 6º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa do Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS - da Universidade Federal de Campina Grande, *Campus* de Cajazeiras, na área de concentração Linguagens e Letramentos, linha de pesquisa Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovada em: 26 de abril de 2021

Banca Examinadora

MEMBROS DA BANCA



Prof. Dr. Marcílio Garcia de Queiroga

(UFCG/CFP/UAL/PROFLETRAS)

PARTICIPAÇÃO POR VIDEOCONFERÊNCIA

Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva
(UEPB/CH)

PARTICIPAÇÃO POR VIDEOCONFERÊNCIA

Profa. Dra. Lígia Regina Calado de Medeiros
(UFCG/CFP/UAL/PROFLETRAS)

À minha filha, Sarah Vitória, luz do meu viver.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por se fazer sempre presente em minha vida, me concedendo saúde, sabedoria e coragem para seguir em frente.

À minha filha, Sarah Vitória Santos Gomes, por ter dado um novo sentido a minha existência deixando os meus dias muito mais felizes.

Aos meus pais, João Antônio dos Santos e Odete Terezinha dos Santos, meu porto seguro.

Ao meu esposo, Francisco Gomes Sobrinho, por acreditar em mim e não medir esforços para tornar os meus sonhos possíveis.

Aos meus irmãos, João Nailton Santos, Josivane Santos e Joserlane Santos, pelo apoio e incentivo em todos os momentos da minha vida.

Aos meus sobrinhos, Ricardo de Souza Pereira Júnior e Alícia de Souza Santos, por me ajudarem a concretizar este trabalho.

Ao meu orientador, Professor Dr. Marcílio Garcia de Queiroga, pelo apoio durante todo esse processo de estudo e escrita. Obrigada pela motivação, competência, seriedade, sensibilidade, paciência, responsabilidade e dedicação em todos os momentos de orientação.

Aos amigos, que me incentivaram a vencer todas as dificuldades e souberam compreender a minha ausência.

Às amigas, Suellen Silva e Sandra Souza, por terem me ajudado quando lhes solicitei importante auxílio.

A Eliana Alberto, pela inspiração e incentivo na busca da minha participação na seleção do Mestrado.

Aos colegas da turma do Mestrado, pelo compartilhamento de conhecimentos, amizade e espírito fraterno, em especial, Maria das Dores, Regilânia Varela, Socorro Almeida e Luciana Silva, com as quais dividi angústias, experiências e conquistas.

Aos professores do PROFLETRAS, pelos ensinamentos e por participarem de forma significativa da minha formação acadêmica e profissional.

Às professoras, Dra. Nazareth de Lima Arrais, Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva e Dra. Lígia Regina Calado de Medeiros, pelas contribuições para a melhoria desta pesquisa.

À coordenação, pelo comprometimento em relação ao Mestrado.

À Capes, pelo apoio financeiro que muito me auxiliou na compra de materiais para estudo e deslocamentos geográficos até o *Campus*.

A todos que contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho.

Ao lado da literatura, do pensamento intelectual letrado, correm as águas paralelas, solitárias e poderosas, da memória e da imaginação popular. O conto é um vértice de ângulo dessa memória e dessa imaginação.

(Cascudo, 2004, p. 12)

RESUMO

A arte de narrar histórias figura entre os fazeres mais antigos da humanidade, desde os tempos mais remotos o homem faz uso dessa prática como um meio de interação, transmissão de conhecimentos e estímulo à imaginação. Esse trabalho procura refletir sobre a arte da contação de histórias e a importância dessa prática para a formação do leitor literário. Para tanto, elegemos como objetivo principal construir uma proposta de intervenção didática, direcionada ao 6º ano do Ensino Fundamental. A finalidade é contribuir com a prática do professor de Língua Portuguesa no tocante ao desenvolvimento da competência comunicativa em leitura de forma crítica, por meio da contação de histórias, com ênfase no gênero literário conto popular. Como aporte teórico, tomamos como referência os postulados de Busatto (2012), Stocker (2014), Patrini (2005), Cascudo (2004), Leal (1985) e Simonsen (1987) para fundamentarmos a contação de histórias e o conto popular. Zilberman (2003), Cademartori (2010) e Sandroni (1987) que versam sobre a literatura infantil e juvenil. Soares (2011), Cosson (2018), Bamberger (1997) e Pennac (1993) para as abordagens de leitura e leitura literária. Busatto (2010), Machado (2015) e a BNCC (2017) para abordarmos questões referentes à oralidade. A metodologia constitui-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico, de natureza aplicada e critério de abordagem qualitativa. Os estudos revelam a narração de histórias como uma prática ancestral, tendo evoluído e se modificado com a sociedade. Como atividade educativa, consideramos a contação de história uma possibilidade metodológica imprescindível para a formação de leitores, pois ela auxilia o professor no trabalho com a oralidade, ensina o aluno a escutar, trabalha conceitos, desperta a curiosidade, tem poder agregador, assegurando, com isso, o enriquecimento do processo educacional sob uma perspectiva que prioriza a constituição de sujeitos críticos, reflexivos e que valorizem o patrimônio cultural local e universal.

Palavras-chave: Contação de histórias. Conto popular. Oralidade. Formação de leitores.

RESUMEN

El arte de narración de historias figura entre los primeros hechos de la humanidad, ya que el hombre más remoto hace uso de esta práctica como un medio de interacción, transmisión de conocimiento, estímulo e imaginación. Este trabajo busca reflexionar sobre el arte de la narración de historia y la importancia de esta práctica para la formación del lector literario. Para tanto, elegimos como objetivo principal construir una propuesta de intervención didáctica, dirigida al sexto año de la Escuela Primaria. El propósito es contribuir con la práctica del profesor de Lengua Portuguesa acerca del desarrollo de la competencia comunicativa en la lectura crítica, a través de la narración de historias, con énfasis en el género literario cuento popular. Como contribución teórica, tomamos como referencia a los postulados de Busatto (2012), Stocker (2014), Patrini (2005), Cascudo (2004), Leal (1985) y Simonsen (1987) para fundamentar la narración de historias y el cuento popular. Zilberman (2003), Cademartori (2010) y Sandroni (1987) que se ocupan de la literatura infantil y juvenil. Soares (2011), Cosson (2018), Bamberger (1997) y Pennac (1993) para los enfoques de lectura y lectura literaria. Busatto (2010), Machado (2015) y BNCC (2017) para hablar de temas relacionados a la oralidad. La metodología es una investigación bibliográfica, de naturaleza aplicada y un enfoque cualitativo. Los estudios revelan la narración de historias como una práctica ancestral, habiendo evolucionado y cambiado con la sociedad. Como actividad educativa, consideramos la narración de historia como una posibilidad metodológica esencial para la formación de lectores, pues ayuda al profesor en el trabajo con la oralidad, enseña al alumno a escuchar, trabaja conceptos, despierta la curiosidad, tiene el poder de agregar, asegurando con esto, el enriquecimiento del proceso educativo través de una perspectiva que prioriza la constitución de sujetos críticos y reflexivos y que valoren el patrimonio cultural local y universal.

Palabras clave: Narración de historia. Cuento popular. Oralidad. Formación de lectores.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 CONTAR E ENCANTAR: O CONTO E OS CONTADORES	14
1.1 Literatura oral: a arte de narrar	14
1.2 Os contadores de histórias: da tradição oral ao contexto contemporâneo	21
1.3 O conto popular	27
2 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E FORMAÇÃO DE LEITORES: CAMINHOS E IMPASSES	33
2.1 Literatura infantil e juvenil e sua conexão com a escola	33
2.2 A formação do leitor literário	37
2.3 A importância da oralidade em sala de aula	43
3 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	47
3.1 Caracterização da pesquisa	47
3.2 Organização do Caderno Pedagógico	48
4 CADERNO PEDAGÓGICO: PRÁTICAS PARA O TRABALHO COM A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
REFERÊNCIAS	97
ANEXOS	102

INTRODUÇÃO

A leitura é essencial para o desenvolvimento mental, criativo e intelectual do ser humano. Através dela, efetivamos nossos conhecimentos e medimos nossa capacidade de interpretação. A prática leitora desenvolve a capacidade oral e ajuda-nos a expressar nossas opiniões, pois ela não é só um processo de decodificação de palavras, mas também uma forma de compreender a realidade.

Cotidianamente, observa-se uma grande preocupação dos professores de Língua Portuguesa em relação ao desenvolvimento de um trabalho significativo com leitura, principalmente quando se trata do texto literário. Percebe-se que boa parte do alunado apresenta resistência para realizar as atividades que envolvem essa prática, e quando questionados sobre os motivos dessa rejeição, o que mais se ouve dos estudantes é que a leitura, principalmente a literária, classifica-se como uma tarefa enfadonha e difícil de ser compreendida, ou seja, uma atividade pouco significativa.

Sobre essa recusa do aluno em relação à leitura, Kleiman (2016, p.22) afirma que “ninguém gosta de fazer aquilo que é difícil demais, nem aquilo do qual não consegue extrair o sentido. Essa é uma boa caracterização da tarefa de ler em sala de aula: para uma grande maioria dos alunos ela é difícil demais, justamente porque ela não faz sentido”.

Conforme a autora supramencionada, para muitos estudantes as recordações de leituras não são aquelas realizadas no aconchego do lar e muito menos aquelas histórias lidas pela mãe antes de dormir, para a maioria, as primeiras lembranças dessa prática são de atividades maçantes que tem o foco mais na aquisição da leitura e nas questões de cunho linguísticos do que da leitura por puro e simples entretenimento.

Stocker (2014) admite que existem muitas barreiras impostas à leitura, dentre as quais, destacamos a falta de interesse e de tempo; o não acesso ao livro, preguiça ou falta de paciência; preferência por outro tipo de entretenimento e lazer; alto preço dos livros; a dificuldade de entendimento do leitor e, até mesmo, a não preocupação de pais e professores com a formação de futuros leitores.

Assim, esse desinteresse dos discentes pela leitura pode ter origem no início de sua escolaridade. Como afirma Lajolo (2009, p. 100) “O bom leitor começa a nascer ou morrer a partir dos 7 anos, na alfabetização, nos primeiros contatos com o texto. Tudo o que vem depois é só reforço e terapia.” Quanto mais a criança não for estimulada a apreciar o texto literário,

quanto mais ela não vivenciar o prazer e as emoções que as histórias proporcionam, mais dificuldades ela terá para adquirir o hábito leitor.

Sobre essa influência que o professor tem em motivar ou não o aluno por meio da literatura, Costa (2007, p. 20) nos mostra a relevância do papel docente nesse processo e diz que “é fundamental a mediação do professor na condução dos trabalhos em sala de aula e no exemplo que ele dá aos seus alunos, lendo e demonstrando, sempre que possível, a utilidade do livro e o prazer que a leitura traz para o intelecto e a sensibilidade”.

Nessa perspectiva, entendemos que essa tarefa de seduzir, encantar e fascinar os ouvintes em sala de aula é atribuída ao professor, porém, não podemos responsabilizá-lo pela ausência de competência leitora dos discentes. Despertar o gosto por uma atividade tão complexa não é fácil. Na educação infantil e nas séries iniciais do Ensino Fundamental I, a tarefa aparenta uma menor complexidade, pois a magia dos contos, a caracterização, a entonação da fala e a linguagem gestual que o professor utiliza parecem despertar com mais intensidade a imaginação das crianças, enquanto com o avançar das séries, a fragmentação das disciplinas e dos textos literários, a faixa etária e as cobranças com as leituras contribuem para que essa atividade vá, aos poucos, perdendo a relevância e o sentido para os alunos. Diante desse contexto, nos questionamos de que maneira o trabalho com a contação de histórias em sala de aula, atividade tão comum nas séries iniciais, pode contribuir para a formação leitora do aluno do 6º ano do Ensino Fundamental II.

Tomando por base essa indagação norteadora para a realização desta pesquisa, destacamos como objetivo geral: investigar, por meio de estudo bibliográfico, a contação de história como uma possibilidade educativa que venha a colaborar para a formação do leitor literário. E como objetivos específicos: refletir acerca da importância da literatura oral, dos contadores de histórias e do conto popular para a formação do indivíduo; discutir, no âmbito da produção teórica, o papel da literatura infantil e juvenil, a formação de leitores e a relevância do trabalho com a oralidade em sala de aula; apresentar uma proposta de intervenção didática, no formato de um caderno pedagógico, para o trabalho com contação de histórias em uma abordagem sócio-histórica para o ensino da literatura na formação continuada dos professores, aplicável ao 6º ano do Ensino Fundamental II.

A escolha da contação de história como atividade educativa, temática abordada nesta pesquisa, justifica-se por considerarmos essa prática pedagógica capaz de favorecer o trabalho com a oralidade, possibilitando ao aluno desenvolver as habilidades de ouvir, contar, recontar, interpretar, retextualizar e interagir, além de despertar a curiosidade e imaginação do leitor.

Dessa forma, este estudo apresenta-se relevante, porque discute acerca da importância do ato de contar histórias no espaço escolar, valoriza a literatura de tradição oral rompendo com a ideia de que, por ser oriunda do povo, é uma literatura de menor valor. Para tanto, recorreremos ao gênero literário conto popular, pois entendemos que este auxilia o mediador a desenvolver o pensamento crítico do aluno, a produção de discursos significativos, proporcionando encantamento e prazer pelo texto literário.

Assim, este trabalho está estruturado em quatro capítulos. Iniciamos com a parte introdutória, na qual fazemos uma apresentação da pesquisa e a contextualização do objeto de estudo, apresentamos o problema, a justificativa e os objetivos a serem alcançados, como também, a fundamentação teórica e a metodologia utilizada para a efetivação dos objetivos traçados.

O primeiro capítulo é dedicado ao conto e aos contadores. Desse modo, o primeiro tópico do referido capítulo versa sobre a arte narrativa e a sua relevância ao longo da história da humanidade. Para tanto, usamos como suporte teórico as considerações de Busatto (2012), Bedran (2012), Matos e Sorsy (2009), Stocker (2014) e Mendes (2000). No segundo tópico, dialogamos, principalmente, com as ideias e os conceitos de Matos (2014) e Patrini (2005) para compreendermos o caminho trilhado pelos contadores e pelas histórias, desde o conto de tradição oral até o contexto contemporâneo. E, no terceiro tópico, apresentamos as características fundamentais e as possíveis formas de classificação do conto popular, embasamo-nos nas considerações de Cascudo (2004), Colomer (2017), Leal (1985) e Simonsen (1987).

No segundo capítulo, fazemos algumas reflexões acerca da leitura literária e de como a contação de história pode contribuir para a formação do leitor. No primeiro tópico, discutimos o papel da literatura infantil e juvenil, de como se deu o seu processo histórico e a sua conexão com a escola, tomamos como base os estudos de Zilberman (2003), Cademartori (2010) e Sandroni (1987). No tópico seguinte, discorremos sobre a importância da leitura literária para a formação do leitor, discutimos ainda, a forma como o texto literário vem sendo abordado em sala de aula, dentre os autores consultados para fundamentarmos este tópico, destacamos os pressupostos de Bamberger (1977), Cosson (2018), Soares (2011) e Pennac (1993). E, por último, chamamos a atenção para a importância do trabalho com a oralidade em sala de aula, tomando como referência a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), bem como, as ponderações de Busatto (2010) e Machado (2015).

Após essas reflexões, dando continuidade à investigação, no terceiro capítulo delimitamos os passos metodológicos utilizados neste trabalho, fazemos uma explanação sobre

o tipo, o critério de abordagem e a natureza da pesquisa e como foi sua realização até chegar à construção da proposta.

No quarto capítulo, apresentamos uma proposta de intervenção didática sob a forma de um caderno pedagógico organizado em um conjunto de oficinas que exploram a contação de histórias em torno do gênero conto popular. Para isso, baseamo-nos na sequência básica promovida por Cosson (2018), por trabalharmos com um gênero literário. Assim, acreditamos contribuir para a formação docente do professor de Língua Portuguesa, em especial, os que lecionam nas turmas de 6º ano, para uma abordagem envolvente e significativa com leitura.

Após esse percurso, chegamos então às considerações finais, nas quais elencamos os resultados obtidos e as reflexões suscitadas de acordo com o arcabouço teórico que nos deu suporte e conhecimento para a construção deste trabalho. Por fim, apresentamos as referências que embasaram este estudo.

1 CONTAR E ENCANTAR: O CONTO E OS CONTADORES

Este capítulo apresenta reflexões acerca da arte narrativa, mais especificamente através da contação de histórias. Primeiramente, discorreremos sobre a tradição da literatura oral, sua origem e sua relevância enquanto arte. Na sequência, buscamos definir o contador de histórias e fazer algumas distinções entre a forma de contar do contador tradicional e a performance do contador contemporâneo. Por último, abordamos o gênero literário conto popular e a riqueza da tradição oral.

1.1 Literatura oral: a arte de narrar

Segundo Busatto (2012), os povos orientais consideravam o conto oral mais do que um gênero literário ou uma mera distração, eles acreditavam que o conto possuía um caráter terapêutico, pois além de resgatar os valores e a cultura de um povo, ele tinha o poder da cura por meio do encantamento. Quando alguém passava por algum problema, em muitas situações, o remédio indicado era ouvir e refletir sobre um conto, uma vez que ele funcionava como um reestruturador do desequilíbrio emocional. A autora declara compactuar dos mesmos ideais dos orientais e ainda acrescenta: “[...] o conto de tradição oral, seja ele conto de fada, mito, lenda, fábula, ou conto de ensinamento, encanta por alimentar o nosso imaginário e dar mais brilho ao nosso mundo interior.” (ibid., p. 17).

Contar histórias é uma arte milenar. Desde os primórdios da humanidade que o homem se utiliza de narrativas como forma de entretenimento e comunicação. Antes de existir a palavra, falada ou escrita, ele já contava sua história através dos gestos, das pinturas rupestres, das esculturas. Ao redor das fogueiras, caçadores e coletores se reuniam para contar histórias uns aos outros, contavam sobre os perigos e suas aventuras na luta pela sobrevivência, sobre fenômenos sobrenaturais, sobre a origem das coisas, visto que antes do surgimento da ciência eram as lendas, fábulas, mitos e contos populares que justificavam, por meio da oralidade, todos os fatos e manifestações que ocorriam.

Stocker (2014) cita as escrituras sagradas como um dos livros mais antigos que falava através de histórias, e muitos contos de tradição oral tiveram sua origem neste mais importante livro do cristianismo, a Bíblia. Cristo, através de suas parábolas, foi um relevante disseminador de histórias e utilizou-se delas para repassar ensinamentos religiosos, suas histórias simples explicavam realidades difíceis de entender, como a salvação e o Reino de Deus. Em vista disso,

muitos dos temas retratados nessas parábolas estão presentes em vários contos de fadas e em contos populares que trazem em sua moral temas que são próprios das experiências que compõem a existência humana.

A literatura oral se perpetuou através da voz dos contadores de histórias, até que folcloristas, literatos e outros admiradores da linguagem popular coletaram e registraram estes contos que tanto agradavam e descontraíam o povo. Esses registros foram de grande relevância, pois impediram que muitas dessas histórias tradicionais fossem relegadas ao esquecimento.

Sobre o conto de tradição oral, Busatto (2012, p. 28) ressalta que:

[...] o conto de literatura oral é uma das mais genuínas expressões culturais da humanidade, sem que com isso possamos lhe atribuir paternidade. Saber da sua provável origem mostra-se apenas uma curiosidade, porque o conto se molda ao contexto onde ele é narrado e, como um camaleão, vai se adaptando às cores e aos tons de cada povo, de cada contador que o narrou. Cada voz imprimiu a sua sonoridade, cada corpo as suas emoções. Ele mudou de nome e de roupa, mas a sua essência continuou inalterada. O conto de tradição oral é um retrato da magia e do encantamento, uma fantástica criação da mente humana.

De acordo com o pensamento da escritora, cada ouvinte cria as suas impressões sobre o ambiente, sobre as personagens, sobre os fatos relatados. Por mais que a narrativa descreva o cenário, cada pessoa constrói a história dentro dos seus referenciais, uma vez que o conto nunca vai ser visto da mesma forma e cada um vai atribuir um significado para si, para a sua realidade. Nesse caso, a história será única, já que ela será construída pela imaginação de cada ouvinte.

Matos e Sorsy (2009) destacam a forma de transmissão do conto como uma importante característica e nos lembram de que ele ultrapassa o tempo e as fronteiras e cada geração conta-nos à sua maneira, por mais que mudem os nomes dos personagens, o espaço geográfico, referências culturais e adaptação da história a outro contexto, sua estrutura de base, ou trama principal, se mantém e isto evidencia que se trata do mesmo conto narrado de outro modo.

Sobre a questão da migração dos contos e de sua aclimação nas mais variadas culturas, Zarcate (1987, p. 7 *apud* MATOS e SORSY, 2009, p. 61) nos diz o seguinte:

O conto é como um ser humano: ele tem um esqueleto, a carne, as roupas, uma alma. O esqueleto é a estrutura do conto. Se você o modifica, você quebra o conto. A carne não é a mesma coisa. A carne é a cultura. Uma chinesa não anda como uma africana. Essa diferença existe no conto. As roupas são as palavras que você utiliza. Mas para vestir um conto não se deve cometer um erro cultural. Para contar um conto chinês, é importante saber o que é a China. Você conta um conto indiano e sente que tem em sua boca e em suas palavras o sari. Mas há milhares de saris e você pode escolher entre eles. Essa escolha

cabe inteiramente a você. A arte do contador está em sua maneira de vestir o conto [...]. Em vez de rejeitar algo que possa parecer uma fraqueza do conto, porque foge ao nosso entendimento, deveríamos buscar compreender que aí há alguma coisa da cultura do povo. A cultura é completamente transmitida no conto, encontra-se aí a alma de um povo.

Nesse contexto, o conto tradicional é um texto literário criado e enriquecido pela imaginação popular, com o intuito de deleitar ou até mesmo educar o ouvinte. O contar coletivo tem fundamental importância na literatura oral, já que documenta a sobrevivência e o registro de usos e costumes esquecidos no tempo, mas que se atualizam a cada nova contação.

E dessa arte de contar histórias, se constrói a memória de nossa espécie, porque ao contrário dos homens, as histórias podem permanecer para sempre, basta que pelo menos uma pessoa continue a reproduzi-las para que elas sejam repassadas de uma geração a outra, e, assim, no aconchego da família, nas escolas, no teatro e em diversos grupos sociais, elas se perpetuem nas mais diferentes línguas, nas mais diferentes culturas, cada qual com a sua visão de mundo, cada qual com a sua subjetividade.

Farias (2011, p. 20), no livro, *Contadores de Histórias: um exercício para muitas vozes*, questiona o porquê da importância de contar e ouvir história e utiliza-se da seguinte explicação:

Porque quando fazemos isso alimentamos duas das mais importantes características dos seres humanos: a imaginação criativa e a oratória. Somente os humanos dizem era uma vez... Somente nós fazemos isso: contamos nossa história, a dos outros, escrevemos histórias, acrescentamos detalhes, criamos situações que não acontecem de fato, imaginamos outros mundos, outros seres, outras paisagens, outras formas de ver e viver neste e em outros mundos imaginados.

Assim, é nessa interação do contar e do ouvir que percebemos o quanto as histórias nos acolhem, o quanto elas alimentam nossas esperanças. Através delas ressignificamos o sentido da nossa vida, sem contar que adquirimos mais conhecimentos para refletirmos acerca dos problemas que nos envolvem. Neste sentido, Bedran (2012, p. 25) salienta que:

A criança que ouve histórias cotidianamente desperta em si a curiosidade e a imaginação criadora e ao mesmo tempo tem a chance de dialogar com a cultura que a cerca e, portanto, de exercer sua cidadania. O encontro do seu imaginário com o mundo de personagens tão diversificados pertencentes aos contos, sejam eles tradicionais ou contemporâneos, é fator de grande enriquecimento psicossocial.

Essa característica dos contos é percebida mais claramente nos anos iniciais, momentos em que as leituras desses gêneros são mais frequentes e a criança está vivenciando sua fase de

desenvolvimento. Mais adiante, a mesma autora recorda suas primeiras experiências com os contos e nos relata como a arte de narrar a seduziu:

De fato, se recorrermos à memória de nossa infância, verificaríamos que talvez tenha sido dentro da noite, na penumbra de um quarto, na proximidade aconchegante da presença de um narrador primeiro que grande parte das situações simbólicas em nossas vidas pôde se apresentar. Assim foi o meu encontro com a arte narrativa e o canto entremeando o enredo dos contos. Aconteceu muito cedo, na infância, ainda não alfabetizada, quando a forma de ler o mundo se apresentava através das histórias contadas e cantadas por minha mãe. A exemplo do que Câmara Cascudo mostra ser o que acontecia no Brasil Colônia, com as amas contando histórias e acalutando as suas crianças e as das sinhás, o material que me era passado por minha mãe foi o primeiro “leite intelectual recebido”. (BEDRAN, 2012, p. 49, grifo da autora)

E toda criança merece viver essa experiência com a família, de ouvir dos pais, avós ou tios as mais fabulosas narrativas. Porém, engana-se quem acredita que é apenas o público infantil que gosta e deve ouvir histórias. Os adultos também se encantam e necessitam dessa arte para fugir por alguns instantes do mundo real e de todas as suas complexidades para viver um mundo imaginário movido pela criatividade e a fantasia.

Nas histórias narradas no livro, *As mil e uma noites*, tradução de Ferreira Gullar (2019), Sherazade é vista como uma heroína que arrisca a própria vida confiando apenas em sua habilidade de contar histórias e na capacidade que elas têm de mudar as pessoas, com sua inteligência e o poder da palavra, ela poupa sua vida e a de outras mil mulheres. Sherazade contava as histórias e as interrompia em momento de suspense para manter a curiosidade e o desejo do rei de saber o que iria acontecer na noite seguinte.

Essa magia de seduzir os ouvintes evoluiu ao longo do tempo e trilhou novos caminhos. Os elementos do teatro, como o palco, o cenário, a música e o figurino se juntam à narrativa para possibilitar ao homem explorar seus pensamentos e sentimentos de uma maneira mais artística e mais elaborada.

É certo que esses elementos teatrais já eram usados há bastante tempo. Jograis, menestréis, trovadores, todos usavam componentes do teatro, música e performance para acompanhar as festividades ou as reuniões solenes na corte. É importante lembrar que no âmbito da poesia, os poemas eram musicados, só a partir da Idade Moderna é que a poesia passou a ser um texto separado da música.

Nesse cenário, a arte de narrar vem se modernizando e ganhando novos formatos e diferentes intenções. Hoje, podemos contar com inúmeros recursos para propagar a arte

narrativa. Os meios digitais, por exemplo, estão se tornando grandes aliados para dinamizar e enriquecer a literatura oral.

Costa (2009) ressalta que o cinema e a televisão se tornaram veículos privilegiados de encenação das histórias. Esses meios de comunicação populares trazem uma carga afetiva e emocional nas narrativas encenadas. A autora complementa:

A ligação afetiva, emocional e ideológica dos espectadores exemplifica, muito bem, a força atrativa das histórias ali apresentadas, não distinguindo nessa atração idade, sexo, religião ou nacionalidade. Assistimos a uma telenovela, por exemplo, como nossos antepassados ouviam alguém ler ou contar longos folhetins com histórias igualmente emocionantes. Os folhetins tinham esse olhar atento às reações dos leitores. Eram formas narrativas apoiadas no suspense, no inesperado, no enredo cheio de mudanças, para manter a atenção do leitor. O contador de histórias tem igualmente essa atenção à reação dos seus ouvintes, sempre pronto a causar efeitos imediatos de riso, angústia, expectativa, mas também de contar histórias que façam pensar. (ibid., p. 90)

Como bem afirma a autora acima mencionada, não importa a época, a idade, o sexo ou a religião do leitor/ouvinte, a arte literária sempre exercerá o poder de fascinar e de fazer sonhar. Quantas vezes nos imaginamos no papel de um personagem que admiramos? Quantas vezes a novela narrou uma história que parecia ser a nossa? Porque a literatura tem essa capacidade de nos fazer experimentar emoções e angústias alheias, de personagens dos enredos que lemos, ouvimos ou a que assistimos. As histórias podem tocar emocionalmente o ouvinte, revelar segredos, aguçar a curiosidade, entreter, intrigar e modificar a sua realidade por meio do encantamento. Assim, Mendes (2000, p. 25) enfatiza que:

O sentido da vida continua sendo tão necessário ao homem hoje como há milênios, pois, apesar dos avanços tecnológicos, a alma humana continua a mesma. Os homens continuam hoje com a mesma necessidade de acreditar em deuses, em forças mágicas, em espíritos bons e maus, para poder explicar o que acontece a cada um em particular e a todos em geral.

Os contos de Perrault, por exemplo, escritos há mais de três séculos, ainda hoje são lidos e apreciados pelo público de todas as idades, principalmente pelo público infantil, que mesmo tendo um grande acesso às mais variadas tecnologias e a inúmeros desenhos animados, ainda se encanta com a narração dos contos de fada mais antigos. Não é raro presenciarmos como tema de festinhas de aniversários das meninas as princesas que foram destaques nas histórias de Perrault como a Cinderela, a Bela Adormecida e Chapeuzinho Vermelho, muitas delas em nova roupagem das adaptações cinematográficas de Walt Disney.

O escritor francês Perrault foi o precursor da literatura mundial no século XVII, intitulado por muitos pesquisadores de “Pai da Literatura Infantil”. O autor se inspirou nas tradições folclóricas transmitidas oralmente de geração a geração e reuniu contos e lendas da Idade Média, os quais eram destinados ao público adulto, adaptando-os para uma linguagem infantil, constituindo o que conhecemos como contos de fada.

Como seus contos eram destinados às crianças, Perrault utilizava uma linguagem simples e poética, com o intuito de instruir e divertir ao mesmo tempo. As histórias vinham acompanhadas de ensinamentos morais e estes serviam primeiramente aos propósitos educacionais da burguesia. Sobre a origem desses contos, Mendes (2000) pontua:

As narrativas de origem popular, criadas coletivamente pelas classes oprimidas e exploradas, a partir de sua visão de mundo, ao se tornarem propriedade da literatura burguesa, mostraram-se eficientes na função de envolver emocionalmente as crianças e inebriá-las com os encantamentos mágicos. Estava criada a literatura infantil. E o grande responsável pelo fenômeno foi, sem dúvida, o poeta Charles Perrault, mas as mulheres da nobreza e da burguesia tiveram o seu papel nesse processo. Foram os salões das “preciosas” que garantiram o prestígio dos contos de fada na França do século XVII, fazendo-os adentrar as portas da Academia, que estavam fechadas para elas, mas não para as princesas, bruxas e fadas. (ibid., p. 143, grifo da autora)

Como podemos perceber, a autora supramencionada evidencia a participação e a importância das mulheres na arte de narrar. As “preciosas”, como assim ficaram conhecidas as mulheres que teciam as mais empolgantes histórias nas noites dos salões literários parisienses, chamaram a atenção de Perrault, dos nobres e burgueses que se deleitavam com os relatos de acontecimentos fictícios. No entanto, os grandes escritores da época que também frequentavam os salões literários para ficarem por dentro da moda, não perdiam a oportunidade de ridicularizar as mulheres que, dessa maneira, tentavam se igualar aos homens.

O “Preciosismo” foi o nome dado à atividade literária que se desenvolveu nos salões franceses no século XVII. Como nesses salões as mulheres se sobressaíam com a sua arte narrativa, receberam o termo pejorativo de “as preciosas”. Viana (2015) relata que tudo começou quando um grupo de moças, entre elas uma sobrinha de Perrault, Marie-Jeanne L’Héritier, passou a se reunir para ler e discutir literatura. A autora afirma que a moça foi estimulada tanto pelo pai como pelo tio, Charles Perrault. Desde muito cedo, ela dedicou-se aos estudos de Literatura e, talvez, essa aproximação de Perrault com a sua sobrinha explique a forte presença do sexo feminino em suas narrativas.

Mendes (2000, p.125) chama a atenção para o destaque que Perrault dá às mulheres em seus contos, na maioria deles, elas ocupam papel principal. Segundo a autora, “o próprio nome original da coletânea fazia supor que os contos eram narrados por mulheres, simbolizadas pela Mamãe Gansa”. Talvez por ser um homem que se afeiçoava ao público feminino e suas causas, o poeta defendia as madames, porém, nas entrelinhas dos seus textos, deixa transparecer os preceitos de uma sociedade machista, mesmo as mulheres ganhando seu espaço no universo masculino.

Perrault se dedica à escrita de contos infantis apenas depois dos 60 anos de idade, após ser destituído dos importantes cargos políticos que ocupava na corte. Viúvo e com quatro filhos para criar, o poeta se muda para um local onde estavam localizados os colégios, dessa forma, ele poderia acompanhar a educação de seus filhos, evitando, assim, que eles morassem em colégios internos, o que era comum na época.

Assim, é só na terceira idade que ele decide registrar e contar as histórias que ouvia de sua mãe, das damas dos salões parisienses e dos contadores que, na época, se integravam à vida doméstica como servos. Em 11 de janeiro de 1697, publicou o livro *Contos da Mamãe Gansa*. A obra atingiu públicos de todos os lugares do mundo.

Para Cademartori (2010), a coleção dos textos de Perrault traduz-se em um dos textos mais célebres da literatura francesa, bem como um dos textos mais referenciados e menos comentados pela crítica literária, quer na sua dimensão de arte, quer como documento. Ainda segundo a mesma autora, Perrault despreza o povo e as superstições populares e, como um fiel burguês, as ironiza. Ele escreve para a alta sociedade, para pessoas cultas, todavia, tem sua inspiração nas histórias contadas pelo povo. O literato procura se distanciar do popular colocando em suas obras propósitos moralizantes, através de uma literatura pedagógica, no entanto, não consegue fugir dos estereótipos que se encontram na maioria dos contos orais, pois, em seus contos, as personagens principais refletem as soluções sonhadas pelos camponeses, vítimas do sistema social e político aristocrático que foi estabelecido na França. A estudiosa pontua ainda acerca da produção de Perrault:

Na base do trabalho de adaptação, está o conceito de que a ingenuidade da mentalidade popular identifica-se com a ingenuidade da mentalidade infantil. A vocação pedagógica de Perrault é secundária e confusa. Delineia-se com mais propriedade sua relação com o popular, apesar de esta ser, também, contraditória. Mesmo sem total adesão – o que, de fato não poderia ocorrer, pois a classe a que Perrault pertencia vivia uma inconsciência em relação ao que era realmente do povo – ele realizou o que se pode chamar de uma recuperação da cultura popular, procurando os procedimentos narrativos de maneira mais fiel possível. (ibid., p. 43)

Seguindo essa linha de pensamento, percebemos uma aproximação entre o popular e o infantil, não só pela adaptação das histórias reescritas por Perrault, mas também pela limitação intelectual que era atribuída ao povo e às crianças da época. Como bem afirma Cademartori (2010, p. 44) “Talvez nesse momento tenha sido inaugurada a confusão que fortaleceu os laços entre literatura popular e literatura infantil e que tem por base a aproximação das duas ignorâncias: a do povo, devido à condição social, e a da infância, devido à idade”.

Em suma, a literatura infantil, como gênero, nasceu com Charles Perrault, mas, foi a partir das pesquisas linguísticas realizadas pelos Irmãos Grimm, que ela se constitui definitivamente e inicia sua expansão pela Europa e pelas Américas. Com um reflexo da identidade cultural alemã, quase dois séculos depois de Perrault, os Irmãos Grimm também coletam contos populares, ampliando, assim, a antologia dos contos de fada. Outros escritores também compõem o conjunto de autores da literatura infantil ocidental, dentre eles, destacamos: o dinamarquês Christian Andersen, o italiano Collodi, o inglês Lewis Carrol, o americano Frank Baum e o escocês James Barrie.

Na seção a seguir, continuamos com as nossas reflexões sobre a bela e milenar arte de contar histórias. A partir de conceitos e definições descritos por alguns teóricos, buscamos diferenciar o contador tradicional do novo contador de histórias, bem como, compreender o percurso trilhado por esses contadores, desde o contexto tradicional até o contexto contemporâneo.

1.2 Os contadores de histórias: da tradição oral ao contexto contemporâneo

Desde os tempos mais remotos os contadores de histórias se utilizam da oralidade para manifestar o seu poder de encantamento por meio das palavras. A transmissão oral, passada de geração em geração, resultou em uma solução para as comunidades que não possuíam a escrita, para repassar os seus saberes, valores e crenças às gerações mais recentes.

Dessa forma, os contadores eram vistos como pessoas notáveis, que se destacavam no grupo por serem os que tinham a sabedoria de aconselhar com fundamentos em fatos, histórias e mitos, mantendo viva a herança cultural pela memória da comunidade. Os contadores de histórias retiravam das suas vivências os conhecimentos para contar e encantar o povo.

Matias (2010, p.72) afirma que “a prática de contar histórias é ancestral; pode-se dizer que coincide com o próprio desenvolvimento da linguagem oral e que a partir de então adquiriu especificidades de acordo com a cultura e o momento histórico”. Nesse sentido, a arte de contar fascina desde o surgimento da humanidade até os dias atuais, ninguém resiste a uma boa

história, por mais que a sociedade passe por transformações e cada contador siga as tendências da sua época, as histórias sempre terão o seu lugar cativo na vida das pessoas.

No que concerne ao contador tradicional, podemos dizer que este se apropriava das histórias, convencia com a sua arte de narrar e através da sua performance dialogava diretamente com as emoções do seu público, despertando sentimentos e deixando marcas na memória do ouvinte. Nesse contexto, Sisto (2012, p. 65) define o contador de histórias da seguinte maneira:

O contador de histórias é um todo orgânico que se expressa pela voz, pelo corpo e pelas expressões faciais, como resultado de um estímulo que tem sua raiz no texto contado, mas previamente elaborado em termos de imagens, ritmo, movimentos, memória, emoção, silêncios e treinamentos. Sem deixar de levar em conta os acontecimentos fortuitos do ato de contar, a *performance* do contador em uma história deve ser resultado da sua leitura em profundidade, seu estudo e preparação para trazer a público da forma mais expressiva possível e mais plurissignificativa.

Nessa perspectiva, entendemos que a performance do contador faz toda a diferença no processo de conquista e interação com o público. Não se trata de teatralizar a história ou utilizar inúmeros recursos visuais ou gestos exagerados para chamar à atenção do público, falamos aqui da forma como o contador sente a história e se entrega a ela para tocar o ouvinte. Uma história bem contada envolve a plateia, prende a sua atenção, arranca risos, lágrimas e suspiros. Como nos lembra Abramovich (1987, p. 18) “Contar histórias é uma arte... e tão linda!!! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é nem remotamente declamação ou teatro... Ela é o uso simples e harmônico da voz”.

Ao discorrerem sobre a contação de histórias e os mecanismos de persuasão utilizados pelo contador na construção da sua performance, Santos e Silva (2016) assim definem o contador de histórias:

O contador, portanto, é aquele que se envolve com a história, que usa mecanismos para persuadir o seu ouvinte por meio da palavra empenhada, que estabelece um “contrato” com seu público e utiliza a autoridade da voz para estabelecer uma conexão entre ele próprio, a história que conta e seu público. Os mecanismos de persuasão utilizados pelo contador, por sua vez, estão intimamente relacionados com a maneira como conta, com o envolvimento que estabelece com a história narrada e, até mesmo, com o grau de identificação que mantém com o texto narrado. (ibid., p. 34, grifo dos autores)

Nesse seguimento, não adianta apenas o contador fazer uso das técnicas da contação de histórias, para impressionar o ouvinte, é necessário que ele acredite naquilo que está contando,

pois para ele o conto deve ser a palavra viva e que ao transmiti-la possa conduzir através da sua voz toda verdade do que está sendo contado.

Segundo Matos (2014, p. 1) “Os contadores de histórias são guardiões de tesouros feitos de palavras, que ensinam a compreender o mundo e a si mesmos. Eles semeiam sonhos e esperança.” De acordo com a autora, as histórias ensinam porque narram personagens do bem e personagens do mal, falam sobre heróis que passam por inúmeras provas até atingirem o que objetivam, narram animais que falam e agem como humanos, sempre nos transmitindo uma moral. Nessa linha, Tierno (2010) afirma:

O Contador de Histórias é aquele que *cultiva a atenção e a delicadeza*, que percebe seu corpo no espaço e o corpo do outro suspendendo o *automatismo da ação*. Mantém sempre abertos os olhos e os ouvidos. O Contador de Histórias é aquele que fala sobre o que lhe acontece. Sabe que para *cultivar a arte do encontro* é preciso, além de *calar muito e ter paciência, escutar aos outros*. (ibid., p. 22, grifo do autor)

De acordo com o pensamento do autor, aquele que conta história tem um ouvido mais apurado, sabe escutar melhor, escuta para contar depois às histórias que ouviu. Não importa o lugar, seja na praça, na igreja, em festas, em bares, seu ouvido persegue as histórias mais curiosas e no seu imaginário elas vão se desdobrando e ganhando outras direções. Acerca dessa ideia, Santos (2010, p. 115) reafirma e pontua:

O contador de histórias, ao se apropriar da voz de outros narradores, quer ouvindo ou lendo os relatos, faz a história, oriunda da cultura oral criar vida e voz, com timbres diferentes daqueles de onde surgiram tais narrativas. Dessa forma, a cultura oral alimenta o contador de histórias assim como a lenha alimenta a chama da fogueira.

Dessa forma acontecia com o contador tradicional, sem remuneração, sem figurino e sem um cenário produzido, ele contava nas calçadas ou nos terreiros, contava pelo simples prazer de repassar a sua arte, principalmente no meio rural, onde se reuniam vizinhos, amigos e parentes para se deleitarem com o maravilhoso que há na sabedoria popular. Dessa maneira, o conto adquiria a função de entreter, instruir e alegrar o coração dos ouvintes.

No contexto atual, a arte de contar ganhou uma nova roupagem. Patrini (2005, p. 56) afirma que “hoje, o conto tornou-se um fenômeno urbano e o contador faz da sua prática uma profissão”. A autora declara:

De qualquer maneira, o conto transmitido através da oralidade contemporânea não tem as mesmas funções de antigamente. O contador é mais solitário em

sua errância, menos portador de sabedoria e vive, a cada encontro com seu público, um sentimento de estranheza. Além da simples apreciação estética, o conto tem funções mais amplas e a prática do contador é, assim, renovada. (ibid., p. 69)

Nesse sentido, entendemos que o contador tradicional vive a permanência, a segurança, tem o seu papel bem determinado, enquanto que o novo contador, ou, contador urbano, como bem nos remete a autora supramencionada, busca sua estabilidade e procura conquistar o seu espaço através da sua arte. Apoiando-se no universo do oral e do escrito, o profissional da arte de contar vai se adaptando ao seu novo público, pois este também já não é mais o mesmo que antigamente.

A vida moderna fez com que o contador contemporâneo se adaptasse às novas tecnologias e as possibilidades trazidas por ela. Segundo Patrini (2005, p. 126), “hoje, o público também é atingido pelas transformações do romance, do cinema, da televisão, da multimídia e de todos os suportes contemporâneos da narração”. De acordo com a autora, a existência e a influência desses mecanismos na contação de histórias, indubitavelmente implicaram no surgimento de um novo público e de novas práticas culturais.

Contudo, Santos (2010, p. 120) reforça a importância e o poder que as histórias ainda exercem sobre nós e enfatiza que:

Por mais tecnologia que exista à nossa volta, o poder mágico das histórias ainda permanece. Contar histórias ainda é uma atividade que envolve as pessoas que se encontram ao redor do contador de histórias. Por mais atentas aos meios de comunicação de massa ou ao uso de computadores, quando iniciamos a contação, utilizando vozes, corpo, sons, cantigas, etc. até aquele mais resistente, aos poucos se vê fogado pelas tramas da história.

Nesse ponto de vista, podemos evidenciar que a tradição oral ainda permanece viva em nossa sociedade, por mais que se revelem as modificações ocorridas na arte de narrar ou por mais que se diga que os encontros noturnos na beira das calçadas tenham sido relegados ao plano da saudade. A cultura oral não perdeu a sua força, ela ainda é uma forma de expressão e transmissão de conhecimento. Assim, cabe ao contador estabelecer um vínculo de afetividade e aproximação com a sua plateia, por meio de uma linguagem espontânea, gestos corporais, ritmo e entonação da voz o conto vai ganhando sentido e, a partir daí o contador constrói uma interação imediata com o ouvinte.

Zarcatte (1987) destaca a importância do papel do ouvinte e por meio de uma metáfora ilustra a relação entre o contador, os ouvintes e o texto, na performance da poesia oral:

O contador é um capitão que tem um timão e o poder de guiar o barco, mas, se o público não soprar nas velas, ele vai ratear. Um contador é alguém que pode transportar todo o mundo com suas forças, mas sem a [participação] do público ele não vai muito longe. (ZARCATE, 1987, p.7 *apud* MATOS, 2014, p. 79)

Nessa perspectiva, percebemos que através das expressões demonstradas pelo público, sejam elas de espanto, alegria, surpresa ou até mesmo indignação, o contador se sente estimulado e essa reciprocidade vai os colocando em uma mesma sintonia. Através da performance, o contador envolve o ouvinte e por meio da imaginação o transporta para outro lugar. E assim, como cada contador imprime a sua personalidade para desenvolver a sua performance, cada ouvinte também vai sentir o conto de um jeito único, porque cada um tem uma experiência de vida, tem uma forma de enxergar e absorver os fatos. Como nos diz Matos (2014, p. 79) “dois ouvintes não ouvem da mesma maneira”, visto que cada um se diverte ou se emociona a seu modo, pois ninguém é tocado com a mesma intensidade.

No que se refere à performance do novo contador, Patrini (2005, p. 144) observa e analisa as técnicas utilizadas no momento da contação e ressalta:

Assim, parece-me importante centrar a atenção no conceito de performance, entendida como prática, enquanto um fator constitutivo da prática oral, que é decisiva para a eficácia de transmissão do conto. É a performance que permite ao receptor ligar-se à mensagem oral, outorgando identidade ao contador. É a performance que faz de uma comunicação oral um “objeto poético”, conferindo-lhe a identidade social através da qual a percebemos e a declaramos como tal. (ibid., p. 144, grifo da autora)

Como observa a autora, é a partir do discurso do contador, da sua interação com a plateia que percebemos que a recepção oral do conto pelos ouvintes se dá através da performance. É por meio da sua voz, dos gestos, dos movimentos e do olhar postos em cena durante a narrativa que o contador conquista o público e constrói a sua identidade.

Para Zumthor (1993, p. 222) “Performance é a ação vocal pela qual o texto poético é transmitido ao seu destinatário. Sua transmissão de boca a boca opera literalmente no texto, ela o efetua”. Nessa lógica, inferimos que para obter êxito em seu desempenho, o contador, antes de qualquer coisa, precisa se identificar com o conto, precisa ser tocado por ele para poder provocar o outro, pois o sucesso da performance depende dessa integração, daí a importância de o contador se apropriar da história para depois (re)contá-la.

Dessa forma, quando contador e ouvinte se permitem experimentar, quando ambos estão abertos à transformação, a performance acontece. Sobre a atuação do narrador, Matos e Sorsy

(2009) reforçam a ideia de que ela consiste na habilidade em que o contador tem em conduzir a palavra, imprimindo-lhe emoção, ritmo, expressividade, entonação e energia.

Cada contador deverá conhecer seus talentos e buscar seu estilo próprio. Há contadores que são músicos e usam canto, instrumentos, ritmos musicais para incrementar o conto; outros têm talento para envolver a plateia num jogo interativo em torno do que estão contando; outros, ainda, contam sem utilizar nenhum recurso além da própria voz. Todos eles podem ser igualmente muito bons no seu “jeito” de contar. Independentemente do estilo, o bom contador é aquele que nos emociona, nos faz refletir, nos diverte, sabe plantar em nosso coração a semente dos sonhos. Para que isso aconteça, mais importante que qualquer recurso cênico é construir a narrativa a partir da “atmosfera” do auditório, sentindo-lhe o pulso a cada imagem que lhe é entregue. O conto é, antes de tudo, a arte da relação que se estabelece entre o contador e seus ouvintes. (ibid., p. 140, grifo das autoras)

Por esse ângulo, consideramos que a forma com que os contadores contemporâneos narram as suas histórias é sempre performática, como bem afirmam as escritoras supracitadas, cada um explora os seus talentos da maneira que lhe convém. Sua preparação inicia-se com a escolha dos textos, alicerçados no impresso, o contador ao selecionar as suas histórias deve pensar no seu público alvo e, a partir de então, estudar, treinar e apresentar com naturalidade.

Nesse sentido, compreendemos que para ser um contador de histórias nos tempos atuais é preciso ter preparo, porém, vale ressaltar que contar história é uma arte que exige sensibilidade e poder de encantamento.

Como podemos perceber, a interação entre contador e público difere um pouco entre contadores tradicionais e os novos contadores de histórias. Conforme menciona Patrini (2005, p. 176) “O contador de ontem tinha um público fiel, ávido por aprender, por se divertir; o contador contemporâneo, ao contrário, transforma sua arte em espetáculo. No entanto, a validade efêmera dessas criações não as impede de terem um valor artístico.”

Seguindo essa linha de pensamento, reconhecemos que cada contador tem o seu estilo, tem a sua identidade. Seja inspirado na tradição oral, seja fazendo uso de recursos como fantoches, instrumentos musicais, painéis, teatro ou outros artifícios que o contador tem na hora de narrar, o mais importante é que por intermédio da palavra ele encante e exercite no seu público o prazer de ouvir.

Em suma, como demonstramos ao longo do texto, existem algumas diferenças entre o novo contador e o contador tradicional, o primeiro se baseia no texto escrito, no artístico. Ele mostra imagens, se ele contar diversas vezes a mesma história, por mais que se mude um detalhe ou outro, será sempre da mesma forma, enquanto o contador tradicional tem o seu foco no oral,

no que ele ouviu, mesmo contando por inúmeras vezes uma mesma história, a emoção será diferente. Ele não apresenta as imagens, faz com que os ouvintes as criem e vá desenhando na sua imaginação.

Como o foco desta pesquisa é o conto de tradição oral, na próxima seção, enfocaremos o conto popular para evidenciar a relevância e poder que as histórias criadas e contadas pelo povo exercem sobre nós.

1.3 O conto popular

Ricardo Azevedo na construção do prefácio do livro *Literatura Oral para a Infância e Juventude*, idealizado por Lisboa (2002), discorre acerca das manifestações da cultura popular e afirma que:

As manifestações das chamadas culturas “populares” – melhor chamá-las assim, pois, na verdade, constituem um conjunto bastante heterogêneo e diversificado – podem ser populares por estarem enraizadas em costumes e tradições do povo, assim como na vida rural ou não urbana; por estarem à margem de uma certa cultura oficial e hegemônica; por serem cultivadas por gente analfabeta ou com baixo grau de instrução; por serem mantidas na memória e transmitidas oralmente; por, em geral, não apresentarem autores definidos; por abordarem temas recorrentes de interesse coletivo; por terem, não poucas vezes, o “maravilhoso” como perspectiva e pressuposto; por serem fruto de um pensamento que tende à contextualização (ao contrário do pensamento analítico – com o qual estamos acostumados – que descontextualiza); enfim, por serem criadas a partir de outros padrões cognitivos, éticos e estéticos. (ibid., p. 9, grifos do autor)

Em concordância com o pensamento do autor, ressaltamos o quanto essas manifestações populares são importantes para construção e valorização da nossa história. Detemo-nos aqui ao conto popular por ser um tipo de texto que tem relação com a cultura de um povo, expressando em suas narrativas costumes, tradições, crenças e explicações.

Por muito tempo, o conto popular tem sido posto em lugar de inferioridade em relação ao conto erudito. De autoria anônima e com sua principal marca na oralidade, o conto popular, foi alvo de preconceitos e de uma concepção errônea de que o oral é menos relevante em comparação ao escrito. No entanto, em razão dos estudos realizados, tanto no campo da crítica literária como na observação de comportamentos e manifestações, a literatura oral é considerada, hoje, uma importante fonte de pesquisa.

Colomer (2017, p. 134) afirma que “os estudos sobre o relato e a narrativa encontram nos contos populares uma fonte inestimável sobre as características essenciais do relato literário como forma de expressão humana”. Desse modo, o conto popular, pode desempenhar a função

de ensinar, dar bons exemplos, falar de alegrias, tristezas, enfim, abordar várias situações e aspectos da vida.

Para Leal (1985, p. 12) “O conto popular é uma expressão que pertence a este contexto de sonho e fantasia, de magia e de mistério; ele é parte da fala do povo, um canto harmonioso dirigido ao mistério das coisas.” Nessa perspectiva, o conto assume a responsabilidade de entreter, de preencher momentos de descontração e, ainda nos mostram modelos de comportamento e transmissão de valores próprios de uma sociedade.

Pereira (2012, p. 264) também nos traz uma definição para o conto popular e afirma que este “é um conto que se diz e se transmite oralmente, fazendo parte do folclore verbal, como fábulas, lendas e mitos. Além do mais, é um relato, diferentemente dos provérbios, piadas, cantigas etc. É um relato de acontecimentos fictícios, com finalidade de divertimento”.

Segundo Simonsen (1987), o mito, a gesta ou saga, o conto, a lenda, a anedota são os principais gêneros narrativos populares simbolizados na Europa. Para distingui-los, a autora utiliza-se de uma tabela para destacar traços essenciais como atitude, forma, protagonistas e função social.

Gêneros	Atitude	Forma	Protagonistas	Função social
Mito	Verdade	Poesia	Divindades, heróis	Rito
Gesta	Verdade	Poesia	Seres humanos, clã, linhagem	Política/ divertimento
Lenda	Verdade	Prosa	Divindades, seres sobrenaturais, santos, seres humanos	Lição moral ou sapiencial
Conto	Ficção	Prosa/fórmulas rimadas	Seres humanos, seres sobrenaturais, animais	Divertimento
Anedota	Verdade	Prosa	Seres humanos	Informação/ divertimento

Tabela 1: Critérios de comparação entre os principais gêneros narrativos populares (SIMONSEN, 1987, p. 6)

A partir da análise desse quadro, podemos perceber os pontos de diferença e de semelhança entre os gêneros narrativos e para acrescentar informações, Simonsen (1987, p.6) assim os caracteriza:

- O conto é, pois, um relato em prosa de acontecimentos fictícios e dados como tais, feito com a finalidade de divertimento.
- O mito, ligado um ritual, tem um conteúdo cosmogônico ou religioso. Simboliza as crenças de uma comunidade, e acontecimentos fabulosos que ele narra são tidos como verídicos.
- A gesta ou saga, relato em versos de acontecimentos tidos como verídicos, e tem por assunto os efeitos de um clã ou de uma linhagem.
- A lenda, relato de acontecimentos tidos como verídicos pelo locutor e seu auditório, é localizada: as definições de tempo e lugar integram o relato.
- A anedota conta acontecimentos verídicos de alcance restrito, na maioria das vezes individual.

De acordo com a autora supracitada, cada gênero é reconhecido por suas características formais, seus registros temáticos e seus usos sociais. Desse modo, o conto popular está relacionado ao ato de contar, por conseguinte, à tradição oral, às cenas fictícias, ao passatempo.

Câmara Cascudo (2004), pesquisador do folclore e da etnografia no Brasil, aponta como características essenciais do conto popular a antiguidade, o anonimato, a divulgação e a persistência. Segundo este autor, “É preciso que o conto seja velho na memória do povo, anônimo em sua autoria, divulgado em seu conhecimento e persistente nos repertórios orais. Que seja omissos nos nomes próprios, localizações geográficas e datas fixadoras do caso no tempo.” (ibid., p. 13).

O autor elucida que o conto popular carrega consigo a cultura da localidade onde foi criado e como o conhecimento repassado de geração em geração é armazenado na memória, os mais velhos adquirem essa sabedoria e repassam para os mais novos a riqueza cultural do seu povo. Em vista disso, o ouvinte/leitor poderá usufruir de ambientes, conhecer expressões e costumes perdidos no tempo.

Para Cascudo (2004, p.13) raros são os contos que fazem referências a armas de fogo, sempre falam de “carruagem, espada, transportes a cavalo, reclusão feminina, autoridade paterna, absolutismo real”. Um conto folclórico ou popular traz em suas temáticas ilustrações de tradição do passado, mas que dialogam com a narração atual.

Quanto à classificação do conto popular, os estudiosos do assunto relatam que sempre existiram diferenças. Leal (1985) destaca os estudos do estruturalista russo Wladimir Propp, que em sua *Morfologia do Conto*, recorda o fracasso dos folcloristas e etnógrafos europeus que tentaram de maneira ineficaz classificá-los.

Simonsen (1987, p. 7) relata a dificuldade de classificação dos contos populares e diz que os folcloristas tentaram classificar os contos de acordo com critérios heterogêneos, ou então em demasiadas subdivisões. A autora faz alusão ao catálogo francês Delarue-Tenèze, seguindo o uso estabelecido pelo catálogo internacional Aarne-Thompson, o qual adota a seguinte

classificação: Contos propriamente ditos (contos maravilhosos, contos realistas ou novelas, contos religiosos, histórias de ogros estúpidos), contos de animais e contos humorísticos.

Em seu livro, *Introdução à literatura infantil e juvenil atual*, Colomer (2017) recorre à classificação dos contos populares do estudioso de folclore Stith Thompson (1955 - 1959), um dos criadores do Sistema de classificação de Aarne-Thompson, para cada classificação a autora atribui a seguinte definição:

O conto de fadas ou conto maravilhoso: Refere-se a um relato com elementos fantásticos, situado em um mundo irreal, de origem anônima e transmissão oral, no qual costumam aparecer personagens com poderes especiais, tais como fadas, ogros, bruxas, duendes etc.

A novela: palavra de origem italiana que designa um relato transcorrido em um mundo real e definido que lembra as formas literárias empregadas no *Pachatandra* hindu.

Os contos heroicos: relatos extraordinários de lutas levadas a cabo por um herói determinado, seja histórico ou imaginário, e organizados em formas de ciclos, por exemplo, o ciclo do rei Artur na Bretanha.

As lendas: são relatos extraordinários que se contam como sucedidos em um lugar concreto e se vinculam, portanto, com um lugar, edifício ou acidente geográfico. Podem ser tipo realista (uma guerra), maravilhoso (como a construção de uma ponte por parte do diabo) ou religioso.

O conto etiológico: pretende explicar a origem ou as características de algo: a aparição da população humana, a forma de um animal, o sal do mar etc.

O mito: é um conceito usado em amplo e variados sentidos. Aqui se refere a um relato que acontece em um mundo anterior ao atual e, embora possa parecer-se ao conto heroico ou etiológico, tem sempre um significado religioso; por exemplo, os mitos gregos, como o de Prometeu etc.

Os contos de animais: são relatos que narram a astúcia ou estupidez de um animal, frequentemente em relação à sua necessidade de saciar a fome, com a intenção de fazer rir; por exemplo, as aventuras de raposas, tão comuns na narrativa medieval e que deram lugar ao *Roman de Renard*.

A fábula: com alguma exceção (como a da leiteira), é um conto de animais que tem o propósito de educação moral, geralmente explícito; por exemplo, as fábulas de Esopo, no século VI a.C.

O chiste ou a facécia: é um relato muito curto, do tipo cômico, obsceno ou absurdo. (ibid., p. 135 - 136, grifo nosso)

Diante do exposto, podemos perceber que o Sistema de classificação de Aarne-Thompson, adotado aqui pela autora, divide os contos em unidades temáticas, ou seja, a classificação decorre de acordo com o tipo de enredo e o tipo de personagem retratado pela narrativa.

Segundo Leal (1985), no Brasil, as tentativas de classificação dos contos populares também foram confusas e polêmicas, a exemplo, o autor menciona alguns escritores, dentre os quais, destaca: Sílvio Romero, que ao invés de classificar os contos, dividiu-os em contos de origem europeia, contos de origem indígena e contos de origem africana. Gustavo Barroso

divide os contos populares em ciclo dos Bandeirantes, ciclo dos Caboclos e histórias, fábulas e lendas. Lindolfo Gomes que também nos fala em ciclos, ciclo do Pai João, ciclo de São Pedro, ciclo do Diabo, ciclo do coelho e da onça, contos maravilhosos, contos populares e religiosos.

Cascudo (2004) divide 100 contos populares em 12 seções e utilizando o critério de uma tentativa de sistematização os classificam em: contos de encantamento, contos de exemplo, contos de animais, facécias, contos religiosos, contos etiológicos, demônio logrado, contos de adivinhação, natureza denunciante, contos acumulativos, ciclo da morte e tradição. De acordo com Leal (1985), de todas as classificações feitas pelos folcloristas brasileiros, a mais aceita foi a de Cascudo (2004), embora esta também apresente suas contradições.

Matos e Sorsy (2009) também discorrem sobre a falta de consenso no que diz respeito à classificação dos contos populares e assim como Simonsen (1987) destacam que os critérios utilizados pelos folcloristas não são homogêneos. Mesmo não tendo a intenção de adotar uma classificação específica para o gênero em estudo, as autoras selecionam: os mitos; os contos maravilhosos, fábulas, apólogos e contos de animais; lendas, sagas, epopeias e contos etiológicos; contos acumulativos e histórias sem fim; contos de assombração e contos de fazer medo; os contos do demônio logrado; os contos da morte; facécias, contos humorísticos, anedotas e piadas; os causos. Partindo do levantamento de suas principais características, as escritoras exploram nesses contos suas possíveis finalidades e aplicabilidades.

Diante do exposto, percebemos o quanto os temas retratados nos contos populares são variados, por esse motivo, tornam-se possíveis suas diversas classificações. Simonsen (1987), em seus estudos acerca do conto popular, acrescenta:

A tipologia do conto da tradição oral, que à primeira vista pode parecer muito heterogênea, reflete a importância da *ficticidade* como caráter distintivo. O conto é antes de tudo um relato *não-tético*, que não afirma a realidade do que ele representa mas, ao contrário, procura mais ou menos deliberadamente destruir “a ilusão realista”. (ibid., p. 9, grifo da autora)

Nessa perspectiva, o conto popular é um tipo de texto que faz referência a uma narrativa breve e fictícia, e mesmo tendo a fantasia, a imaginação e o maravilhoso como pressuposto, traduz a realidade das comunidades por onde eles circulam.

No que concerne ao contexto escolar, o trabalho com o conto de tradição oral pode se configurar como uma oportunidade para desenvolver a criatividade e o pensamento crítico dos alunos, bem como, despertar a curiosidade e promover um maior conhecimento e valorização da sua cultura. Sem contar que sua utilização pedagógica abrange não só as práticas voltadas para a leitura e a escrita, mas, principalmente, para a oralidade.

No capítulo a seguir, discorreremos sobre os caminhos e impasses dispostos ao longo dos anos para realização de um trabalho significativo com o texto literário. Inicialmente, construímos um breve contexto histórico da literatura infantil e juvenil e sua relação com a pedagogia na literatura para crianças e jovens. Em seguida, discutimos sobre o ensino da literatura e a importância da leitura literária para a formação de futuros leitores. E, por último, chamamos a atenção para a importância do trabalho com a oralidade em sala de aula. Sempre enfatizando a contação de histórias como uma metodologia que deve ser valorizada no ambiente escolar, pois esta, quando desenvolvida com eficácia tem a capacidade de potencializar a imaginação, a linguagem, a memória, o gosto pela leitura e outras habilidades humanas.

2 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E FORMAÇÃO DE LEITORES: CAMINHOS E IMPASSES

2.1 Literatura infantil e juvenil e sua conexão com a escola

A existência da literatura infantil e juvenil como gênero literário é recente. Começa a delinear-se em meados do século XVII, quando a infância passa a ser considerada como um estágio diferenciado da vida adulta, pois, durante muitos anos, a literatura não foi feita pensando nas diferenças em relação às fases do desenvolvimento humano.

Sobre a produção da literatura para crianças, entre os séculos XVII e XVIII, Zilberman (2003) afirma que:

Antes disso, não se escrevia para elas, porque não existia “infância.” Hoje, a afirmação pode surpreender; todavia, a concepção de uma faixa etária diferenciada, com interesses próprios e necessitando de uma formação específica, só aconteceu em meio à Idade Moderna. A mudança se deveu a outro acontecimento da época: a emergência de uma nova noção de família, centrada não mais em amplas relações de parentesco, mas num núcleo unicelular, preocupado em manter sua privacidade (impedindo a intervenção dos parentes em seus negócios internos) e estimular o afeto entre seus membros. (ibid., p. 15, grifo da autora)

De acordo com a autora supracitada, a literatura infantil e juvenil se constrói sob três pilares: família, igreja e escola. Naqueles períodos, a escola colaborava para a solidificação política e ideológica da burguesia, enquanto a família se estabilizava através da divisão do trabalho entre seus membros, cabendo ao pai o sustento financeiro e à mãe, a gerência da vida doméstica. E é diante desse novo modelo de família burguesa que a infância ganha interesses específicos, a criança deixa de ser percebida como um adulto em miniatura e passa a ser vista como um ser que precisa de maiores cuidados dos pais, bem como ser considerada em suas peculiaridades.

Mendes (2000, p. 54) também discorre acerca do processo histórico da literatura infantil e juvenil e nos mostra que:

A infância como fase especial da vida, em que o ser humano recebe um tratamento diferenciado, realmente é um conceito que só se passou a existir com a ascensão social da burguesia. Classe emergente, a burguesia viu na educação dos pequenos a oportunidade de que necessitava para perpetuar sua ideologia, e na literatura infantil, a melhor forma de realizar esse intento.

Nesse cenário, o tipo de literatura produzida para o público infantil e juvenil era subsidiado pela burguesia e possuía caráter utilitário, isto é, estava associado a preceitos morais e didáticos, e tinha como propósito repassar conceitos e regras de condutas sociais. Como afirma Cademartori (2010, p. 24), “O caráter formador da literatura infantil vinculou-a, desde sua origem, a objetivos pedagógicos”.

Para Aguiar (2011), a literatura infantil também é vista como uma modalidade literária tardia, já que até o período medieval, a criança exercitava-se para a vida adulta dentro de uma cultura predominantemente oral. A autora enfatiza a necessidade do surgimento de investimentos para a educação infantil e, dentre os materiais pedagógicos, destaca o literário, que se converteu em livro de leitura de uso escolar. Sobre a aparição da obra, a escritora menciona: “Assim concebida, a obra teve desviada sua função estética e passou a servir a propósitos educacionais restritos. E aqui se localiza o pecado original da literatura infantil: ter nascido comprometida com a educação, em detrimento da arte.” (ibid., p. 243).

Nesse contexto, surgem no final do século VXII os primeiros livros voltados para o público infantil. Adotados pela escola como instrumentos pedagogizantes, estes livros eram explorados com o intuito de ensinar comportamentos e doutrinar as crianças. No contexto brasileiro, de acordo com Zilberman (2014), no final do século XIX, o país passava por inúmeras mudanças, a ascensão da classe média urbana reivindicava por maior liberdade política, melhores negócios, dinheiro mais acessível, novas iniciativas educacionais. Incorporados a esse processo, aparecem os livros para crianças, instituindo assim, uma nova necessidade de mercado livreiro que passou a requerer dos autores a necessária prontidão para atender aos pequenos novos leitores.

A questão é que no país ainda não se escrevia para o público infantil, os nossos escritores não tinham uma referência nacional para seguir. Diante desse problema, Zilberman (2014, p.15) aponta algumas saídas:

- traduzir obras estrangeiras;
- adaptar para os pequenos leitores obras destinadas originalmente aos adultos;
- reciclar material escolar, já que os leitores que formavam o público crescente eram igualmente estudantes e habituavam-se a utilizar o livro didático;
- invocar a tradição popular, confiando que as crianças gostariam de encontrar nos livros histórias parecidas àquelas que mães, amas de leite, escravas e ex-escravas contavam em voz alta, desde quando elas eram bem pequenas.

Esta última saída listada pela escritora supramencionada mostra a importância da literatura oral na formação da criança e dos jovens. Sandroni (1987, p. 34) reafirma essa

relevância da oralidade quando ressalta: “Os depoimentos de nossos escritores em seus livros de memórias mostram o quanto a própria ama importou na formação cultural e ampliou a imaginação”.

Em relação aos estudos de literatura infantil e juvenil, Colomer (2017, p. 31) também dá destaque ao popular e declara:

A arraigada ideia de que os livros infantis servem basicamente para a formação moral da infância levou a analisar, sobretudo, os valores transmitidos pelos contos. No entanto, se aumentasse a atenção dedicada a pensar que, ao mesmo tempo, os livros servem para aprender a ler literariamente, a literatura infantil poderia ser julgada também pelos parâmetros de sua eficácia nesta tarefa.

Nesse contexto, a autora defende que os contos populares sobreviveram até hoje por serem considerados relatos literários eficazes e simples que favorecem tanto sua fixação no imaginário coletivo como na educação literária das crianças. Para a escritora, “os contos populares são as produções literárias que mais influenciaram a formação da literatura infantil.” (ibid., p. 134).

Vale lembrar que, antes do século XVIII, o ensino era restrito à elite, só os sujeitos pertencentes à classe dominante liam os clássicos da literatura, orientados por pais e preceptores, as crianças e jovens das classes mais populares tinham contato mesmo com a literatura oral, mantida pela tradição de seu povo e difundida pelos mais velhos. Neste sentido, Sandroni (1987, p. 33) afirma:

A literatura oral é sempre fonte inesgotável dos escritores e a brasileira se apresenta muito rica. Mistura da portuguesa trazida pelos primeiros colonos, com a mitologia e tradições indígenas dos autóctones e enriquecida pela contribuição africana, era extremamente viva na razão inversa à própria falta de literatura escrita.

De acordo com a autora acima citada, a literatura infantil e juvenil em sua forma impressa permanece regida no Brasil pela metrópole até o aparecimento de Monteiro Lobato, o primeiro a conseguir uma obra de ficção com características literárias. Com a publicação de *A Menina do Narizinho Arrebitado*, em 1921, Lobato inaugura a fase literária da produção brasileira destinada a crianças e jovens. O escritor inovou a temática das histórias infantis, oferecendo às crianças histórias criativas e emocionantes que despertaram o sonho e a magia através do mundo de faz-de-conta.

Conforme Sandroni (1987), Lobato percebeu que o pensamento da criança era diferente do pensamento do adulto, então ele criou todo um universo infantil enriquecido pelo folclore, marcado pelo nacionalismo na atuação das personagens e por uma linguagem mais próxima da popular. O autor conseguiu trazer para dentro de seus registros elementos do cotidiano da vida simples do brasileiro, do caipira. O regionalismo foi sua marca mais evidente. Sobre este autor, Cademartori (2010, p.54) nos diz:

Monteiro Lobato cria, entre nós, uma estética da literatura infantil, sua obra constituindo-se no grande padrão do texto literário destinado à criança. Estimula o leitor a ver a realidade através de conceitos próprios. Apresenta uma interpretação da realidade nacional nos seus aspectos social, político, econômico, cultural, mas deixa, sempre, espaço para a interlocução com o destinatário.

Em suas obras, Lobato mescla realidade e fantasia, pois, ao mesmo tempo em que elas nos divertem também nos trazem ensinamentos, exprimindo na literatura finalidades didáticas, visto que, até nas histórias de caráter ficcional, estão inseridas instruções e informações.

Atualmente, temos uma vasta produção literária para crianças e jovens que não se preocupa apenas com o fazer pedagógico, mas que tem como função principal o lúdico. Assim, a criança passa a ser vista como um ser em formação que se prepara para vida por meio de uma literatura que mostra o mundo em construção.

Sobre essas mudanças ocorridas na produção da literatura infantil e juvenil, Costa (2009, p.143) declara:

Hoje, as funções da literatura infantil no Brasil estendem-se para além da educação formal. Informar e educar passam a ser pano de fundo do interesse de autores e obras. Passam a primeiro plano o conhecimento do próprio indivíduo-leitor e de sua atuação enquanto lê, o entretenimento, o experimentalismo na linguagem narrativa, o lúdico e a aventura do conhecimento humano.

Desse modo, entendemos que a literatura produzida para crianças e jovens é resultado das transformações sociais. Embora a literatura infantil e juvenil, ao longo dos tempos, tenha sido utilizada com objetivos pedagógicos, vale ressaltar que além dessa função, a literatura passou a ser vista com outro olhar. Atualmente, percebemos em muitas escolas, professores valorizando a oralidade em sala de aula e dando a devida relevância ao texto literário, reconhecem o livro como forma de entretenimento e fruição.

No tópico a seguir, daremos continuidade à discussão sobre o ensino da literatura infantil e juvenil e da sua ligação com a pedagogia. Bem como, faremos algumas reflexões acerca da

relevância da leitura literária para a formação do futuro leitor e a forma como o texto literário vem sendo apresentado em sala de aula.

2.2 A formação do leitor literário

Podemos considerar que a literatura infantil e juvenil é fundamental para a formação de leitores, considerando-se que esse tipo de literatura é voltado para crianças e jovens, em fases cruciais para os leitores desenvolverem o gosto pela leitura e a competência leitora.

Conforme Colomer (2017, p. 20), “uma das funções da literatura infantil e juvenil é a de abrir a porta ao imaginário humano configurado pela literatura”. Partindo desse pressuposto, entendemos que o ensino de literatura, em especial a infantil e juvenil, deve ser desenvolvido com a finalidade de estimular a imaginação, de sensibilizar e de ampliar os horizontes do sujeito leitor.

No entanto, sabemos que a pedagogia sempre esteve presente na história da literatura, visto que os textos literários eram usados quase exclusivamente como propagadores de preceitos e normas de comportamento, com finalidade de educar crianças e jovens. E essa questão nos faz refletir sobre as controvérsias que estudiosos e pesquisadores buscam definir a quem pertence à literatura, se à arte ou à pedagogia.

Zilberman (2003, p. 26) declara que “a literatura infantil atinge o estatuto de arte literária e se distancia de sua origem comprometida com a pedagogia, quando apresenta textos de valor artístico a seus pequenos leitores”. Cademartori (2010, p. 13) define a literatura infantil como um gênero situado em dois sistemas: “no sistema literário, é uma espécie de primo pobre. No sistema da educação, ocupa lugar mais destacado, graças ao seu papel na formação de leitores, que cabe à escola.” Nesse sentido, podemos perceber critérios estéticos e pedagógicos na definição que as duas autoras fazem da literatura para crianças.

A respeito do ensino da literatura na atualidade, Zilberman (2008, p. 22) nos mostra que este não é “mais a transmissão de um patrimônio já constituído e consagrado, mas a responsabilidade pela formação do leitor”. Para tanto, é essencial que a relação do leitor com a literatura seja uma experiência prazerosa e que tenha por finalidade formar aluno com pensamento crítico e consciente.

Nesse âmbito, observamos que há uma preocupação dos profissionais da educação em propagar a leitura sem um propósito educativo, sem anular a beleza dessa atividade. Bazzo (2016, p. 109) ressalta que para ensinar as crianças a lerem, muitos professores fazem uso de

várias estratégias, dentre as quais a autora destaca: “a roda de leitura, a contação de histórias, a leitura de livros, o sistema de malas ou sacolas de leitura, de casinhas de leitura, de cantinhos, de mostras literárias e de brincadeiras com livros”. E essas diversificadas estratégias de leitura que valorizam a magia das histórias podem favorecer a formação leitora.

Cosson (2020) nos chama a atenção para o conhecimento dos vários modos da leitura literária e da necessidade de uma maior abertura no tratamento do texto literário dentro e fora da escola. E para demonstrar esses modos de ler, o autor discorre acerca da leitura silenciosa, a leitura meditativa, a leitura para crianças antes de dormir, a hora do conto, a sacola de leitura, o coro falado, a dramatização e a contação de histórias como práticas de leitura que contribuem para o diálogo com a leitura literária. Dentre as práticas mencionadas, enfatizamos a contação de histórias, segundo Cosson (2020, p. 112) podemos reconhecer esta atividade como “uma forma privilegiada de ampliação da criatividade e do senso crítico, incorporação de modelos narrativos, incentivo à leitura, promoção de valores e crescimento emocional”.

Nesse seguimento, a contação de histórias assume uma função bem mais relevante do que a de acalmar e entreter as crianças, ela auxilia na formação do futuro leitor. Nessa mesma perspectiva, Stocker (2014, p. 65) afirma que:

A contação de histórias contribui e age na formação das crianças em áreas distintas. Contribui no desenvolvimento intelectual, pois desperta o interesse pela leitura e estimula a imaginação por meio da construção de imagens interiores e dos universos da realidade e da ficção, através dos cenários, personagens e ações narradas em cada história.

A contação de histórias, quando trabalhada sem cobranças, sem punições, ou seja, quando desenvolvida para deleite, é um momento mágico, que envolve, traz alegria, esperança, emoção, afeto, faz o enredo e personagens ganharem vida, transforma tanto o narrador como o ouvinte. Dessa forma, movido pelo prazer, nascerá nesse ouvinte o desejo de ouvir, de ler e de descobrir outras histórias. Afinal, “não se força uma curiosidade, desperta-se” (PENNAC, 1993, p. 121).

Contudo, ainda há professores que medeiam a leitura do livro literário por meio de metodologias que não são eficientes na atração de leitores. Costumeiramente, as aulas que envolvem a leitura, a compreensão e a interpretação textual são aquelas em que o aluno lê o texto em silêncio ou o professor nomeia alguns alunos para fazerem a leitura em voz alta e, normalmente, faz perguntas já com suas respostas explícitas no texto, ou, ainda, usam o texto literário como pretexto para explorarem questões linguísticas, ou, simplesmente para repassarem um valor moral.

Tomando essa relação entre literatura e escolaridade, Soares (2011) defende que não há como evitar que a literatura infantil e juvenil, assim como qualquer literatura, ao se tornar saber escolar, se escolarize.

O que se quer deixar claro é que a literatura é *sempre inevitavelmente* escolarizada, quando dela se apropria a escola; o que se pode é distinguir entre escolarização *adequada* da literatura - aquela que conduza mais eficazmente às práticas de leitura que ocorrem no contexto social e às atitudes e valores que correspondem ao ideal de leitor que se quer formar – e uma escolarização inadequada, errônea, prejudicial da literatura – aquela que antes afasta que aproxima de práticas sociais de leitura, aquela que desenvolve resistência ou aversão à leitura. (ibid., p. 24 - 25, grifo da autora)

Dessa maneira, Soares (2011) não condena essa escolarização, o que a autora desaprova é a forma como ela está sendo realizada no ambiente escolar. Assim, a instituição deveria buscar uma adequada escolarização da leitura literária, propiciando a criança uma vivência do literário, conduzindo práticas de leituras literárias mais eficazes, a fim de formar leitores assíduos e diminuir a tensão existente entre o discurso pedagógico e o discurso estético no processo de escolarização.

Em consonância com a autora supramencionada sobre essa incorporação da literatura às suas atividades de ensino e aprendizagem, Cosson (2018, p. 23) elucida:

A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que afirma seu poder de humanização.

Nesse âmbito, entendemos que a escola ainda apresenta falhas quanto ao ensino de literatura, por mais que se tenha crescido o número de profissionais que se preocupam em prestigiar a leitura literária em sala de aula, é possível perceber mediadores de leitura que não experimentaram a beleza estética e artística do texto literário.

Nesse sentido, Azevedo (2005) nos faz uma alerta quando diz que para formar leitores não basta pais, parentes ou professores recomendarem e elogiarem a leitura, indicarem nomes de livros e escritores, defenderem a importância dos livros, se estes não são verdadeiramente leitores do texto literário, se não apreciam a literatura, nem sequer sabem utilizar os livros em benefício próprio.

Ao longo da sua história, a escola vem promovendo o contato do aluno com o texto literário nos diversos segmentos do ensino. A literatura é apontada como campo de aprendizagem e um dos eixos estruturantes da prática educativa, em parâmetros curriculares,

diretrizes de ensino e vários outros documentos oficiais brasileiros, criados para orientar o trabalho didático.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que é referência obrigatória para elaboração dos currículos escolares e propostas pedagógicas para a Educação Básica no Brasil, prevê a formação do leitor-fruidor ao longo de todas as etapas escolares. Dentre as dez competências específicas de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental presentes neste documento, a nona enfatiza o poder transformador e mobilizador da literatura.

Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura. (BRASIL, BNCC, 2017, p. 85)

Nessa competência, a literatura é apresentada como um elemento cultural que pode favorecer o desenvolvimento da fruição estética, possibilitando ao professor promover o texto literário em sala de aula e potencializar os valores humanistas e mobilizadores tão necessários à formação do leitor.

Entretanto, ainda observamos na nossa prática docente muitos professores fazendo uso de um poema, por exemplo, apenas para trabalhar a fluência, a velocidade de leitura da criança. Nesse caso, a obra literária perde o seu caráter artístico e passa a ser vista como um mero processo de decodificação.

De acordo com Soares (2011), compreendemos que a decodificação é o primeiro passo para obter a leitura, a consideramos como essencial para a automatização do processo de leitura, é necessária, mas não suficiente para a realização de uma leitura crítica. Decodificar centra-se no desenvolvimento da alfabetização, enquanto a compreensão faz parte de um curso que acompanhará o indivíduo por toda a vida.

Nessa perspectiva, é imprescindível ajudar a criança em processo de alfabetização, ou mesmo não alfabetizada, a perceber a leitura como um ato prazeroso e necessário, que ela entenda que pode ter acesso à fruição antes mesmo de aprender a decodificar. Ouvir histórias, acompanhar as leituras feitas por outras pessoas, manusear os livros tentando descobrir o que está escrito, são práticas que atraem o gosto e o hábito pela leitura literária.

Em relação ao propósito de cativar o leitor ainda no início de sua escolarização, Costa (2007, p. 45) acrescenta:

O início do contato com a leitura e a literatura remonta aos primeiros dias de vida da criança. Na escola, desde o primeiro dia de sua entrada, a criança precisa ser exposta ao contato com histórias e poemas, contados oralmente pelo professor ou mostrados em livros ao alcance dos olhos e do manuseio da criança. A criação de um ambiente favorável à leitura irá pouco a pouco construindo na mente infantil a imagem de uma atividade enriquecedora e prazerosa.

Quando a criança é seduzida pelas obras literárias ainda nas séries iniciais e a escola continua estimulando essa leitura de deleite nas séries seguintes, não tardará para que perceba a utilidade dos livros e o prazer que eles trazem para a formação do indivíduo e do seu intelecto. Entretanto, quando essa leitura perde o encantamento, torna-se algo maçante e sem sentido. Como consequência, as leituras passam a ser vistas como tarefas difíceis, tediosas e carregadas de temáticas distantes da realidade do discente.

Diante disso, faz-se necessário pensar a formação do leitor desde os anos iniciais, e um dos instrumentos que faz parte desse processo é a literatura infantil e juvenil gênero que, em sua diversidade de textos, faz parte do universo da criança desde os primeiros dias de vida. Além do mais, é de suma importância que desde o princípio, o indivíduo conviva com bons materiais de leitura, pois ainda que não decodifique o que está escrito, já é o “pontapé” inicial para se fazer a construção do sentido.

Nesse seguimento, é importante lembrar que a leitura é, antes de tudo visual, auditiva. A criança não nasce decodificando, ela começa lendo imagens, movimentos, tons de voz, cores, símbolos. A literatura infantil e juvenil acompanha esse desenvolvimento das múltiplas leituras ao longo da nossa formação como indivíduos e leitores com sua diversidade de textos. E é papel da escola oferecer o espaço necessário para o desenvolvimento desta prática, pois para muitos alunos, é o único lugar onde há livros.

Contudo, cabe ao professor incentivar a leitura dentro e fora da sala de aula. Leitura esta que tenha uma finalidade, que tenha propósitos voltados para uma leitura mais significativa. Não se trata de cobrá-la em resumos ou fichamentos, diz respeito ao simples prazer da fruição, da descoberta que a literatura proporciona. Ler em diversos lugares, suportes e materiais de texto (jornal, livro, revistas). Todas essas práticas de leitura socialmente construídas são e devem ser aprendidas e exercitadas na escola.

Em seus relatos, Geraldi (2003, p. 98) reforça o ato de ler por ler, por mera fruição e declara que: “recuperar na escola e trazer para dentro dela o que se exclui por princípio - o prazer – me parece o ponto básico para o sucesso de qualquer esforço honesto de ‘incentivo’ à leitura”.

Prosseguindo com essa mesma linha de pensamento, recorremo-nos a Pennac (1993, p. 121) que também discorre acerca da formação do leitor-fruidor ao afirmar que:

Uma só condição para se reconciliar com a leitura: não pedir nada em troca. Absolutamente nada. Não erguer nenhuma muralha fortificada de conhecimentos preliminares em torno do livro. Não passar o menor dever. Não acrescentar uma só palavra àquelas das páginas lidas. Nada de julgamento de valor, nada de explicação de vocabulário, nada de análise de texto, nenhuma indicação biográfica...

Nesse contexto, entendemos que é com foco na leitura por fruição que o professor pode e deve investir, mostrando ao aluno a beleza e o encantamento que os livros e as histórias propiciam. Para isso, faz-se necessário que o professor perceba o interesse de seus alunos para despertar neles o gosto de ler, e essa tarefa não é tão difícil de ser desempenhada, basta perguntar, observar, escutar com frequência. Assim, o professor cria condições para que o aluno realize sua experiência literária e dialogue sobre suas leituras dentro e fora da sala de aula e os sentidos atribuídos a ela.

Desse modo, é importante que o professor enquanto mediador deixe os alunos à vontade nos momentos de interação, nas rodas de conversas, que tome cuidado para não constranger o aprendiz ao questioná-lo sobre a obra lida. É comum perceber os alunos apresentarem muita timidez para se expressarem oralmente, ou mesmo, lerem em voz alta. Para eles, esta ação parece ser tão torturante que os impede de realizá-la espontaneamente, e o professor, ainda que bem-intencionado, jamais poderá forçar a realização deste exercício, pois a leitura deve ser vista como um prazer e não como uma obrigação a ser cumprida a qualquer custo.

Para atingir um ensino eficaz, é pertinente refletir sobre o objetivo da educação literária, para que na tentativa de contribuir para a formação leitora, o professor não provoque aversão ao texto literário, pois, algumas vezes, a apreciação da leitura na escola é imposta mais como uma fiscalização em relação ao aluno do que de um acompanhamento de um processo.

Partindo desse pressuposto, entendemos que práticas eficazes de leitura são aquelas que motivam ao invés de impor condições acerca dessa atividade. De acordo com Bamberger (1977, p. 31): “O que leva o jovem leitor a ler não é o reconhecimento da importância da leitura, e sim várias motivações e interesses que correspondem à sua personalidade e ao seu desenvolvimento intelectual.” Para o autor, muitas vezes o que o discente aprende ou deixa de aprender na escola depende mais dos seus interesses do que da sua inteligência.

Nesse contexto de motivação e interesses pela leitura, Bamberger (1977, p. 32) relata algumas conclusões, dentre as quais, destacamos:

A primeira motivação para ler é simplesmente a alegria de praticar habilidades recém-adquiridas, o prazer da atividade intelectual recém-descoberta e do domínio de uma habilidade mecânica. Se o professor responder a essa motivação com material de leitura fácil, emocionante, apropriado ao grupo de idade específico, e desenvolver esse primeiro material com livros de dificuldade crescente, as crianças se tornarão bons leitores. Um bom leitor gosta de ler.

Nessa perspectiva, é indispensável que o professor busque incentivar a leitura, fazendo uso de materiais apropriados que não somente incluam habilidades de leitura, mas também o desenvolvimento de interesses de leitura que se estendam por toda a vida.

Por esse viés, acreditamos que a formação do leitor é um processo contínuo, inicia-se em casa, com a família, mas é na escola que ele se aprimora. Para tanto, na seção a seguir, trazemos algumas considerações acerca da relevância do trabalho com a oralidade dentro do ambiente escolar. O ato de falar e de ouvir não só favorece a comunicação entre os falantes como também estimula o hábito leitor.

2.3 A importância da oralidade em sala de aula

A comunicação oral é fundamental para que o ser humano exponha as suas necessidades e amplie suas possibilidades e participação no meio social. Partindo do pressuposto de que a fala é uma prática muito mais rotineira na comunicação diária das pessoas do que a escrita, é indispensável que a escola planeje ações pedagógicas que garantam, não só uma reflexão sobre a língua, mas que priorize nas aulas de Língua Portuguesa, atividades sistemáticas que privilegie o exercício da fala e da escuta.

Diversos autores vêm argumentando sobre a relevância da realização de práticas orais no ambiente escolar e todos eles apontam para a valorização da linguagem oral. Marcuschi (2010, p. 25) afirma que a oralidade é “uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob as mais variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal à mais formal nos mais variados contextos de uso”.

Para este autor, tanto a oralidade quanto a escrita são práticas imprescindíveis, por essa razão, não se deve confundir suas funções e seus contextos de uso. Diante disso, faz-se necessário criar possibilidades de uso da linguagem que exijam a prática da oralidade nas mais variadas situações para que o aluno saiba adequar os diferentes níveis de formalidade da língua.

No que concerne à comunicação oral, Busatto (2010) também nos chama a atenção e traça alguns objetivos para ressaltar o trabalho com a oralidade em sala de aula, dentre os quais, a autora destaca:

estimular a comunicação oral, diferenciando, no trabalho pedagógico práticas de linguagem escrita de práticas da linguagem oral (compreendendo que num certo momento elas se integram). Objetiva também instrumentalizar o educador no seu caminho para a formação de leitores competentes, quiçá um *leitor-modelo-maduro*; discutir e entender oralidade e o que diferencia da fala corriqueira; refletir sobre a função social da oralidade e contextualizar as produções orais, valorizando as diferentes linguagens; apresentar diversos exemplares da literatura oral, para que, por meio da narração oral de histórias, seja proposto o exercício de olhar para a multiplicidade cultural, para a publicidade de vozes que saltam das várias culturas; fomentar uma educação pela e para a paz. (ibid., p. 8, grifo da autora)

Conforme a autora supracitada, a oralidade merece ocupar um lugar privilegiado na sala de aula. Uma vez que o trabalho com a oralidade deve ser proposto com objetivos e metodologias eficazes, para que este não se torne rotineiro, sem fundamento e sem finalidade. Quando bem planejada, a linguagem oral aproxima o aluno do texto escrito e o capacita a expressar e defender seu ponto de vista, contribuindo assim, para a sua formação, visto que o letramento também se realiza por meio da oralidade.

Machado (2015, p.50) também defende o exercício da fala e da escuta no ambiente escolar. A escritora enfatiza que a prática da escuta requer treino e afirma que “quem primeiro precisa aprender a escutar é o educador”. Seguindo essa linha de pensamento, entendemos que não é só o aluno que precisa silenciar durante as aulas, é necessário que o professor abra espaço para ouvir o aluno. Quando se trata do texto oral, muitas vezes, a preocupação em repassar um ensinamento moral é tanta, que não há oportunidade para os estudantes manifestarem o seu entendimento sobre o texto, de dizerem como se sentem e o que pensam sobre determinado assunto.

E para evidenciar a importância das práticas orais por meio da narração viva dos contos na escola, Machado (2015, p.57) compara a relação do professor com seus alunos em sala de aula ao convívio familiar e nos diz:

A mãe que se relaciona todos os dias com seus filhos quase que só através de palavras de ordem – “Já fez a lição”; “Não deixe nada no prato”; “Seu quarto está uma bagunça”; “Não esqueça de escovar os dentes” – aparece de outra forma para as crianças quando, à noite, se senta em sua cama para ler ou contar uma história. É uma outra voz, que se torna mais tranquila e harmoniosa. É um outro contato humano, num tom mais colorido, divertido, vibrante,

misterioso. Da mesma maneira, quando o professor se dispõe a trazer um conto para seus alunos, pode estabelecer um contato com eles, de imaginação para imaginação, no qual essa mesma qualidade viva se apresenta de modo insubstituível.

Nessa perspectiva, é indispensável que o professor tenha a sensibilidade de escutar, de conhecer melhor o seu aluno, de saber da sua realidade para compreender as suas atitudes. Desse modo, ele terá mais facilidade de planejar atividades que façam sentido para o discente, que despertem o seu interesse, construindo assim um elo de confiança com a turma.

Desde o final da década de 90, do século passado, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) nos chamam a atenção para a necessidade do exercício da escuta em sala de aula e elucidam que: “A escuta e demais regras do intercâmbio comunicativo devem ser aprendidas em contextos significativos, nos quais ficar quieto, esperar a vez de falar e respeitar a fala do outro tenha função e sentido, e não sejam apenas solicitações ou exigência do professor.” (BRASIL, 2001, p. 52).

Diante disso, entendemos que é papel do professor promover a interação da turma de maneira sistemática, para que ao realizar uma roda de conversa, um debate, por exemplo, essas atividades tenham um planejamento, tenham um propósito, para não serem atribuídas à bagunça ou a uma atividade sem relevância. Assim, a realização dessas práticas orais deve ter como pressuposto o respeito mútuo, levando o aluno a compreender que cada um terá o seu momento para expor suas ideias, bem como, entender que existem opiniões e posicionamentos divergentes e nem por isso ele precisa desrespeitar o outro.

Vale lembrar que a Base Nacional Curricular Comum (BNCC, 2017), implementada recentemente, reafirma a necessidade do desenvolvimento das práticas de linguagem na escola (leitura, oralidade, escrita) situadas em contextos significativos para a formação da criança e do jovem. Neste documento, juntamente com a leitura, a produção de textos e análise linguística/semiótica, está o eixo da oralidade. A inclusão desse eixo reforça o quanto a linguagem oral é essencial para construção do conhecimento e a integração social dos alunos.

Nesse sentido, é de suma importância que a escola valorize a modalidade oral. Que a promoção da oralidade, como recurso pedagógico, não se restrinja apenas as aulas de Língua Portuguesa, mas que faça parte de todas as disciplinas, visto que o discurso oral deve ser instigado em todas as áreas do conhecimento.

Busatto (2010, p. 6 - 7) sugere a contação de história como uma atividade enriquecedora para desenvolver esse processo de fala e escuta e evidencia que:

[...] é importante que o professor abra um espaço significativo à narração oral e à leitura em voz alta das histórias, aos círculos de escuta, aos círculos da palavra, nos quais a criança exercita a criação do texto oral, recria histórias ouvidas e vividas, fala sobre o que viu e o que viveu, opina, reflete, discute, dialoga, argumenta. Para começar, eu diria, conte histórias na sala de aula e fora dela; no pátio, embaixo das árvores, em cima das árvores, no balanço. Conte muitas histórias. Conte para despertar, para acalmar. Conte porque você está com vontade ou conte porque seu aluno quer ouvir. Conte em pé, sentado, dançando, cantando. Mas conte. Conte por contar. Conte para instigar. Depois convide seu aluno a contar, seja uma história que ouviu, leu ou inventou. Uma ficção ou história de verdade. Estimule a fala estética e a prática do discurso oral.

Em vista disso, a contação de histórias se apresenta como uma possibilidade fundamental para o desenvolvimento da linguagem oral. Contar e ler histórias para o público infantil e juvenil, bem como ouvir as histórias que eles trazem para nos contar é uma forma de fortalecer a relação entre aluno e professor. Quando o mediador oportuniza o aluno a partilhar suas experiências, o seu conhecimento de mundo, ele demonstra interesse pela sua cultura, pela sua história. Em consequência, sentindo-se valorizado, este aluno se envolverá mais nas atividades propostas, elevando assim a sua autoestima.

Tomando como base os estudos teóricos no que se refere aos conceitos de leitura literária e a arte narrativa que fundamentaram este trabalho de pesquisa, elaboramos um material pedagógico que buscou contemplar as questões até então expostas: literatura de tradição oral, literatura infantil e juvenil, formação de leitores, oralidade e contação de histórias, com enfoque no conto popular, a partir de um conjunto de oficinas para o trabalho em sala de aula. A fim de favorecer a estimulação da leitura literária e contribuir para a formação de professores de Língua Portuguesa do 6º ano do Ensino Fundamental II.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

3.1 Caracterização da pesquisa

Quanto aos procedimentos metodológicos, optamos por realizar neste trabalho uma pesquisa de natureza aplicada. Segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 126), a pesquisa aplicada “procura produzir conhecimentos para aplicação prática dirigidos à solução de problemas específicos.” De acordo com essa assertiva, consideramos essa natureza porque há uma proposição de material que visa subsidiar professores no desenvolvimento de práticas motivadoras de leitura apoiadas na contação de histórias como ferramenta nas aulas de literatura.

Utilizamos o critério de abordagem qualitativa, visto que tencionamos discutir questões e estratégias de leitura, buscando refletir até que ponto a contação de história pode ser relevante para o incentivo à formação de leitores. Para Prodanov e Freitas (2013, p.70), na pesquisa qualitativa “há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números”.

Diante dessa afirmação, acreditamos que esta abordagem seja a mais adequada ao objetivo da investigação, que consiste em desenvolver uma proposta didático-metodológica, direcionada ao 6º do Ensino Fundamental II. Nosso intuito é o de contribuir com a prática do professor de Língua Portuguesa, no tocante ao desenvolvimento da competência comunicativa em leitura de forma crítica, por meio da contação de histórias, explorando especificidades do gênero e proporcionando leituras que vão além da superficialidade do texto.

Em relação à prática de investigação e dos enfoques assumidos diante do objeto pesquisado, realizamos uma pesquisa de caráter bibliográfico. Primeiramente, pela natureza das fontes utilizadas, partimos de um estudo bibliográfico, pois segundo Severino (2007, p. 122), este “se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses, etc. e na qual [...] o pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos”.

Nesse sentido, promovemos discussões acerca do tema abordado, pautadas nas teorias de abordagem sócio-histórica, com base em um aparato teórico de Busatto (2012), Stocker (2014), Matos e Sorsy (2009), Patrini (2005), Cascudo (2004), Leal (1985) e Simonsen (1987) para fundamentarmos a contação de histórias e o conto popular. Zilberman (2003), Cademartori (2010) e Sandroni (1987) que versam sobre a literatura infantil e juvenil. Soares (2011), Cosson

(2018), Bamberger (1997) e Pennac (1993) para as abordagens de leitura e leitura literária. Busatto (2010), Machado (2015) e a BNCC (2017) para abordarmos questões referentes à oralidade, dentre outros, além de artigos e *sites* especializados na temática em destaque.

Inicialmente foi feito um levantamento bibliográfico dos autores, artigos, periódicos e livros que tratam do assunto em questão. Logo após, realizamos uma triagem desse material, ou seja, uma análise dos estudos consideráveis para o que se pretende trabalhar. As leituras partiram de uma perspectiva macro, isto é, mais geral, em seguida, foram feitas leituras mais específicas, numa perspectiva microestrutural. Após esta etapa, selecionamos os textos literários que serviram de base para a elaboração do produto.

3.2 Organização do Caderno Pedagógico

A partir da análise e diagnose dos problemas apresentados nas discussões teóricas, produzimos um Caderno Pedagógico composto por atividades que visam tornar as aulas de Literatura com foco em leitura mais atrativas através da contação de histórias, transformando essa prática numa forma de fruição, aquisição de conhecimento, enriquecimento cultural e interação. Partindo do gênero literário conto popular, proporcionamos ao professor do Ensino Fundamental II um conjunto de atividades que permitem experienciar a riqueza da literatura de tradição oral e os benefícios que o ato de contar e ouvir histórias pode trazer para os alunos. Desse modo, sugerimos atividades práticas, dinâmicas e simples de serem aplicadas.

Os contos selecionados para a proposta de intervenção foram “Bicho de Palha” e “A Moura Torta”, ambos coletados da oralidade e registrados pelo folclorista Luís da Câmara Cascudo (2004), de acordo com a sistematização do autor em dividir os contos por temas, esses textos fazem parte dos contos de encantamentos e estão compilados no livro *Contos Tradicionais do Brasil*. Ao longo das oficinas dispostas no Caderno Pedagógico, também propomos ao professor desenvolver um trabalho voltado para os contos populares da comunidade do aluno, para que este tenha contato com os contadores de histórias da sua localidade e através da audição das histórias aproximem os discentes da sua cultura regional e entenda o conto popular como parte da tradição de um povo.

Para tanto, não objetivamos apenas trabalhar as características formais do gênero literário conto popular. Estas são importantes para uma melhor compreensão, porém, a nossa pretensão é despertar o gosto pelas narrativas de tradição oral, para que os alunos tenham contato com essas histórias e suas várias possibilidades de leitura e partir dos ensinamentos que elas propõem para pensarem sobre as ações humanas. Desse modo, partiremos do conto “Bicho

de Palha”, nele podemos perceber temas que abordam as relações familiares, exemplificadas no conto pela ausência do pai acerca das atitudes da madrasta com a enteada que precisa fugir de casa para se livrar dos maus-tratos sofridos, bem como, a submissão, a humildade, o “saber sofrer calada” diante das humilhações, dos julgamentos por parte dos criados que riam da sua aparência física e não acreditavam que poderia existir beleza por baixo daquele casaco de palha.

Em “A Moura Torta”, podemos abordar questões que tratam da natureza humana, através da antagonista do conto apresentada como uma mulher feia e velha, marginalizada durante toda a sua vida, torna-se uma pessoa amarga e vingativa. Quando se depara com uma oportunidade de mudar a sua situação, ela utiliza trapaças para manipular a mocinha e conseguir se sair bem.

Dessa forma, as histórias, seus temas e o modo como são contadas tornam a obra motivadora e adequada para ser lida ou ouvida em qualquer modalidade de ensino. Através da compreensão e interpretação dos contos selecionados pretendemos resgatar aspectos psicológicos, culturais e sociais explorando as narrativas de forma diversificada, contando com o apoio de outras mídias e recursos, a exemplo das imagens, vídeos de contação de histórias e o contato com contadores de histórias da própria localidade do aluno.

Para a elaboração do caderno, baseamo-nos no modelo de sequência básica sugerida por Cosson (2018), que contempla estratégias para a organização desse trabalho. A escolha pela proposta básica do autor mencionado revela-se pelo fato desta prever atividades direcionadas especificamente ao texto literário, com um passo a passo de leitura e registro das impressões produzidas pelo texto constituída por: motivação, introdução, leitura e interpretação. Esses passos são essenciais ao processo de letramento literário, pois podem levar a leituras prazerosas e mais significativas para os alunos.

Para o desenvolvimento das atividades, adotamos a metodologia da oficina, pois ela consiste em levar o aluno a construir pela prática seu conhecimento. “Aliás, nós adotamos a denominação de oficinas porque desejamos enfatizar o caráter de atividade prática, de algo que requer a ação dos alunos e não a simples exposição do professor...” (COSSON, 2018, p. 121). Assim, o uso da sequência básica proposta pelo autor é essencial para estimular a leitura e a valorização da cultura oral.

No que se refere à organização das oficinas, estas estão constituídas de: título; público-alvo; tempo estimado de duração de cada oficina; material necessário para a realização; objetivos e o passo a passo de leitura sugerido por Cosson (2018). Nessa perspectiva, buscamos propor atividades que explorem os conhecimentos de mundo do aluno, a fim de que esse opine, formule hipóteses, confirme ou refute suas impressões sobre os textos, identifique informações

explícitas e implícitas, interprete textos verbais e não verbais. Além disso, as oficinas possibilitam o reconhecimento e a apreciação da cultura popular, intensificando ou despertando o gosto pela leitura.

Desse modo, o Caderno Pedagógico contemplará um conjunto de quatro oficinas com duração média de quatro a seis aulas, cada uma, destinadas a professores do 6º ano do Ensino Fundamental II. As oficinas foram construídas a partir de objetivos e metodologias que visam alcançar os resultados exitosos nas aulas de Literatura com foco em leitura, auxiliando o professor a planejar a contação de histórias com base em estratégias lúdicas, que envolvam e motivem o interesse e despertem a curiosidade dos alunos pelo texto literário. A seguir, apresentamos nossa proposta de intervenção com as referidas oficinas.



Caderno Pedagógico



PRÁTICAS PARA O TRABALHO COM A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS



Josicleide Odete dos Santos
Orientador: Prof. Dr.
Marcílio Garcia de Queiroga



4 CADERNO PEDAGÓGICO: PRÁTICAS PARA O TRABALHO COM A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

APRESENTAÇÃO

A literatura popular é rica por seus variados gêneros: lendas, fábulas, mitos, histórias de trancoso, causos, quadrinhas, entre tantos outros. No entanto, percebe-se que essa literatura ainda não recebe a atenção devida em nossas escolas, em consequência, os alunos da educação básica têm pouco contato com a riqueza dessa arte.

Em vista disso, a proposta de intervenção que aqui apresentamos tem o seu foco em um dos gêneros mais antigos da tradição popular. Através da metodologia da contação de histórias tencionamos favorecer a formação do leitor literário a partir do conto popular. Acreditamos que este gênero, além de ser um dos mais indicados para os contadores de histórias, possibilita a inserção dos alunos no mundo da leitura prazerosa e lúdica, incentivando a imaginação criadora dos ouvintes.

Conforme Busatto (2012, p. 37):

O conto de literatura oral serve a muitos propósitos, a começar pela formação psicológica, intelectual e espiritual do ser humano. Através do conto, podemos valorizar as diferenças entre os grupos étnicos, culturais e religiosos, e introduzir conceitos éticos. O conto pode ser o estímulo que dará origem a estas e muitas outras reflexões. Serve também como elemento integrador de um trabalho em sala de aula, onde as diferentes áreas do conhecimento podem ser abordadas e pesquisadas.

Nessa perspectiva, entendemos que os contos auxiliam na resolução de conflitos, na instrução de valores éticos e morais necessários à formação do indivíduo, de modo deletável, pois possuem uma linguagem que encanta e aguça a imaginação da criança.

Assim, o objetivo principal desta proposta de trabalho é promover a literatura de tradição oral no contexto escolar, que ao tomar consciência da importância e da necessidade desta prática em sala de aula, o professor desperte nos alunos o gosto por ouvir, contar e recontar essas narrativas que fazem parte da nossa cultura, de forma que as atividades sugeridas possam propiciar reflexões críticas a respeito dos temas abordados.

A proposta é um caderno pedagógico organizado em um conjunto de quatro oficinas, com duração média de quatro a seis aulas de aproximadamente 50 minutos, cada uma, destinadas a professores de Língua Portuguesa do 6º ano do Ensino Fundamental II. Através

dos contos "Bicho de Palha" e "A Moura Torta", ambos compilados no livro, *Contos Tradicionais do Brasil*, do escritor e folclorista Luís da Câmara Cascudo, pretendemos além de trabalhar as especificidades do gênero escolhido, apresentar a contação de histórias como uma possibilidade para incentivar o hábito leitor, enfatizando a riqueza e a importância do conto popular para a valorização e preservação da identidade cultural.

Dessa maneira, adotamos como guia a sequência básica de Cosson (2018) e seguimos essas orientações, as quais podem ser realizadas em quatro passos: motivação, que consiste em preparar o aluno para entrar em contato com o texto; introdução, que visa a apresentação do autor e da obra; leitura, que é o momento que precisa ser acompanhado pelo professor para que não se perca a direção, os objetivos; interpretação, esta é crucial para a construção dos sentidos do texto. De acordo com o autor, ao seguir estas etapas "o professor sistematiza seu trabalho e oferece ao aluno um processo coerente de letramento literário." (COSSON, 2018, p. 69).

Assim, esperamos que este caderno pedagógico seja útil para o professor de Língua Portuguesa e que venha a contribuir com a sua prática docente. Ressaltamos que o professor tem autonomia para adequá-lo de acordo com a realidade dos seus alunos, o material pode e deve ser adaptado de acordo com as características de cada turma.

OFICINA 1: A ARTE DE CONTAR E NARRAR HISTÓRIAS

TEXTO: Bicho de Palha

PÚBLICO-ALVO: Alunos do 6º ano do Ensino Fundamental

TEMPO ESTIMADO: 6 h/a de aproximadamente 50 minutos (cada)

MATERIAIS NECESSÁRIOS:

- ✓ Caixa de papelão decorada
- ✓ Materiais ilustrativos para a caixa (objetos ou imagens impressas que representem contos populares)
- ✓ Aparelho de som
- ✓ Cantigas de roda
- ✓ Projetor de imagens e vídeos
- ✓ Vídeos e imagens sugeridos na descrição da oficina
- ✓ Tapete decorativo
- ✓ Almofadas

OBJETIVOS

- Ativar o conhecimento prévio dos alunos quanto ao gênero conto popular;
- Conhecer um pouco sobre a vida e a obra de Luís da Câmara Cascudo;
- Compreender, registrar e interpretar as características do conto popular;
- Entrar em contato com a temática abordada no conto;
- Preparar os alunos para a leitura do conto através de atividades de pré-leitura;
- Contar o conto “Bicho de Palha” de forma interativa com os alunos;
- Compreender o sentido global do conto;
- Localizar informações explícitas no conto e recuperar informações implícitas;
- Destacar fragmentos do conto e fazer comentários acerca desses episódios, posicionando-se sobre eles.

PASSO 1: MOTIVAÇÃO

A motivação é o primeiro passo da sequência básica do letramento literário proposta por Cosson (2018). Esse passo consiste em preparar o aluno para entrar em contato com o texto, para que ele o receba com mais entusiasmo. Conforme o autor, esse momento não deve ultrapassar o limite de uma aula, caso contrário, a atividade pode se tornar cansativa e desestimular o aluno ao invés de motivá-lo.



Antes de iniciar a aula, é importante preparar um ambiente agradável e aconchegante para receber os alunos. O professor deverá organizar a sala de aula para o bate-papo sobre a leitura/contação dispondo as carteiras em círculo, ou afastando-as para os estudantes sentarem no chão.

Conhecendo o ouvinte/leitor

Para familiarizar o aluno com o tema da aula, propomos a dinâmica **“Caixa surpresa!”**. Inicialmente, em uma roda de conversa, o professor levanta questionamentos quanto às histórias conhecidas pela turma, contadas pelos avós, pais, tios ou outras pessoas.

SUGESTÃO DE QUESTIONAMENTOS:

- Você se recorda de alguém da sua família partilhar histórias com você?
- Você já ouviu alguma contação de histórias? Onde? Fale um pouco de como foi essa experiência.
- Que tipo de história você mais gosta de ouvir (histórias que falem de amor, aventura, fadas, princesas, monstros...)? Compartilhe com os colegas.

Este ainda não é o momento de apresentar o gênero a ser trabalhado, apenas deixar clara a importância desta partilha para que os alunos se conheçam um pouco mais, a partir de memórias e recordações de vivências da infância. Explicar aos alunos que a próxima tarefa abordará justamente esse tipo de história que é contada de geração em geração.

ATENÇÃO!

Para este primeiro momento, sugerimos motivar os alunos com questionamentos que levem em consideração seus conhecimentos prévios. Uma forma de enriquecer esse momento, professor, é você também relatar suas vivências em relação ao ato de ouvir e contar histórias, pois esta iniciativa além de envolver a turma pode incentivá-la ainda mais a participarem da atividade.

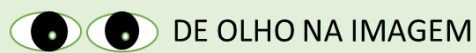
DINÂMICA: CAIXA SURPRESA!

Para estimular a imaginação da turma, o professor deve providenciar uma caixa de tamanho médio (uma caixa de sapato, por exemplo) e fazer uma decoração bem bonita e colorida. Deve-se criar um ar de mistério para instigar a curiosidade dos alunos, formular hipóteses sobre o que há dentro da caixa. Em uma roda, colocar em um aparelho de som (em um volume agradável) cantigas de roda de domínio público e orientar os alunos a passarem a caixa para o colega que está sentado ao seu lado, dizer que quando a música parar, o aluno que estiver com a caixa, sem olhar, deve retirar um objeto. Questionar a turma sobre o objeto, se conhecem alguma história contada pelos avós, pais, familiares ou até mesmo ouvida na escola que seja relacionada a ele. É interessante fazer um combinado com os alunos para que relatem suas experiências, um de cada vez, estimulando todos a participarem. Caso os alunos não recordem nenhuma história, o professor poderá auxiliá-los apresentando para a turma um dos elementos de dentro da caixa e iniciar com a contação de histórias. Repetir essa estratégia quantas vezes for possível no tempo previsto.

SUGESTÃO DE MODELO PARA DECORAR A CAIXA:

Fonte: http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?pagina=espaco%2Fvisualizar_aula&aula=56749&secao=espaco&request_locale=es

Como sugestão de materiais ilustrativos para a caixa surpresa, pode-se selecioná-los de contos populares que suponha que a turma conheça. Caso, não seja possível colocar o próprio objeto, providencie imagens que o representem. Algumas sugestões: saco de estopa, os alunos poderão associá-los ao “Velho do saco” ou “As meninas dos brincos de ouro”; imagens impressas ou brinquedos de sapo, onça ou pássaro que são comuns aos contos de animais; princesas, florestas ou bosque que fazem parte dos contos de encantamentos.

**DE OLHO NA IMAGEM**

Finalizar este primeiro momento apresentando aos alunos a imagem a seguir, e, a partir dela propor alguns questionamentos.



Fonte da imagem: <https://projetal.com.br/site-novo/media/contar-historias-conteudo-projetual-330x220.jpg>. Acesso em 29 dez. 2020.

SUGESTÃO DE QUESTIONAMENTOS:

- Como você descreveria esta imagem?
- Você acha que estas crianças estão aprendendo alguma coisa? O quê?
- Alguém se recorda de já ter vivenciado uma situação parecida com esta descrita na imagem?
- Na cena, as crianças parecem bem atentas à audição da história. Você ficou curioso(a) para saber que tipo de história elas estão ouvindo?

De acordo com as respostas dadas pelos alunos, estruturar, no quadro negro, algumas características do conto popular presentes na imagem, como por exemplo: as pessoas estarem sentadas em roda, a ideia de ter uma pessoa mais velha contando histórias orais, resgate da memória e da cultura popular.

ATENÇÃO!

Explicar aos alunos que esta prática de contação de histórias repassada de geração em geração é denominada “Conto Popular”. No princípio, esse tipo de narrativa circulava apenas por meio da oralidade e mantinha-se viva graças à memória dos contadores de histórias. Porém, para que esses contos não se perdessem ao longo do tempo, literatos e folcloristas fizeram o registro escrito dessas histórias que eram transmitidas de boca em boca.



Se possível, deixar expostos na sala de aula exemplos de contos populares, ou, levar livros que tenham registros desse tipo de conto para que em momentos de deleite os alunos possam realizar algumas leituras. Outra forma de incentivar o aluno a ler esse gênero literário é levá-los à biblioteca da escola e mostrar obras que valorizem essas histórias populares.

PASSO 2: INTRODUÇÃO - CONHECENDO AUTOR E OBRA

Este momento é essencial antes da leitura do texto para que os alunos entrem em contato com o autor e a obra a ser explorada. De acordo com Cosson (2018) esse passo deve ser

realizado de forma sucinta, só para que os alunos tenham uma apresentação com informações básicas de quem é o escritor e que obra é essa que trataremos na leitura, para o autor a função da introdução é permitir que o aluno receba a obra de uma maneira positiva. Assim, é conveniente que o professor faça uma justificativa da escolha desse texto, qual sua relevância, deixando espaço para que posteriormente o aluno tire suas conclusões.

UM POUCO SOBRE O AUTOR



Luís da Câmara Cascudo (1898-1986) foi um folclorista, historiador, professor e jornalista brasileiro. Foi um dos mais importantes pesquisadores das manifestações culturais brasileiras. Nasceu em Natal, Rio Grande do Norte, no dia 30 de dezembro de 1898. Filho do coronel Francisco Justino de Oliveira Cascudo e de Ana Maria da Câmara Cascudo, foi uma criança precoce e com seis anos já sabia ler. Câmara Cascudo foi aluno do Atheneu Norte Rio-grandense. Na sua juventude viveu na chácara Villa Cascudo, no bairro do Tirol, onde presenciava as reuniões literárias que eram realizadas em sua casa. Ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia, mas não concluiu o curso.

Fonte:

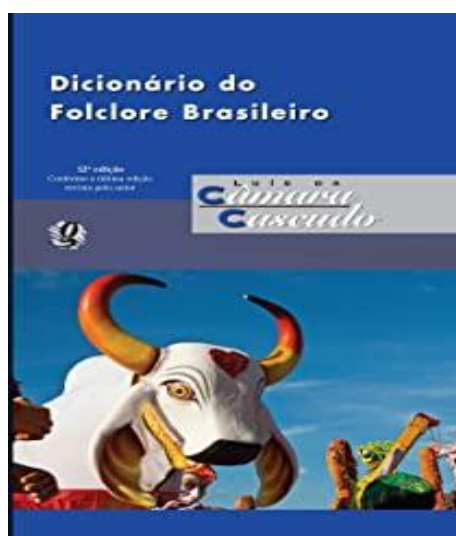
[https://www.ebiografia.com/luis_da_camara_cascudo/#:~:text=Lu%C3%ADs%20da%20C%C3%A2mara%20Cascudo%20\(1898,30%20de%20dezembr,o%20de%201898,Acesso%20em%2023%20dez.%202020.](https://www.ebiografia.com/luis_da_camara_cascudo/#:~:text=Lu%C3%ADs%20da%20C%C3%A2mara%20Cascudo%20(1898,30%20de%20dezembr,o%20de%201898,Acesso%20em%2023%20dez.%202020.)

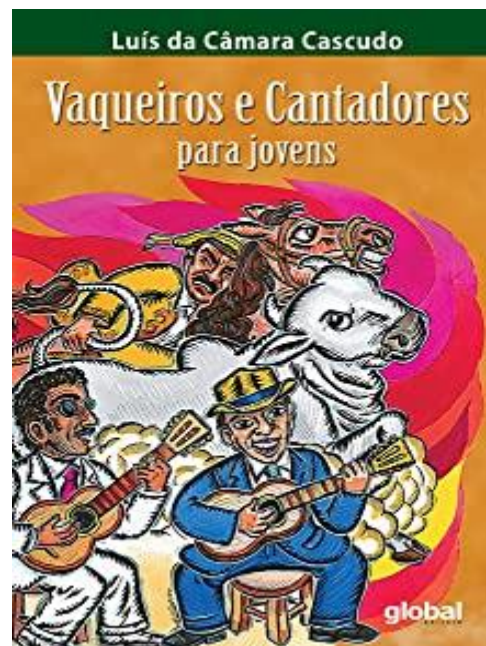
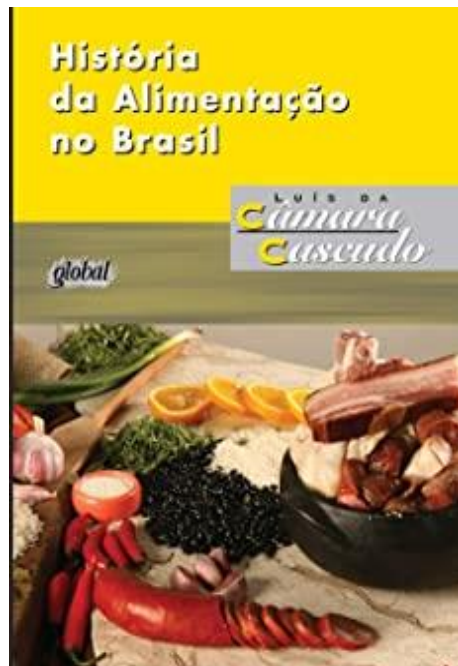
Em seguida, explorar um pouco a biografia do autor, convidar os alunos para assistirem ao vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=G2HIZSRqyPw>. Acesso em 23 de

dezembro de 2020. Apesar de ser um pouco longo, com doze minutos e trinta e nove segundos, o vídeo é dinâmico e de fácil compreensão. Conta os principais fatos sobre a vida e o trabalho de Câmara Cascudo, além de ajudar o aluno a fixar melhor o entendimento do autor em estudo, traz um pequeno resumo das lendas brasileiras mais conhecidas, bem como, das culturas populares e do folclore.

Uma forma de facilitar o estudo em relação ao autor e a obra é levar para a sala de aula livros ou imagens de livros do escritor que tragam informações para trabalhar os títulos e ilustrações com os alunos, nos elementos presentes na capa e na contracapa, por exemplo, o aluno poderá encontrar explicações que o ajudem a compreender do que se trata a obra.

SUGESTÕES DE OBRAS DO AUTOR





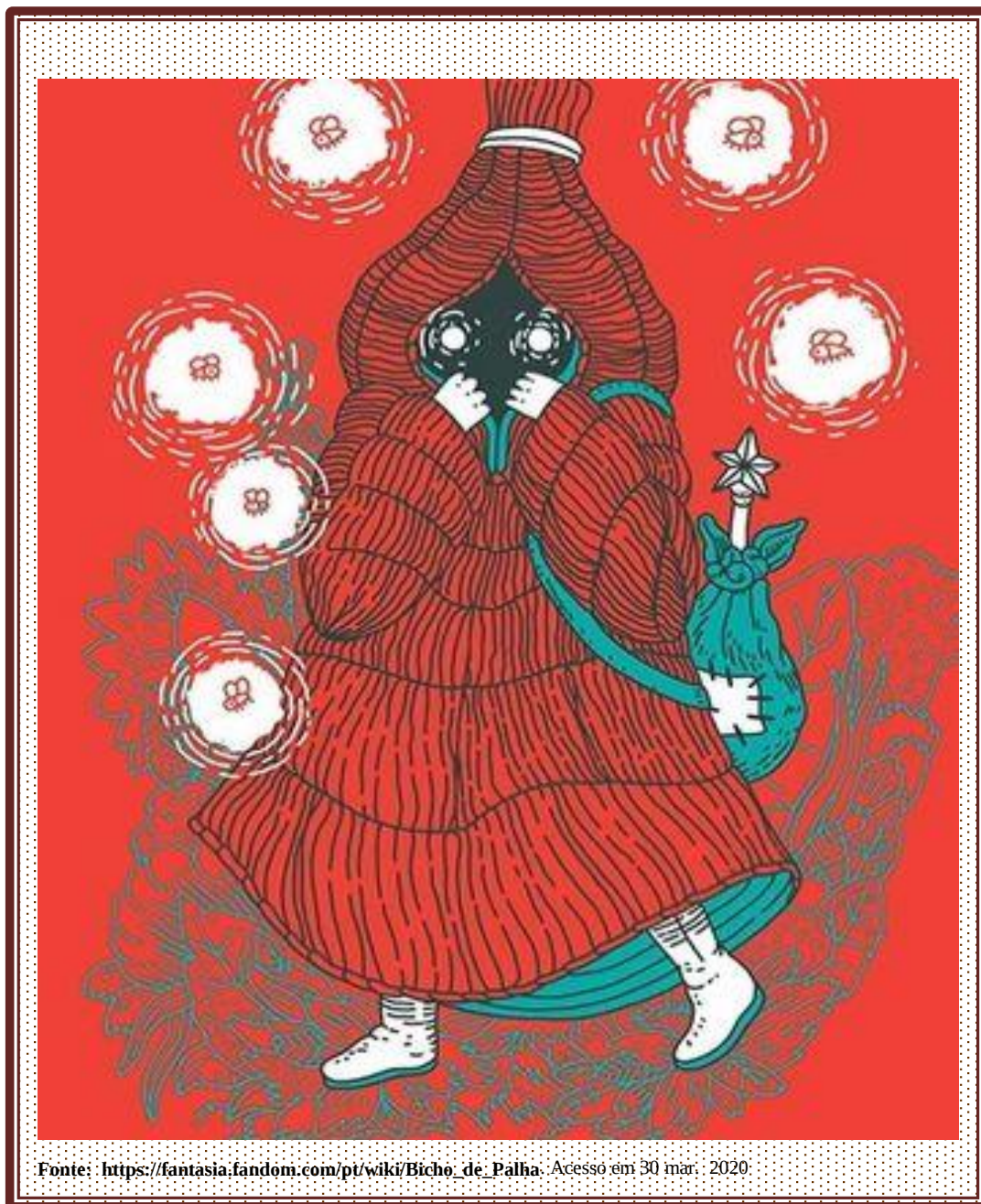
Fonte: <https://www.google.com/search?q=obras+de+camera+cascudo&oq=obras+de+camera+cascudo&aqs=chrome..69i57j0i13j0i22j30l7.7473j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8>. Acesso em 31 mar. 2021.

Conhecendo a obra

Para uma melhor compreensão do conto a ser lido/contado, é de suma importância realizar a predição a partir do título do conto, por isso, antes de iniciar a contação o professor

deve explorar sua carga semântica, para levantar hipóteses acerca do tema, pois, partindo-se das previsões dos alunos em contato com o título, estamos trabalhando suas inferências.

Para tanto, o professor poderá colocar no quadro negro o título do conto “Bicho de Palha”, em seguida, apresentar a imagem a seguir referente ao conto em estudo e instigar os alunos a responderem oralmente aos questionamentos propostos como uma atividade de pré-leitura.



Fonte: https://fantasia.fandom.com/pt/wiki/Bicho_de_Palha. Acesso em 30 mar. 2020.

SUGESTÃO DE QUESTIONAMENTOS

- Você reconhece esta imagem?
- O que chama a sua atenção na imagem?
- Esta figura lhe fez lembrar alguma história? Qual?
- Você acha que o título do conto se refere a uma pessoa ou a um animal?
- Observe a roupa da personagem. Por que será que ela está vestida dessa forma?
- Qual assunto você acha que será abordado nessa história?

Após os questionamentos acerca da imagem e do título do conto, é o momento de explicar para a turma que o conto escolhido faz parte do livro *Contos Tradicionais do Brasil*, de autoria de Luís da Câmara Cascudo. Neste livro o escritor nordestino reúne cem histórias populares, colhidas diretamente na boca do povo brasileiro. A fim de facilitar a leitura e a compreensão o mestre Cascudo sistematiza e divide os temas em contos de encantamento, de exemplo, de animais, religiosos, facécias, etiológicos, demônio logrado, adivinhação, acumulativos, tradição, natureza denunciante e ciclo da morte. A obra oferece ao leitor histórias que preservam a sabedoria e esperteza popular, que até hoje nos fascinam com o seu poder de encantamento.

O conto a seguir, faz parte da tradição oral do Rio Grande do Norte. Luís da Câmara Cascudo o conheceu por intermédio da sua esposa, Dhalia Câmara Cascudo, que, na infância costumava ouvi-lo da sua ama, Lourença Maria da Conceição.

PASSO 3: LEITURA/CONTAÇÃO

Segundo Cosson (2018, p. 62) “A leitura escolar precisa de acompanhamento porque tem uma direção, um objetivo a cumprir, e esse objetivo não deve ser perdido de vista.” Nesse sentido, esse passo é imprescindível para que o professor acompanhe o processo de leitura dos seus alunos e identifique suas dificuldades para poder auxiliá-los. Porém, como se trata de um gênero popular, sugerimos que ao invés de simplesmente orientar a leitura do texto, o professor poderá contá-lo, ou então, ler o conto em voz alta. De acordo com Busatto (2010) a leitura quando realizada em voz alta é leitura-afeto, sendo capaz de acariciar e acolher aquele que a

ouve. Para a autora essa atividade assegura a formação do leitor e estimula o aluno a ler em voz alta, também.



Para deixar o momento da contação mais aconchegante, o professor poderá colocar um tapete no centro da sala, dispor almofadas e organizar os alunos em círculos em volta do tapete. Bem como, se preparar para o momento da leitura ou da contação. Tente memorizar o conto em estudo, atentando para o tom de voz, as pausas e as entonações necessárias para a apreciação do grupo.

Para orientar ou auxiliar o professor a se preparar para a narração do conto, destacamos algumas técnicas e dicas citadas por Stocker (2014) que se mesclam com as qualidades necessárias ao contador ou narrador de histórias.

TÉCNICAS PARA CONTAR HISTÓRIAS

- ✚ Verificar o local, horário e as acomodações;
- ✚ Conhecer o público a que se destina;
- ✚ Conhecer o enredo com absoluta segurança;
- ✚ Narrar com naturalidade, sem afetação, com voz clara e expressão viva;
- ✚ Sentir/viver a história, emocionando-se com a própria narrativa;
- ✚ Não romper o fluxo da narrativa com conselhos e explicações;
- ✚ Não perder o fio da meada quando estiver fazendo uso do livro ou outro elemento ilustrativo;
- ✚ Tirar partido de pequenos incidentes, sem interromper a história;
- ✚ Evitar tiques e cacoetes;
- ✚ Tratar o ouvinte com simpatia e camaradagem, sem adotar um ouvinte predileto;
- ✚ Não demonstrar irritação com a presença de ouvintes desinteressados ou inquietos;
- ✚ Chegar ao desfecho sem apontar a moral ou aplicar lições;
- ✚ Estar aberto para comentários após a narrativa.

DICAS PARA CONTAR HISTÓRIAS

- ❖ Sentir, ou melhor, viver a história; ter expressão viva ardente, sugestiva. A história deve despertar a sensibilidade de quem a conta, pois sem emoção não terá sucesso.
- ❖ Narrar com naturalidade. O vocabulário utilizado deve ser adequado ao público ouvinte. Na oralidade é preciso ser mais claro e objetivo, sendo necessário, às vezes, completar as ideias da história.
- ❖ Conhecer com absoluta confiança o enredo. O contador tem que estar seguro sobre o que vai contar.
- ❖ Dominar o interesse do público. Sempre buscar maneiras de fazer com que os ouvintes permaneçam concentrados na história.
- ❖ Escolher a história de acordo com a faixa etária do público alvo, para não cansar a plateia.
- ❖ Falar com voz adequada, clara e agradável. Não convém falar em falsete ou impostando a voz, a não ser que seja em momentos específicos para caracterizar um personagem.
- ❖ Ser comedido nos gestos. Se exagerar em gestos sem objetivos, quando fizer um que seja necessário para o melhor entendimento da história ele não será notado.
- ❖ Não é necessário decorar, mas sim testar diversas possibilidades e dimensões.
- ❖ Usar roupas de cores discretas, pois quem tem que chamar atenção do público é a história.
- ❖ Buscar olhar nos olhos de cada ouvinte da sua plateia.
- ❖ Evitar movimentos repetitivos e exagerados.

Logo após, é chegado o momento de iniciar a leitura propriamente dita do conto escolhido, ler em voz alta como se estivesse em uma contação de histórias, para que os alunos compreendam de que modo os textos da tradição oral são apreciados.



BICHO DE PALHA

Contam que um homem muito rico enviuvou e casou novamente, tendo uma filha, Maria, que se punha mocinha e que era linda. A madrasta antipatizou logo com a enteada e se tomou de ódio quando teve uma filha e esta era relativamente feia, comparada com Maria.

O homem possuía propriedades espalhadas e vivia viajando, dirigindo seus negócios. Durava pouco tempo em casa e nesses momentos, Maria passava melhor. Na ausência do pai a madrasta obrigava-a aos serviços mais rudes e pesados, alimentando-a do que havia de pior e em quantidades insignificantes.

A vida ficou insuportável para a moça que se consolava rezando e chorando. No caminho do rio onde ia lavar roupa, encontrava sempre uma velhinha de feições serenas e muito boa. Maria acabou contando seus sofrimentos e o silêncio para não magoar o pai. A velhinha animava-a com palavras cheias de doçura.

Como a madrasta fosse se tornando mais violenta e brutal, a enteada resolveu abandonar a casa e ir procurar trabalho longe daquele inferno. Encontrou-se com a velhinha e confessando sua ideia, a velha concordou, aconselhou-a muito, deu-lhe a bênção e na despedida, tirou uma varinha pequenina e branca como prata, dizendo:

– Leva esta varinha, Maria, e quando estiveres em perigo, desejo ou sofrimento, debes dizer: "minha varinha de condão, pelo condão que Deus te deu, dai-me". E tudo sucederá como pedires.

Maria agradeceu muito e fugiu. Antes, obedecendo ao conselho da velha, fez uma grande capa de palha entrançada com um capuz onde havia passagem para olhar, e meteu-se dentro.

Depois de muito andar, chegou a uma cidade importante. Pediu emprego num palácio e lhe disseram não haver mais lugar. Ia saindo, triste e com fome, quando um empregado lembrou que precisavam de alguém para lavar as salas, corredores e escadas e limpar os aposentos da criadagem. Maria aceitou o encargo e, graças ao seu vestido singular, só a chamavam "Bicho de Palha".

Suja, silenciosa, retirada pelos cantos, trabalhando sempre, Bicho de Palha não incomodava ninguém e todos a toleravam.

O palácio era de um príncipe moço, bem feito e airoso, que ainda tinha mãe, e estava na idade de casar. Noutro palácio, no lado oposto da cidade, realizariam festas durante três

dias. As moças estavam alvoroçadas com os bailes, assistidos pelos rapazes da sociedade. No palácio a conversa versava sobre os bailes. Amas, visitantes e criadas comentavam a organização e o esplendor das três noites elegantes.

Finalmente chegou a primeira noite. Bicho de Palha, através dos orifícios de sua máscara, olhava o príncipe e o amava sinceramente. Rondava, discretamente, por perto dele, ansiando por uma ordem. Já de tarde, não havendo outra empregada por ali, o príncipe gritou:

– Bicho de Palha! Traga uma bacia com água...

Bicho de Palha levou a bacia e o príncipe lavou o rosto. Depois, todos foram para o baile, uns para dançar e outros para ver.

Ficando sozinha no seu quarto escuro, Bicho de Palha despiu a capa, pegou a varinha e comandou, como a velhinha lhe ensinara:

– Minha varinha de condão! Pelo condão que Deus te deu, dai-me uma carruagem de prata e um vestido da cor do campo com todas as suas flores.

Palavras não eram ditas, apareceu a carruagem de prata, com cocheiros e servos, e um vestido completo, do diadema aos sapatinhos, cor do campo com todas as suas flores.

Bicho de Palha vestiu-se, tomou a carruagem e foi para o baile onde causou sensação. O príncipe veio imediatamente saudá-la e só dançou com ela, não permitindo que os outros moços se aproximassem. Confessou que estava impressionado e perguntou onde ela residia. Bicho de Palha ensinou:

– Moro na Rua das Bacias...

À meia-noite em ponto, pretextando ir respirar o ar livre, a moça correu para sua carruagem que desapareceu na estrada. O príncipe ficou inconsolável e saiu da festa logo a seguir.

No outro dia, no palácio, as criadas contavam ao Bicho de Palha as peripécias do baile e a princesa misteriosa que fora a roupa mais bela e o rosto mais formoso da noite. O príncipe despachara muitos criados para procurar a Rua das Bacias, mas todos regressaram sem saber informar.

Nessa tarde, o príncipe pediu a Bicho de Palha uma toalha. Quando todos partiram para a festa, Bicho de Palha pegou a varinha e obteve uma carruagem de ouro e um vestido da cor do mar com todos os seus peixes. Vestiu-se e foi para o palácio do baile. Logo na

entrada, toda a gente a reconheceu e aclamou-a como a mais elegante, graciosa e simpática. O príncipe não saía de perto dela, conversando, dançando, fazendo mil perguntas. Insistiu pelo endereço da moça.

– Não moro mais na Rua das Bacias e sim na rua das Toalhas. Mudei-me hoje.

Aconteceu como na primeira noite. Bicho de Palha inventou uma desculpa e meteu-se na carruagem que correu relâmpago. O príncipe saiu também e passou o outro dia suspirando e mandando procurar, em toda a cidade, a Rua das Toalhas.

Bicho de Palha ouviu as impressões entusiásticas dos empregados na cozinha, todos contando a paixão do príncipe e a beleza da moça.

Na tarde desse dia o príncipe pediu a Bicho de Palha um pente. Vendo-se sozinha no palácio, Bicho de Palha invocou o poder da varinha de condão e recebeu uma carruagem de diamantes e um vestido da cor do céu com “todas as suas estrelas”.

Entrando no salão do baile, Bicho de Palha recebeu as saudações como se fora uma rainha. Ninguém jamais vira moça tão atraente e um vestido tão raro. O príncipe andava atrás dela como uma sombra, servindo-a e perguntando tudo, doido de amor. Bicho de Palha disse que se havia mudado para a Rua dos Pentes, definitivamente. E dançaram muito.

Perto da meia-noite, sabendo que era a hora em que moça desaparecia como se fosse encantada, o príncipe chamou seus criados e mandou abrir uma escavação junto do portão do palácio, esperando que a carruagem parasse. Tal, porém, não se deu, Bicho de Palha saltou para a carruagem e esta disparou como um raio, pulando o fosso, mas, o solavanco fora tão brusco que um sapato de Bicho de Palha, atirado fora da portinhola, perdeu-se. Um criado achou-o e levou-o ao príncipe, que ficou satisfeitíssimo.

Debalde procuraram na cidade a tal Rua dos Pentes. O príncipe deliberou encontrar a moça por outra maneira. Mandou levar o sapatinho a todas as casas, calçando-o em todos os pés. Quem o usasse perfeito, nem largo, nem apertado, seria a encantadora menina dos bailes.

Os criados andaram rua acima e rua abaixo, calçando sapatinho nos pés das moças e das velhas. Nenhuma conseguia dar um só passo com ele no pé.

Voltaram os criados para o palácio e experimentaram calçar os chapins nas empregadas e amas. Nada. Finalmente uma criada encarregada lembrou que Bicho de Palha não fora convidada para calçar o mimoso calçado.

Riram todos, mas, para que o príncipe não os acusasse de ter deixado alguém de calçar o sapatinho, mandaram buscar Bicho de Palha, como motivo de riso, e lhe disseram que experimentasse. Bicho de Palha com a varinha na mão, pediu que lhe aparecesse no corpo, por baixo da capa de palha, o vestido da terceira noite da festa.

O príncipe veio assistir, Bicho de Palha, cercada pela criadagem que ria, meteu o pé no sapatinho e este lhe coube perfeitamente. Depois estirou o outro pé e todos viram que calçava sapatinho igual ao primeiro. Mal podiam crer no que viram, quando caiu a palha e apareceu a moça formosa dos três bailes, com o vestido da cor do céu com todas as estrelas, o diadema com a lua de brilhantes, tudo rebrilhando como as próprias estrelas do firmamento.

O príncipe precipitou-se abraçando-a e chamando por sua mãe para que conhecesse a futura nora.

Casaram logo. Bicho de Palha contou sua história, e a varinha de condão, cumprida a vontade da velhinha, que era Nossa Senhora, desapareceu, deixando-os muito felizes na terra.

*Dahlia Freire Cascudo,
Natal, Rio Grande do Norte.*

Fonte: Disponível em: Cascudo, Luís da Câmara. **Contos tradicionais do Brasil**. -13. ed. –São Paulo: Global, 2004

PASSO 4: COMPREENSÃO E REFLEXÃO SOBRE O CONTO

Depois da leitura/contação, a realização da interpretação é primordial para a construção de sentidos dos textos. De acordo com Cosson (2018) este momento é de suma importância para o professor promover um diálogo que envolva autor, leitor e comunidade, de trabalhar as inferências dos alunos oportunizando-os a reflexão sobre a obra lida, externalizando suas impressões e compreensões de leitores.

Nesse contexto, conversar com os alunos sobre a obra lida ou ouvida é fundamental. Conforme Abramovich (1997, p. 143):

Ao ler uma história a criança também desenvolve todo um potencial crítico. A partir daí ela pode pensar, duvidar, se perguntar, questionar... Pode se sentir inquietada, cutucada, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se

pode mudar de opinião... E isso não sendo feito uma vez ao ano... Mas fazendo parte da rotina escolar, sento sistematizado, sempre presente - o que não significa trabalhar em cima dum esquema rígido e apenas repetitivo.

Em concordância com o pensamento da autora, se faz necessário saber se o leitor/ouvinte gostou ou não do que foi contado, se demonstrou envolvimento com a história, se concorda ou não com os fatos narrados. Por isso, sugerimos para uma primeira interpretação do conto lido uma roda de conversa em que o professor possa mediar uma discussão acerca da obra em estudo. Para organizar esse momento de compreensão, propomos algumas perguntas que poderão ser respondidas pelos alunos, oralmente ou de forma escrita no caderno. O importante é que o professor explore o conhecimento dos alunos, que permita que eles façam questionamentos e comentários divergentes acerca do conto, e saiba aproveitar a opinião e o entendimento dos discentes para construir os sentidos do texto.

SUGESTÃO DE PERGUNTAS:

- Você gostou da história? Já a conhecia?
- Por que Maria vivia coberta por uma capa trançada?
- Como você caracteriza Maria (Bicho de Palha)? Cite características físicas e psicológicas.
- Por que Maria foge de casa?
- No lugar dela você teria agido diferente? De que forma?
- E quanto ao pai de Maria, como você o definiria? Você acha que ele possui características de um bom pai? Por quê?
- Qual o assunto explorado nesse conto? Você gosta das histórias que abordam esse assunto?
- Você se identificou com alguma das personagens do conto? Qual? Por quê?
- Qual a mensagem que o conto trouxe para você?
- Esse conto fez você lembrar outra história? Qual?

Ao serem questionados sobre a relação do conto “Bicho de Palha” com outros contos, provavelmente os alunos citarão o conto “Cinderela”, mas conhecido na versão de Walt Disney, ou “A Gata Borralheira”, de Perrault. Nesse momento, é importante explicar que os contos estão presentes em todas as sociedades, ultrapassam fronteiras, épocas, e, por onde passam, sofrem adaptações, ganham marcas da cultura de cada povo. Para ampliar o repertório de contos da turma, pode-se apresentar ou orientar os alunos a pesquisarem outra(s) versão (es) populares desse mesmo conto e pedir para os alunos compartilharem a leitura desses contos em um

momento de deleite. Como sugestão, deixamos em anexo o conto “Capa de Junco”, versão inglesa de Joseph Jakobs e “A Gata Borralheira”, de Perrault.

Do texto para a atualidade

O conto “Bicho de Palha”, assim como é comum aos contos populares, abordam temas que tocam em categorias básicas de problematizações humanas e que fazem parte da sociedade de todos os tempos, refletindo os valores que cada sociedade considera importante em determinado momento histórico-cultural vivenciado. Assim, no conto em estudo, podemos perceber traços de humildade, submissão, amor filial, religiosidade e realização pessoal.

Para explorar melhor o conto trabalhado, sugerimos realizar uma discussão acerca das relações familiares expressas no conto, confrontando-as com a sociedade atual. Para este momento, é pertinente abrir espaço para ouvir a opinião dos alunos, bem como, manter o registro durante toda a atividade, pois esta é uma forma de praticar a escrita.

PERGUNTAS NORTEADORAS PARA A DISCUSSÃO:

- No conto “Bicho de Palha”, Maria, a protagonista da história, foge de casa para livrar-se dos maus-tratos causados por sua madrasta. Atualmente, nas relações familiares é comum haver esse tipo de convivência entre mães e enteadas? Você já presenciou um fato semelhante?
- Maria prefere sofrer calada e aguentar o trabalho árduo e as humilhações da madrasta do que denunciá-la ao pai. Você concorda com essa atitude? Como você imagina que o pai de Maria reagiria ao saber toda a verdade?
- Qual o seu conceito de família?
- Em sua opinião, o que é necessário, nos dias atuais, para formar uma família feliz?

Essas perguntas, assim como as outras propostas neste caderno, são apenas algumas sugestões que podem ser utilizadas e adaptadas de acordo com o perfil de cada turma, e outras podem surgir quando os alunos estiverem debatendo e defendendo os seus pontos de vista. Mais do que o resumo do conto é necessário provocar reflexões, instigar o aluno a pensar sobre a história e trazê-la para o seu cotidiano.

OFICINA 2 – VAMOS OUVIR MAIS HISTÓRIAS?

TEXTO – A MOURA TORTA

PÚBLICO-ALVO: Alunos do 6º ano do Ensino Fundamental

TEMPO ESTIMADO: 6 Aulas de aproximadamente 50 minutos (cada)

MATERIAIS NECESSÁRIOS:

- Áudio da cantiga “A Moura Torta”
- Vídeo com a história “A Moura torta”
- Projetor de vídeo
- Texto impresso “A Moura torta”

OBJETIVOS

- Rememorar e transmitir tradições da cultura popular através de brincadeiras e cantigas de roda;
- Desenvolver as habilidades de escuta das histórias orais através da prática de contação de história;
- Incentivar e exercitar a interpretação do texto;
- Desenvolver a compreensão da ideia apresentada no texto;
- Sistematizar situações-problema a partir do conto trabalhado, para as crianças refletirem criando alternativas de acordo com as suas impressões;
- Aprender valores éticos e morais;
- Identificar as diferenças e semelhanças entre língua falada (contação) e escrita (texto impresso);
- Identificar os aspectos prosódicos, a entonação, o timbre de voz, as marcas da oralidade, a troca de turno, os recursos linguísticos, discursivos e gestuais do contador (professor);
- Fazer um comparativo oral do vídeo “A Moura torta” com a contação e a leitura do mesmo conto.

PASSO 1: MOTIVAÇÃO

Este primeiro momento servirá para motivar e envolver a turma em relação ao tema da atividade seguinte. O professor poderá levar os alunos para um ambiente externo à sala de aula, pode ser o pátio, um jardim, enfim um ambiente ao ar livre e com espaço para que os alunos se sintam bem à vontade. Quando já estiverem no local escolhido, organizar os alunos sentados em círculo e perguntar se já brincaram de roda, se gostaram da experiência, quais as cantigas que costumavam cantar, onde e com quem realizavam esse tipo de brincadeira. Para incrementar o bate-papo o professor poderá citar algumas brincadeiras e cantigas conhecidas ou brincadas por ele na infância, sugestão: Cai no poço, Passa o anel, Batata quente, A canoa virou, entre outras.

Após a roda de conversa, o professor convidará os alunos para ficarem de pé e brincarem da Moura Torta. Explicar que esta é uma brincadeira antiga de uma personagem famosa na cultura popular brasileira. Para brincar de Moura Torta, o grupo deve fazer uma roda e dar as mãos, uma criança entra no meio, e todos cantam e dançam girando. A criança que estava na roda sai e outra entra no centro. A música continua, e a turma vai rodando até que todos participem.

"Moura Torta que está na roda
Entorta lá que eu entorto cá
Sai da roda pra outra entrar"

(Vídeo com o áudio da cantiga, disponível em: <https://youtu.be/hExiZMDug7E>)

As brincadeiras de roda são realizadas com cantigas folclóricas e populares, onde os integrantes brincam, dançam e cantam em roda. Com musicalidade e presença de rimas fáceis de memorizar, elas são muito utilizadas na educação infantil, no entanto, também podem ser usadas em grupos de jovens para promover a interação e a diversão. “As cantigas de roda também têm ritmo, rimas e risos e brincam com o som, com o corpo, com gestos e com emoções.” (STOCKER, 2014, p. 37)

PASSO 2: INTRODUÇÃO - HORA DA HISTÓRIA

Depois de cantarem e brincarem a cantiga popular da Moura Torta é hora de voltar para a sala de aula para mais uma atividade dinâmica. Antes de iniciar o próximo passo, é importante ouvir a opinião dos alunos sobre a brincadeira realizada, se se divertiram e se gostariam de brincar outras vezes, se já conheciam ou escutaram falar da Moura Torta. Aproveite a conversa para fazer a predição com indagações do conto a ser explorado.

SUGESTÕES DE PERGUNTAS

- O que você imagina ser uma moura?
- O que você pensa das pessoas que tiram proveito das oportunidades?
- Você já tirou proveito de alguma pessoa ou situação? Como você analisa esse fato vivido por você, de forma negativa ou positiva? Por quê?
- A história que você vai ouvir tem como título “A Moura Torta”. Qual efeito você espera que ela lhe provoque? Humor, medo, suspense ou outro efeito? Justifique.

Após os questionamentos é hora da contação da história, de apresentar o conto de forma expressiva de maneira que possa envolver os alunos na trama da narrativa “A Moura Torta”, compilado no livro *Contos tradicionais do Brasil*, do escritor e folclorista Luís da Câmara Cascudo.



Fonte: <https://images.app.goo.gl/JT1FawW3ycbPrPFY8>

A MOURA TORTA



Fonte da imagem: <http://3.bp.blogspot.com/-K-f2WyfzbBg/VjP1LcORclI/AAAAAAAAAxI/bRpBicu-N6Y/s320/M13.bmp.jpg>

Era uma vez um Rei que tinha um filho único, e este, chegando a ser rapaz, pediu para correr mundo. Não houve outro remédio senão deixar o Príncipe seguir viagem como desejava.

Nos primeiros tempos nada aconteceu de novidades. O Príncipe andou, andou dormindo aqui e acolá, passando fome e frio. Numa tarde ia ele chegando a uma cidade quando uma velhinha muito corcunda, carregando um feixe de gravetos, pediu uma esmola. O Príncipe, com pena da velhinha, deu dinheiro bastante e colocou nos ombros o feixe de gravetos, levando a carga até pertinho das ruas. A velha agradeceu muito, abençoou e disse:

Meu netinho, não tenho nada para lhe dar: leve essas frutas para regalo, mas só abra perto das águas correntes.

Tirou do alforje sujo três laranjas e entregou ao Príncipe, que as guardou e continuou sua jornada.

Dias depois, na hora do meio-dia, estava morto de sede e lembrou-se das laranjas. Tirou uma, abriu o canivete e cortou. Imediatamente a casca abriu para um lado e outro e pulou de dentro uma moça bonita como os anjos, dizendo:

– Quero água! Quero água!

Não havia água por ali e a moça desapareceu. O Príncipe ficou triste com o caso. Dias passados sucedeu o mesmo. Estava com sede e cortou a segunda laranja. Outra moça, ainda mais bonita, apareceu, pedindo água pelo amor de Deus.

O Príncipe não pôde arranjar nem uma gota. A moça sumiu-se como uma fumaça, deixando o Príncipe muito contrariado.

Noutra ocasião o Príncipe tornou a ter muita sede. Estava já voltando para o palácio de seu Pai. Lembrou-se do sucedido com as duas moças e andou até um rio corrente. Parou e descascou a última laranja que a velha lhe dera. A terceira era bonita de fazer raiva. Muito e muito mais bonita que as duas outras. Foi logo pedindo água e o Príncipe mais que depressa lhe deu. A moça bebeu e desencantou, começando a conversar com o rapaz e contando sua história. Ficaram namorados um do outro. A moça estava quase nua e o Príncipe viajava a pé, não podendo levar sua noiva naqueles trajes. Mandou subir em uma árvore, na beira do rio, despediu-se dela e correu para casa.

Nesse momento chegou uma escrava negra, cega de um olho, a quem chamavam a Moura Torta. A negra baixou-se para encher o pote com água do rio, mas avistou o rosto da moça que se retratava nas águas e pensou que fosse o dela. Ficou assombrada de tanta formosura.

– Meu Deus! Eu tão bonita e carregando água? Não é possível... – Atirou o pote nas pedras, quebrando-o e voltou para o palácio, cantando de alegria. Quando a viram voltar sem água e toda importante, deram muita vaia na Moura Torta, brigaram com ela e mandaram que fosse buscar água, com outro pote.

Lá voltou a negra, com o pote na cabeça, sucumbida. Meteu o pote no rio e viu o rosto da moça que estava na árvore, mesmo por cima da correnteza. Novamente a escrava preta ficou convencida da própria beleza. Sacudiu o pote bem longe e regressou para o palácio, toda cheia de si.

Quase a matam de vaías e de puxões. Deram o terceiro pote e ameaçaram a negra de uma surra de chibata se ela chegasse sem o pote cheio d'água. Lá veio a Moura Torta no destino. Mergulhou o pote no rio e tornou a ver a face da moça. Esta, não podendo conter-se com a vaidade da negra, desatou uma boa gargalhada. A escrava levantou a cabeça e viu a causadora de toda sua complicação.

– Ah! É vossimicê, minha moça branca? Que está fazendo aí, feito passarinho? Desça para conversar comigo.

A moça, de boba, desceu, e a Moura Torta pediu para pentear o cabelo dela, um cabelão louro e muito comprido que era um primor. A moça deixou. A Moura Torta deitou a cabeça no seu colo e começou a catar, dando cafuné e desembaraçando as tranças. Assim que a viu muito entretida, fechando os olhos, tirou um alfinete encantado e fincou-o na cabeça da moça. Esta deu um grito e virou-se numa rolinha, saindo a voar.

A negra trepou-se na mesma árvore e ficou esperando o Príncipe, como a moça lhe tinha dito, de boba.

Finalmente o Príncipe chegou, numa carruagem dourada, com os criados e criadas trazendo roupa para vestir a noiva. Encontrou a Moura Torta, feia como a miséria. O Príncipe, assim que a viu, ficou admirado e perguntou a razão de tanta mudança. A Moura Torta disse:

– O sol queimou minha pele e os espinhos furaram meu olho. Vamos esperar que o tempo melhore e eu fique como era antes.

O Príncipe acreditou e lá se foi a Moura Torta de carruagem dourada, feito gente. O rei e a Rainha ficaram de caldo vendo uma nora tão horrenda como a negra. Mas, palavra de Rei não volta atrás e o prometido seria cumprido. O Príncipe anunciou seu casamento e mandou convite aos amigos.

A Moura Torta não acreditava nos olhos. Vivia toda coberta de seda e perfumada, dando ordens e ainda mais feia do que carregando o pote d'água. Todos antipatizavam com a futura Princesa.

Todas as tardes o Príncipe vinha espreitar no jardim e notava que uma rolinha voava sempre ao redor dele, piando triste de fazer pena. Aquilo sucedeu tantas vezes que o Príncipe acabou ficando impressionado. Mandou um criado armar um laço num galho e a rolinha ficou presa. O criado levou a rolinha ao Príncipe e este segurou com delicadeza, alisando as peninhas. Depois coçou a cabecinha da avezinha e encontrou um caroço duro. Puxou e saiu um alfinete fino. Imediatamente a moça desencantou-se e apareceu bonita como os amores.

O Príncipe ficou sabendo da malvadeza da negra escrava. Mandou prender a Moura Torta e contou a todo o mundo a perversidade dela, condenando-a a morrer queimada e as cinzas atiradas ao vento.

Fizeram uma fogueira bem grande e sacudiram a Moura Torta dentro, até que ficou reduzida a poeira.

A moça casou com o Príncipe e viveram como Deus com seus anjos, querida por todos. Entrou por uma perna de pinto e saiu por uma de pato, mandou dizer El-Rei Meu Senhor que me contassem quatro...

Lourenço Maria da Conceição,

Natal, Rio G. do Norte.

PASSO 3 – COMPREENSÃO E REFLEXÃO SOBRE O CONTO

Após os alunos ouvirem a história, o professor deve propor algumas questões para que respondam oralmente.

Este será um momento de participação e interação oral em sala de aula; situação que exige reflexão, questionamento e respeito aos turnos da fala e das diversas maneiras de falar. Por isso, saber falar, ouvir e ter atenção ao que se fala e àquilo que se ouve é fundamental nesta atividade.

Neste passo, desenvolveremos atividades de interpretação oral do conto ouvido. As perguntas feitas pelo professor devem conduzir a discussão de forma que todos os alunos possam participar, pois é uma oportunidade para que eles desenvolvam a oralidade e adquiram mais facilidade para falar em público de maneira adequada.

É fundamental preparar os alunos para o momento da exposição oral para que eles aprendam a ouvir atentamente o colega que estiver expondo seus argumentos. Se faz pertinente orientar os alunos a observar os gestos, a voz, a postura corporal, as marcas da oralidade, as repetições, e a adequação ao tema.

SUGESTÃO DE QUESTIONAMENTOS:

- Após a leitura do texto, as suas hipóteses foram confirmadas?
- O que você achou da ação do príncipe em dar dinheiro para a velhinha e carregar a sua carga até perto das ruas?
- Você acha que se o príncipe estivesse sido grosseiro com a velhinha ela o teria lhe presenteado?
- Na narrativa, qual é a função da velhinha?
- Você considera a Moura Torta uma pessoa ruim? Por quê?
- O que fez a Moura Torta se tornar uma pessoa desagradável?
- Você concorda com a forma como tratavam a Moura Torta? Por quê?
- Como você justifica o comportamento da Moura Torta de enganar e enfeitiçar a moça? Se você estivesse no lugar da Moura agiria da mesma maneira? Comente.
- Cite alguns elementos maravilhosos (mágicos, encantados) presentes no conto.
- Você gostou do final da história? Que outro final você daria para o conto?

PASSO 3: LEITURA ORIENTADA

Para realização desta atividade, o professor entregará impresso o conto “A Moura Torta.” Em seguida, fará a leitura do conto.

Explicitar aos alunos que eles devem observar a entonação da voz, as pausas, os gestos, os parágrafos, o discurso direto e a linguagem formal.

Na sequência, o professor deve propor indagações que deverão ser respondidas oralmente pelos alunos. Para cada indagação, solicitar a participação de um aluno. Ao passo que os alunos forem respondendo aos questionamentos feitos, convida-se outro aluno para comentar a resposta do colega. Repetir a dinâmica para as próximas perguntas, dessa forma, todos vão poder interagir e participar das atividades propostas neste caderno.

PERGUNTAS NORTEADORAS:

- O que você percebeu de diferente entre o texto escrito e a contação oral realizada pelo professor?
- Nos textos orais é comum aparecer algumas marcas da oralidade que não são transcritas para o texto escrito. Cite algumas dessas palavras que são próprias da oralidade que apareceram no momento da contação.
- Você criou alguma expectativa para a história ouvida? E para a história lida? Ao final da audição e da leitura essas expectativas se cumpriram?



DE OLHO NA TELINHA

Nesta atividade, trabalharemos a comparação das modalidades usadas para abordar o mesmo conto: a primeira versão contada pelo professor, essa mesma versão impressa, lida pelo

professor e pelo aluno e uma segunda versão da história narrada no vídeo.

O vídeo está disponível em: https://youtu.be/qp_t60Hkv38. Acesso em 05 jan.2021.
Uma adaptação do conto *A Moura torta*, por Sandra Guzman.

Após a exibição do vídeo, propor uma reflexão oral com os alunos.

PERGUNTAS NORTEADORAS:

- O que mais chamou a sua atenção no vídeo?
- A história contada no vídeo apresenta alguma diferença entre a história contada pelo seu professor e a história lida por você? Qual?
- Que relação pode ser estabelecida entre o que vocês ouviram, leram e assistiram?
- Identifique as marcas da oralidade na contação realizada no vídeo.
- O que você modificaria no vídeo? Por quê?
- Qual das três formas apresentadas para narrar o conto “A Moura Torta” você apreciou mais? A contação do professor, a sua leitura ou a contação do vídeo? Justifique a sua escolha.

Trabalhar com a oralidade em sala de aula é proporcionar momentos de interação, visando desenvolvimento da capacidade de utilização da linguagem oral em situações formais.

OFICINA 3 – CONTO POPULAR: QUE GÊNERO É ESSE?

TEMPO ESTIMADO: 4 h/a de aproximadamente 50 minutos (cada)

PÚBLICO-ALVO: Alunos do 6º ano do Ensino Fundamental

MATERIAIS NECESSÁRIOS:

- Texto impresso: Era uma vez um conto (parte 1), de Moacyr Scliar.

Esta oficina é destinada ao conhecimento das peculiaridades do conto popular, para o que os alunos possam compreender a sua estrutura, principais características, meio de circulação, finalidade e a função desses elementos composicionais dentro do texto, percebendo a sua importância e como elas contribuem para a construção da história.

OBJETIVOS

- Conhecer as especificidades do gênero conto popular;
- Identificar os elementos organizacionais e estruturais do conto popular;
- Identificar a finalidade desse gênero;
- Conhecer as práticas sociais de produção e circulação do conto popular;
- Conhecer contos populares da comunidade;
- Adquirir o hábito e o gosto em ouvir contos populares;
- Explicitar a importância da contação de histórias, no contexto familiar e escolar.

PASSO 1 – MOTIVAÇÃO

Assim como nas oficinas anteriores, é conveniente organizar um ambiente harmônico para que os alunos se sintam mais à vontade para partilharem suas experiências, dúvidas, certezas, opiniões, pontos de vista. Uma forma de enriquecer ainda mais este primeiro momento

é propor uma roda de conversa sobre *cultura popular*, incentivando a turma a falar sobre: os seus costumes; suas crenças; o que sabem sobre as histórias da sua comunidade; se na sua localidade tem rezadores/benedizores; se os conhecem e o que pensam sobre o assunto; se ainda são cultivadas as tradições de algumas festas populares como renovação, guisado, lapinha e outras que os alunos forem citando; se conhecem algumas lendas locais; ditados populares; se brincam de brincadeiras de roda...

Explicar aos alunos que todas essas manifestações populares citadas por vocês fazem parte da nossa cultura, da nossa história. Foram repassadas de geração a geração para transmitir ensinamentos e para nos divertir. Se possível, para dar mais ênfase à roda de conversa, leve alguém da comunidade que seja um contador tradicional de história, para que conte uma ou duas histórias para a turma. Além de valorizar o contador de história, essa ação oportunizará aos alunos se deleitarem com belas histórias da sua localidade e, posteriormente, compreender melhor o gênero conto popular.

PASSO 2 - LEITURA

Após a roda de conversa sobre estas manifestações populares discutidas no momento anterior e a contação de histórias, entregue a cada aluno o texto de Moacyr Scliar “Era uma vez um conto” e apresente o conto para a turma.

O CONTO SE APRESENTA

Olá!

Não, não adianta olhar ao redor: você não vai me enxergar. Não sou uma pessoa como você. Sou, vamos dizer assim, uma voz. Uma voz que fala com você ao vivo, como estou fazendo agora. Ou então que lhe fala dos livros que você lê.

Não fique tão surpreso assim: você me conhece. Na verdade, somos até velhos amigos. Você já me ouviu falando de Chapeuzinho Vermelho e do Príncipe Encantado, de reis, de bruxas, do Saci-Pererê. Falo de muitas coisas, conto muitas histórias, mas nunca falei de mim próprio. É o que eu vou fazer agora, em homenagem a você. E começo me apresentando: eu sou o Conto. Sabe o conto de fadas, o conto de mistério? Sou eu. O Conto.

Devo lhe dizer que sou muito antigo. Porque contar histórias é uma coisa que as pessoas fazem há muito, muito tempo. É uma coisa natural, que brota de dentro da gente. Faça o seguinte: feche os olhos e imagine uma cena, uma cena que se passou há muitos milhares de anos. É de noite e uma tribo dos nossos antepassados, aqueles que viviam nas cavernas, está sentada em redor da fogueira. Eles têm medo do escuro, porque no escuro estão as feras que os ameaçam, aqueles enormes tigres, e outras mais. Então alguém olha para a lua e pergunta: por que é que às vezes a lua desaparece? Todos se voltam para um homem velho, que é uma espécie de guru para eles. Esperam que o homem dê a resposta. Mas ele não sabe o que responder. E então eu apareço. Eu, o Conto. Surjo lá da escuridão e, sem que ninguém note, falo baixinho ao ouvido do velho:

– Conte uma história para eles.

E ele conta. É uma história sobre um grande tigre que anda pelo céu e que de vez em quando come a lua. E a lua some. Mas a lua não é uma coisa muito boa para comer, de modo que lá pelas tantas o grande tigre bota a lua para fora de novo. E ela aparece no céu, brilhante.

Todos escutam o conto. Todo mundo: homens, mulheres, crianças. Todos estão encantados. E felizes: antes, havia um mistério: por que a lua some? Agora, aquele mistério não existe mais. Existe uma história que fala de coisas que eles conhecem: tigre, lua, comer – mas fala como essas coisas poderiam ser, não como elas são. Existe um conto. As pessoas vão lembrar esse conto por toda a vida.

E quando as crianças da tribo crescerem e tiverem seus próprios filhos, vão contar a história para explicar a eles por que a lua some de vez em quando. Aquele conto.

No começo, portanto, é assim que eu existo: quando as pessoas falam em mim, quando as pessoas narram histórias – sobre deuses, sobre monstros, sobre criaturas fantásticas. Histórias que atravessam os tempos, que duram séculos. Como eu.

Aí surge a escrita. Uma grande invenção, a escrita, você não concorda? Com a escrita, eu não existo mais somente como uma voz. Agora estou ali, naqueles sinais chamados letras, que permitem que pessoas se comuniquem, mesmo à distância. E aquelas histórias – sobre deuses, sobre monstros, sobre criaturas fantásticas – vão aparecer em forma de palavra escrita.

E é neste momento que eu tenho uma grande idéia. Uma inspiração, vamos dizer assim. Você sabe o que é inspiração? Inspiração é aquela descoberta que a gente faz de repente, de repente tem uma idéia muito boa. A inspiração não vem de fora, não; não é uma coisa misteriosa que entra na nossa cabeça. A boa idéia já estava dentro de nós; só que a

gente não sabia. A gente tem muitas boas idéias, pode crer.

E então, com aquela boa idéia, chego perto de um homem ainda jovem. Ele não me vê. Como você não me vê. Eu me apresento, como me apresentei a você, digo-lhe que estou ali com uma missão especial – com um pedido:

– Escreva uma história.

Num primeiro momento, ele fica surpreso, assim como você ficou. Na verdade, ele já havia pensado nisso, em escrever uma história. Mas tinha dúvidas: ele, escrever uma história? Como aquelas histórias que todas as pessoas contavam e que vinham de um passado? Ele, escrever uma história? E assinar seu próprio nome? Será que pode fazer isso? Dou força:

– Vá em frente, cara. Escreva uma história. Você vai gostar de escrever. E as pessoas vão gostar de ler.

Então ele senta, e escreve uma história. É uma história sobre uma criança, uma história muito bonita. Ele lê o que escreveu. Nota que algumas coisas não ficaram muito bem. Então escreve de novo. E de novo. E mais uma vez. E aí, sim, ele gosta do que escreveu. Mostra para outras pessoas, para os amigos, para a namorada. Todos gostam, todos se emocionam com a história.

E eu vou em frente. Procuro uma moça muito delicada, muito sensível. Mesma coisa:

– Escreva uma história.

Ela escreve. E assim vão surgindo escritores. Os contos deles aparecem em jornais, em revistas, em livros.

Já não são histórias sobre deuses, sobre criaturas fantásticas. Não, são histórias sobre gente comum – porque as histórias sobre as pessoas comuns muitas vezes são mais interessantes do que histórias sobre deuses e criaturas fantásticas: até porque deuses e criaturas fantásticas podem ser inventados por qualquer pessoa. O mundo da nossa imaginação é muito grande. Mas a nossa vida, a vida de cada dia, está cheia de emoções. E onde há emoção, pode haver conto. Onde há gente que sabe usar as palavras para emocionar pessoas, para transmitir idéias, existem escritores.

Alguns deles – grandes escritores – você vai conhecer agora. O José Paulo Paes, que já morreu, escrevia poemas, escrevia artigos, escrevia contos... Ele adorava crianças e adorava palavras: e, por causa disso, escreveu “A Revolta das Palavras”. Você já imaginou isso, as palavras se revoltando? Pois é. Se o Conto pode falar, as palavras podem se revoltar, não é verdade? Isso é o que José Paulo Paes diz. E depois tem o Milton

Hatoum. Ele é do Norte, de Manaus. E escreve uma linda história que se passa em Xapuri, no Acre. E o Marcelo Coelho, que é jornalista, fala sobre o primeiro dia na escola. Lembram disso? Lembram do primeiro dia na escola? O Marcelo vai ajudar vocês a lembrar. Já o Drauzio Varella é médico, um grande médico que é também escritor. Mas os médicos, e os escritores, também tiveram infância, também fizeram travessuras, e é disso que o Drauzio vai falar para vocês.

E, já que eles estão aqui, posso ir embora, porque agora vocês estão em muito boa companhia. Vou em busca de outros garotos e outras garotas. Para quem vou me apresentar:

– Eu sou o Conto.

Fonte: Era uma vez um conto. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2002. Moacyr Scliar; José Paulo Paes; Milton Hatoum; Marcelo Coelho; Drauzio Varella. Disponível em: <https://nuhtaradahab.wordpress.com/2012/05/12/moacyr-scliar-era-uma-vez-um-conto-parte-1-o-conto-se-apresenta/> Acesso em 03 jan. 2021.



Moacyr Jaime Scliar nasceu em Porto Alegre, em 23 de março de 1937. Foi um escritor brasileiro. Formado em medicina, trabalhou como médico especialista em saúde pública e professor universitário. Sua prolífica obra consiste de contos, romances, ensaios e literatura infantojuvenil. Também ficou conhecido por suas crônicas nos principais jornais do país.

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Moacir_Scliar.jpg. Acesso em 07 mar, 2021.

PASSO 3 - INTERPRETAÇÃO

Depois da leitura, deve-se provocar discussões acerca do texto lido e continuar instigando os alunos com questionamentos sobre o gênero conto popular.

SUGESTÕES DE PERGUNTAS:

- Quais expectativas foram criadas por você em relação ao texto?
- O título despertou a sua curiosidade?
- Como você avalia a apresentação do Conto?
- Ao concluir a leitura do texto, você aprendeu alguma coisa sobre o gênero conto? O quê?
- Como você conceitua o gênero conto popular?
- Quais características você imagina estarem presentes nesse tipo de conto?
- Você conhece algum conto popular? Qual?
- Quais são os assuntos abordados nesse tipo de texto?
- Onde os contos populares podem ser veiculados?
- Qual é a linguagem utilizada nos contos orais? E no conto escrito?
- Você sabe qual a finalidade do conto popular?

É relevante fazer o registro na lousa de acordo com as respostas dos discentes. Você poderá propor que construam juntos um quadro resumo com o conceito do gênero, as principais características, finalidade, veículo ou suporte de circulação, temas abordados. O modelo a seguir pode orientar essa construção.

O CONTO POPULAR			
FINALIDADE DO GÊNERO	PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS	TEMAS ABORDADOS	SUPORTE DE CIRCULAÇÃO
Entreter e transmitir ensinamentos.	Narrativa breve; Tempo e local indeterminados; Número reduzido de personagens; Narrador observador; Linguagem simples e com marcas da oralidade; Autor anônimo.	Vivências do dia a dia (alegria, tristeza, ambição, ódio, amor, amizade, a morte...)	Livros; Sites na internet;

Fonte: Elaborada pela autora.

Para ajudar o aluno a fixar as características do conto popular, o professor pode dividir a turma em dois grupos e pedir para que um grupo faça a releitura do conto “Bicho de Palha” e outro grupo realize a releitura do conto “A Moura torta”. Logo após, sugerir que localizem nos contos trabalhados informações sobre a estrutura do conto popular. Por exemplo: Objeto sagrado usados nesses contos, situação inicial, personagens, tempo, espaço, assunto tratado... As informações explícitas irão sistematizar o que caracteriza o conto popular.

PASSO 4 - PRODUÇÃO ORAL: CONTE VOCÊ TAMBÉM...

Nesse passo, a proposta é pesquisar um conto popular para contá-lo oralmente em uma data combinada com o professor. Para isto, dividiremos a atividade em dois momentos:

1º Momento

Os alunos terão como tarefa pedir aos pais, avós, tios ou pessoas mais velhas da comunidade para que lhes contem uma história, pode ser uma narrativa de tradição oral ou uma

história de sua infância. Solicitar aos alunos que, se possível, gravem a contação para que possam ouvir as histórias contadas na voz do próprio contador, caso os alunos não tenham recursos para realizar a gravação, oriente-os a copiarem a história do jeito que foi contada para fazerem o reconto oral em sala de aula. Lembrar aos alunos que é muito importante anotar nome, idade e cidade de origem da pessoa que lhe contou a história.

2º Momento

Para que esta atividade não se estenda por muito tempo e não se torne cansativa, propomos que ela seja realizada em grupo; o professor poderá dividir a turma em pequenos grupos e orientar que cada aluno da equipe deverá contar ou mostrar a gravação da história ouvida em casa. Ao final da contação das histórias, os alunos escolherão uma história para ser narrada, em outro momento, para a sala toda.

ATENÇÃO!

Para deixar a atividade mais atrativa e aconchegante leve os alunos para fora da sala de aula, pode ser a biblioteca, o pátio, para debaixo de uma árvore, se a escola não oferecer um espaço extraclasse, decore a própria sala com elementos que deixem os alunos mais envolvidos com o momento da contação. Recontar uma história de forma criativa, dinâmica, diferente é mais cativante e faz aumentar nossa curiosidade, desenvolvendo nossa capacidade de observar e encontrar outra maneira de contar a mesma história.

Para maior êxito na realização da escuta, é necessário recordar da preparação e organização para a apresentação oral e muita atenção dos ouvintes. No momento da escuta, vocês ouvirão algumas histórias gravadas por familiares e outras recontadas pelos próprios alunos. É importante respeitar a maneira de falar de cada contador, assim como as diferenças linguísticas que surgirão na sala durante a escuta das histórias. Se necessário, o professor poderá intervir nesta atividade, destacando para os alunos que não existem falas “erradas”, mas, diversas e adequadas a uma região ou situação.

OFICINA 04: CIRANDA DE HISTÓRIAS

TEMPO ESTIMADO: 4 h/a de aproximadamente 50 minutos (cada)

PÚBLICO-ALVO: Alunos do 6º ano do Ensino Fundamental

MATERIAIS NECESSÁRIOS:

- Objetos para ornamentar a contação de histórias
- Caixa de som
- Cantigas de roda

OBJETIVOS

- Desenvolver habilidades para se expressar em público através das contações de histórias trabalhadas com os colegas de sala;
- Promover a contação de histórias em sala de aula, para que possam utilizar a oralidade com segurança e desenvoltura;
- Promover a interação entre os colegas;
- Valorizar os contos populares, considerando-os parte da tradição dos povos;
- Estimular a criatividade e a imaginação.

Uma boa história prende a atenção do público e tem a capacidade de transportar o ouvinte para lugares incríveis. Ela pode ser transmitida de várias maneiras: pela escrita e leitura ou pela contação oral utilizando recursos de expressividade. Para Stocker (2014, p. 19):

A contação de histórias assume a responsabilidade de transmitir a memória coletiva, a qual está impregnada de um caráter extremamente prático e fiel a uma sabedoria que se mantém atual, através dos anos, porque é resultado das mais variadas experiências de vida com as quais as pessoas ainda se identificam.

Com o intuito de propiciar ao aluno vivenciar o poder e a magia que as histórias exercem sobre nós, nesta oficina, oportunizaremos ao aluno conhecer e partilhar as histórias contadas pelos seus familiares ou por pessoas da sua comunidade, resgatando, assim, a importância do “contar histórias” no contexto familiar e escolar. Para tanto, ela será realizada em dois passos, diferenciando-se assim das outras três oficinas. Não seguiremos o passo a passo proposto por Cosson (2018) porque o nosso objetivo aqui é culminarmos as experiências adquiridas durante todo o desenvolvimento desta proposta de intervenção.

PASSO 1: PREPARAÇÃO PARA A CIRANDA DE HISTÓRIAS

1º Momento

Antes de iniciar a atividade, o professor deve explicar aos alunos que chegou o momento de compartilharem os contos pesquisados e apresentados na oficina anterior e que os contos selecionados pelos grupos farão parte de uma Ciranda de Histórias que será organizada por toda a turma e executada em uma data previamente combinada com o professor. Primeiramente, sugerimos que ouça os alunos, que dê a oportunidade de serem protagonistas das suas ações, com certeza, darão ideias, sugestões de como deixar a Ciranda ainda mais envolvente e criativa. Juntos, pensem em um roteiro, estabeleçam critérios e a melhor forma para realizarem a atividade coletivamente.

Em seguida, orientar cada grupo a escutar o áudio gravado da recolha do conto e transcrever para o papel, assim cada aluno fica com o registro escrito do conto que será apresentado, esses registros poderão compor um livro de contos recolhidos pela turma. É de suma importância deixar clara a valorização de quem contou a história, é indispensável que digam onde ouviram essa história e quem é a pessoa que a contou.

2º Momento

Após a roda de conversa sobre a Ciranda de Histórias, o professor deve explicitar que é hora de planejar cada apresentação através de anotações. Mantendo os mesmos grupos formados na oficina anterior, pedir para cada equipe discutir e anotar no caderno o planejamento para a execução da Ciranda.

PERGUNTAS NORTEADORAS:

- Qual efeito queremos provocar nos ouvintes?
- O que proporemos para a narração do conto? Irão escolher apenas um integrante do grupo ou todos participarão da contação?
- Qual expressão será utilizada para iniciar a narrativa: “Era uma vez”, ou, “Um certo dia”, por exemplo.
- O grupo vai usar um figurino específico ou algum instrumento no momento da contação? Se a resposta for sim, que objetos serão utilizados?
- Como vai ser o cenário para as apresentações? Iremos ornamentar a própria sala ou iremos para outro local? Que local seria este?
- Iremos convidar outras pessoas para a Ciranda de Histórias? Quantas pessoas? Quem serão estas pessoas?
- Todos concordam em providenciar algo para ser servido durante ou ao final da Ciranda? O que poderíamos servir, bolo, café, biscoito? Como iremos nos organizar?

Estas são apenas algumas sugestões, podem ser retiradas ou acrescentadas outras questões que considerar pertinentes de acordo com o envolvimento e as características da turma. O mais importante é focar no conto escolhido e na preparação para a contação de histórias, ajudando o aluno a imprimir expressividade na narração, como pausas, entonação adequada, aceleração da narração ou pausa para criar expectativa, bom ritmo, diferentes tons de voz, ênfase em algumas palavras, etc.

PASSO 2: VAMOS TODOS CIRANDAR?

Depois de tudo planejado e organizado é hora de dar início a “Ciranda de Histórias”. Com os alunos no local escolhido e decorado por toda a turma o professor ressalta o prazer e a alegria que essas histórias nos proporcionam, bem como a importância que elas têm para o nosso aprendizado e para a nossa cultura.

Para abrir a Ciranda, o professor poderá começar com uma contação de história, realizada por ele ou por um convidado que seja um contador, para deixar o evento ainda mais animado pode-se colocar música ambiente, cantigas de roda, ou, caso haja disponibilidade convidar uma dupla de repentistas para dar mais brilho as histórias contadas, ou ainda, ver se algum aluno toca algum instrumento, além de deixar o evento mais atrativo, esta é uma forma de valorizar os talentos da turma. Em seguida, deve-se convidar o primeiro grupo para apresentar e contar a sua história, seguir com a atividade até que todos os grupos se apresentem.

Depois que todos os grupos contarem as suas histórias, o professor propõe uma roda de conversa para que relatem a experiência do momento. O que sentiram ao contar a história; se querem repetir a atividade; de qual história gostaram mais; qual sensação as histórias lhe provocaram (medo, riso, emoção...); se já conheciam as histórias que foram contadas.

Por fim, se a turma optou por partilhar um lanche, é hora de se deliciarem com as comidas e brincarem ao som da cantiga popular “Ciranda Cirandinha”.

PRÁTICA EXTRACLASSE

Se os alunos demonstraram interesse e envolvimento com as atividades de contação de histórias propostas neste caderno, sugerimos que em um momento oportuno, vocês conversem e amadureçam a ideia de dar continuidade com a Ciranda de Histórias. Juntos vocês poderão desenvolver atividades voluntárias. Uma sugestão é pesquisar instituições que atendam idosos e juntamente com a gestão da escola realizar um encontro de contação de história nessa repartição, depois da contação vocês podem ouvir as histórias dos idosos, com certeza esta ação possibilitará momentos agradáveis e significativos. Caso isso não seja possível, os alunos poderão escolher um dia da semana para irem a uma praça próxima à escola e convidarem as pessoas que estejam passando no local para ouvirem uma bela história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contexto atual de educação, um dos maiores desafios do professor de Língua Portuguesa das escolas públicas brasileiras é a responsabilidade com a formação leitora dos seus alunos. Nesse âmbito, acreditamos que a base de toda educação deve estar ancorada na formação de sujeitos críticos, curiosos, inventivos e aptos a utilizarem dos seus conhecimentos para a projeção de um futuro promissor. Em vista disso, este estudo nos possibilitou um embasamento teórico que serviu de subsídio para as nossas reflexões acerca do ato de ensinar e aprender.

Considerando-se que o Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) visa à capacitação de professores de Língua Portuguesa para o exercício da docência no Ensino Fundamental, viver essa experiência dentro do programa se configurou em uma oportunidade de repensar o nosso fazer pedagógico, de buscar por meio de estudos teóricos melhorias para a valorização deste ensino, principalmente no que concerne ao ensino de literatura.

Assim, o objetivo geral desta pesquisa foi investigar, por meio de estudo bibliográfico, a contação de histórias como uma possibilidade educativa que viesse a colaborar para a formação do leitor literário. Amparados no que estabelece o Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) para a produção do trabalho final de dissertação, elaboramos como produto final um Caderno Pedagógico que contempla a junção entre as reflexões teóricas e a prática para sala de aula. Desse modo, o caderno englobou atividades que permearam o campo da leitura e da oralidade, conduzindo o aluno a aprofundar o seu conhecimento sobre alguns contos tradicionais colhidos e registrados pelo escritor e folclorista Luís da Câmara Cascudo, bem como, conhecer a riqueza dos contos populares da localidade do discente.

Para tanto, pensamos para a nossa proposta de intervenção o trabalho com a contação de histórias através do gênero literário conto popular, cremos que por fazer parte da literatura oral e da vida das pessoas, o conto popular pode vir a ser um caminho metodológico para despertar o gosto pela leitura, pois com a simplicidade que se transpõe, pode ser explorado de diversas maneiras, propiciando o desenvolvimento da linguagem, a valorização da cultura popular e o registro das memórias dos estudantes.

Consideramos que a literatura popular pode oferecer todas essas possibilidades, o conto de tradição oral, diferentemente de outros textos presentes no âmbito escolar, tem essa capacidade de estimular à imaginação, a atenção, a curiosidade, a ajudar o sujeito a refletir sobre o conflito e criar soluções, a ler o mundo e compreender não só a sua cultura, mas também a de outros povos.

A partir das leituras e das contações de histórias propostas nas oficinas presentes no Caderno Pedagógico, espera-se que o professor propicie aos alunos o desenvolvimento da oralidade, ouvindo e (re)contando histórias, participando de situações de interação oral através das reflexões acerca dos contos trabalhados, respeitando e escutando a fala do outro, adquirindo, dessa forma, sentimento de autoconfiança. Além disso, terão oportunidade de valorizar a literatura oral e reconhecer características do conto de tradição oral, permitindo-se assim, o envolvimento com a magia das histórias narradas, tanto pelo professor, como por parte de familiares e contadores da comunidade a que pertencem os discentes.

Em suma, pretendemos contribuir para as futuras produções científicas e despertar o interesse docente, principalmente dos professores de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental II, em especial, os que lecionam nas turmas de 6º ano, para que tomem conhecimento dos benefícios que a atividade da escuta pode trazer para as aulas. Desse modo, a contação de histórias insere-se como um exercício de cidadania, já que as histórias propiciam o diálogo e a interação com e entre os diferentes grupos, e tem o poder de transformar por meio da literatura, culminando na formação de leitores competentes.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997 (Pensamento e ação no magistério).
- AGUIAR, Vera Teixeira. Escolarização da leitura literária. In: EVAGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (Organizadoras). **Escolarização da leitura literária**. 2. ed., 3ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. (p. 235 - 255).
- AZEVEDO, Ricardo. A didatização e a precária divisão de pessoas em faixas etárias: dois fatores no processo de (não) formação de leitores. In: PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça; VERSIANI, Zélia (Organizadores). **Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces – O jogo do livro**. – 1. Ed., 1. reimp. – Belo Horizonte: Autêntica/CEALE/FaE/UFMG, 2005. (p. 75 - 83).
- BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. Tradução de Octávio Mendes Cajado. SP. Cultrix, 1977.
- BAZZO, J. L. S. Literatura e Infância: fruição e pretexto? In: Debus, E.; Juliano, D. B.; Bortolotto, N. (Orgs.). **Literatura infantil e juvenil: do literário a outras manifestações estéticas** (p. 109 -122). Tubarão: Copiart: Unisul, 2016. (Coleção linguagens).
- BEDRAN, Bia. **A arte de cantar e contar histórias: narrativas orais e processos criativos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**: MEC / SEF, 2001.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.
- BUSATTO, Cléo. **Práticas de oralidade na sala de aula**. – 1. Ed. – São Paulo: Cortez, 2010. (Oficinas aprender fazendo)
- BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa**. – 8. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. 2. ed. – São Paulo: Brasiliense, 2010. – (Coleção primeiros passos; 163)
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Contos tradicionais do Brasil**. 13. ed. – São Paulo: Global, 2004.
- COLOMER, Tereza. **Introdução à literatura infantil e juvenil atual**. Tradução Laura Sandroni. – 1. ed. – São Paulo: Global, 2017.
- COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. 2 ed., 8ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2018.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. 1. ed., 4ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2020.

COSTA, Marta Morais da. **Metodologia do ensino da literatura infantil**. Curitiba: Ibpx, 2007.

COSTA, Marta Morais da. **Literatura, leitura e aprendizagem**. 2. ed. – Curitiba, PR: IESDE Brasil S.A, 2009.

FARIAS, Carlos Adelmir. Contar histórias é alimentar a humanidade da humanidade. In: Benita Prieto. (Organizadora) **Contadores de Histórias: um exercício para muitas vozes** / – Rio de Janeiro: s. ed, 2011. (p. 19 - 22).

GERALDI, João Wanderley. **O texto em sala de aula**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2003. (Col. Na sala de aula).

GULLAR, Ferreira. **As mil e uma noites: contos árabes** – Rio de Janeiro: Revan, 5. ed., setembro de 2010. 5ª reimpressão, maio de 2019.

KLEIMAN, Angela. **Oficina de leitura: teoria e prática**. 16 ed., Campinas, SP – Pontes Editores, 2016.

LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto. Será que não é mesmo? In: ZILBERMAN, Regina & RÖSING, Tania M. k. (Organizadoras). **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas**. – São Paulo: Global, 2009. (p. 99 - 112). (Coleção Leitura e Formação)

LEAL, José Carlos. **A natureza do conto popular**. – Rio de Janeiro: Conquista, 1985.

LISBOA, Henriqueta. **Literatura oral para infância e juventude: lendas, contos e fábulas populares do Brasil; prefácio e ilustrações de Ricardo Azevedo**. – São Paulo: Peirópolis, 2002.

MACHADO, Regina. **A arte da palavra e da escuta**. – 1 ed. São Paulo: Editora Reviravolta, 2015.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização** – 10 ed. - São Paulo: Cortez, 2010.

MATIAS, Lígia Borges. O valor da narrativa na pós-modernidade. In: TIERNO, Giuliano. (org.). **A arte de contar histórias: abordagens poética, literária e performática**. 1. ed. – São Paulo: Ícone, 2010. (p. 71 - 88)

MATOS, Gislayne Avelar; SORSY, Inno. **O ofício do contador de histórias: perguntas e respostas, exercícios práticos e um repertório para encantar** – 3 ed. – São Paulo; Editora WMF Martins Fontes, 2009.

MATOS, Gislayne Avelar. **A palavra do contador de histórias: sua dimensão educativa na contemporaneidade**. 2. ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

MENDES, Mariza B. T. **Em busca dos contos perdidos**. O significado das funções femininas nos contos de Perrault. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2000.

PATRINI, Maria de Lourdes. **A renovação do conto**: emergência de uma prática oral. – São Paulo: Cortez, 2005.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Tradução de Leny Werneck. – Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PEREIRA, Maria Teresa Gonsalves. O Bicho Manjaléu: um reconto em duas versões. In: AGUIAR, Vera Teixeira de; MARTHA, Alice Áurea Penteado (organizadoras). **Conto e reconto**: das fontes à invenção – São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. (p. 263 - 272).

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico / Ernani Cesar de Freitas. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SANDRONI, Laura. **De Lobato a Bojunga**; as reinações renovadas. – Rio de Janeiro: Agir, 1987.

SANTOS, Fábio Cardoso dos; SILVA, Luciana Uhren Meira. A linguística no processo do contar histórias: uma contribuição para a neuroeducação. In; SANTOS, Fábio Cardos dos; CAMPOS, Ana Maria Antunes de. (organização) Guilherme Cosme B. dos Santos. **A Contação de histórias**: contribuição à neurociência. [et al.]. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2016. (p. 21 – 39).

SANTOS, Robson. Ao pé do fogo... Conversas sobre oralidade. In: TIERNO, Giuliano. (org.). **A arte de contar histórias**: abordagens poética, literária e performática. 1. ed. – São Paulo: Ícone, 2010. (p. 107 - 125)

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SIMONSEN, Michele. **O conto popular**. Trad. Luís Claudio de Castro e Costa. 1 Ed. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1987.

SISTO, Celso. **Textos e paratextos**: sobre a arte de contar histórias. Belo Horizonte: Aletria, 2012.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVAGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (Organizadoras). **Escolarização da leitura literária**. 2 ed., 3ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. (p. 17 - 48)

STOCKER, Cláudia. **O incentivo à leitura através da arte de contar e narrar histórias** – Curitiba: Appris, 2014.

TIERNO, Giuliano. Pegadas reflexivas acerca da arte de contar histórias: A teia do invisível. In: TIERNO, Giuliano. (org.). **A arte de contar histórias: abordagens poética, literária e performática**. 1. ed. – São Paulo: Ícone, 2010. (p. 13 - 28)

VIANA, Maria. **Um estudo sobre fábula e os contos de fadas**. 1. Ed. – São Paulo: Eureka, 2015.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11. ed. Ver., atual. e ampl. – São Paulo: Global, 2003.

ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Literatura e pedagogia: ponto & contraponto**. 2. ed. São Paulo: Global; Campinas, SP: ALB – Associação de Leitura do Brasil, 2008.

ZUMTHOR, P. **A letra e a voz: a literatura medieval**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

WEBSITES CITADOS

Bicho de Palha. Disponível em: https://fantasia.fandom.com/pt/wiki/Bicho_de_Palha. Acesso em 30 mar. 2021.

DA SILVA, Mariane Ellen. **Manual de Instruções: brincadeiras da turma**. TV ESCOLA- Série Chico na Ilha dos Jurubebas. 2014. Disponível em: http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?pagina=espaco%2Fvisualizar_aula&aula=56749&secao=espaco&request_locale=es. Acesso em 07 abr. 2021.

FRAZÃO, Dilva. **Luís da Câmara Cascudo**. [https://www.ebiografia.com/luis_da_camara_cascudo/#:~:text=Lu%C3%ADs%20da%20C%C3%A2mara%20Cascudo%20\(1898,30%20de%20dezembro%20de%201898](https://www.ebiografia.com/luis_da_camara_cascudo/#:~:text=Lu%C3%ADs%20da%20C%C3%A2mara%20Cascudo%20(1898,30%20de%20dezembro%20de%201898). Acesso em 23 dez. 2020.

FERDERICH, Ana Raíssa Ayres. **Câmara Cascudo: As culturas populares e o folclore – ESPM**. 2015. 12 minutos e 39 segundos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=G2HIZSRqvPw>. Acesso em 23 dez. 2020.

Google Imagens. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=obras+de+camera+cascudo&oeq=obras+de+camera+cascudo&aqs=chrome..69i57j0i13j0i22i30l7.7473j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8>. Acesso em 31 mar. 2021.

GUZMAN, Sandra – Narração de Histórias. **A Moura Torta – Conto Popular Brasileiro**. Uma adaptação do conto *A Moura torta*, por Sandra Guzman. Disponível em: https://youtu.be/qp_t60Hkv38. 10 minutos e 28 segundos. Acesso em 05 jan. 2021.

HORTENCIO, Luciano. Coisas que o tempo levou – MOURA TORTA- cantiga de roda- resgate de Luciano Hortencio. 22.11.2016. 00:22 segundos. Disponível em: <https://youtu.be/hExiZMDug7E>. Acesso em 07 abr. 2021.

Imagem da Moura Torta. Disponível em: <http://3.bp.blogspot.com/-K-f2WyfzbBg/VjP1LcORcli/AAAAAAAAArxI/bRpBicu-N6Y/s320/M13.bmp.jpg>. Acesso em 07 abr. 2021.

Imagem Hora do Conto. Disponível em: <https://ko-kr.facebook.com/BMALV/posts/3020992327928932/>. Biblioteca Municipal Afonso Lopes Vieira. Acesso 07 mar. 2021.

MARIANO, Nicéia Espíndola. **Uma Abordagem Intertextual:** Estratégias para a Leitura Literária de Contos e Formação do Leitor. – Cáceres, 2019. Dissertação (Mestrado Profissional -PROFLETRAS) – Faculdade de Educação e Linguagem, Campus de Cáceres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2019. Disponível em: <http://portal.unemat.br/media/files/profLetrasCACERES/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20-%20NIC%C3%89IA%20E%20MARIANO.pdf>. Acesso em 07 abr. 2020.

Projetual. **Conte uma história.** Disponível em: <https://projetual.com.br/site-novo/media/contar-historias-conteudo-projetual-330x220.jpg>. Acesso em 29 dez. 2020.

SCLIAR, Moacyr. (Era uma Vez um Conto, parte 1) - O Conto se Apresenta Disponível em: <https://nuhtaradahab.wordpress.com/2012/05/12/moacyr-scliar-era-uma-vez-um-conto-parte-1-o-conto-se-apresenta/>. Acesso em 03 jan. 2021.

Wikipedia. **Ficheiro: Moacir Scliar.jpg.** Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Moacir_Scliar.jpg. Acesso em 07 mar. 2021.

ANEXOS

ANEXO A: CONTO A GATA BORRALHEIRA, DE CHARLES PERRAULT

A GATA BORRALHEIRA

(Charles Perrault)

Era uma vez um fidalgo que casara em segundas núpcias com a mulher mais arrogante e orgulhosa que alguma vez se viu, mãe de duas filhas como ela e iguais como duas gotas de água. O marido também tinha uma filha, mas esta era doce e boa como a sua mãe, que fora a melhor pessoa do mundo.

Assim que se casaram, a madrasta mostrou logo que era muito má. Não podia suportar as boas qualidades da rapariguinha, pois, ao lado dela, as suas filhas pareciam ainda mais antipáticas. Por isso, começou a obrigá-la a fazer os trabalhos domésticos mais humildes: tratava da cozinha, limpava as escadas, arrumava os quartos da senhora e das suas filhas; dormia no sótão, num colchão de palha, enquanto as irmãs dormiam em quartos bonitos, com espelhos onde se podiam ver da cabeça aos pés. A pobre menina suportava tudo aquilo com paciência e não se queixava ao pai, porque sabia que ele lhe ralharia.

Quando acabava de limpar a casa, a boa rapariga refugiava-se a um canto da lareira e sentava-se nas cinzas. Por isso chamavam-lhe Gata Borralheira. Esta, porém, com os seus pobres vestidinhos, era cem vezes mais bonita do que as suas meias-irmãs que, no entanto, se vestiam como grandes senhoras.

Um dia o filho do rei organizou um baile e convidou todas as pessoas importantes. As duas irmãs foram convidadas, porque eram pessoas distintas no país. Começaram logo a escolher os vestidos e os penteados mais bonitos, cheias de alegria. A Gata Borralheira, coitada, teve que engomar os saíotes e os punhos dos vestidos das irmãs. Em casa só se falava do modo como iriam vestidas na noite da festa.

– Eu - decidiu a mais velha - vou levar o vestido de veludo vermelho com guarnição de renda da Inglaterra. - Eu - declarou a mais nova - vou vestir o meu vestido do costume, mas com o manto de flores de ouro e o colar de diamantes. Ficaré um fato invulgar!

Chamaram as melhores cabeleireiras que lhes fizeram duas filas de caracóis. Por fim, chamaram a Gata Borralheira, cujo gosto muito apreciavam, para que desse a sua opinião. Ela deu-lhes ótimos conselhos, além de se oferecer para as ajudar a vestir, o que aceitaram imediatamente. Enquanto as vestia e penteava, as meias-irmãs perguntaram: - Ó Gata Borralheira, gostavas de ir ao baile? - Ah, meninas, estão a troçar! Essa festa não é para mim! - Tens razão! Até dava vontade de rir, ver uma Gata Borralheira como tu num baile!

Qualquer outra rapariga no lugar dela teria feito tudo para as vestir mal, mas como era boa, vestiu-as melhor do que ninguém. As meias-irmãs fizeram dieta, não comeram durante dois dias e ficaram com cinturas de vespa. Chegou finalmente o grande dia e as irmãs partiram. A Gata Borralheira seguiu-as com os olhos enquanto pôde e, quando desapareceram, desatou a chorar. A madrinha, que tinha vindo visitá-la, quis saber o que se passava.

- Eu queria... eu queria... - a Gata Borralheira chorava de tal maneira que nem conseguia falar. A madrinha, que era uma fada, consolou-a: - Também querias ir ao baile, não é? - É isso mesmo - suspirou. - Bem, prometi a mim própria ajudar-te e vou fazer com que vás ao baile - garantiu a madrinha. - Vai à horta e traz-me uma abóbora. A Gata Borralheira foi a correr buscar a abóbora mais bonita que conseguiu encontrar. A madrinha esvaziou-a muito bem, até ficar só a casca, bateu-lhe com a varinha mágica e, de um momento para o outro, ela transformou-se numa linda carruagem completamente dourada.

A seguir, foi ver a ratoeira onde encontrou seis ratinhos ainda vivos. Pediu à Gata Borralheira que levantasse o ferro que os prendia e mal cada ratinho saía tocava-lhe com a varinha mágica. Imediatamente ele se transformava num belo cavalo. Assim conseguiu seis cavalos magníficos, cinzentos cor de rato. Mas como não soubesse de que havia de fazer o cocheiro, a Gata Borralheira lembrou: - Vou ver se na outra ratoeira há algum rato, para fazer o cocheiro. - Está bem - concordou a madrinha. - Vai ver.

Daí a pouco regressou com a ratoeira onde havia três grandes ratos. Dos três, a Fada escolheu o que tinha os bigodes mais compridos e, ao tocar-lhe, transformou-o num belo cocheiro com o bigode mais bonito que alguma vez se viu. Depois, a fada mandou: - Vai ao jardim. Por trás do regador, encontrarás seis lagartos. Trá-los cá. A Gata Borralheira obedeceu imediatamente. Trouxe os lagartos que a madrinha logo transformou em seis lacaios de librés magníficas. Estes subiram para a parte de trás da carruagem e ficaram lá, bem direitos como se nunca na vida tivessem feito outra coisa.

Por fim, a fada perguntou: - Aqui tens tudo o que é preciso para ires ao baile. Estás contente? - Oh sim! Mas como hei de ir com este vestido tão feio?

Mal a fada lhe tocou com a sua varinha, o pobre vestido transformou-se completamente. A Gata Borralheira tinha agora um vestido de brocado de ouro e prata, todo salpicado de pedras preciosas. Nos pés, um par de maravilhosos sapatinhos de cristal. Assim vestida, subiu para a carruagem. A madrinha recomendou-lhe então que não voltasse depois da meia-noite, avisando-a de que, se ficasse no baile mais um minuto que fosse, a carruagem transformar-se-ia de novo em abóbora, os cavalos em ratinhos, os lacaios em lagartos e o vestido voltaria a ter o aspecto esfarrapado que ela conhecia. A Gata Borralheira prometeu à madrinha que sairia do baile antes

da meia-noite e partiu toda satisfeita. O filho do rei, a quem fora anunciada a chegada de uma princesa desconhecida, correu a recebê-la, deu-lhe a sua mão para a ajudar a descer da carruagem e conduziu-a à sala. Fez-se um grande silêncio. Todos pararam de dançar. Os violinos deixaram de tocar. Todos ficaram espantados com a grande beleza da menina. Só se ouvia murmurar: - Oh! Como é linda!

O próprio rei, embora velho, segredou baixinho à rainha que há muitos anos não via mulher tão bonita e graciosa. Nenhuma dama tirava os olhos dela. Observavam atentamente o penteado e o vestido, para o poderem imitar no dia seguinte, mal descobrissem um tecido tão bonito e modista tão habilidosa. O príncipe concedeu-lhe um lugar de honra e convidou-a para dançar. Ela dançou com tanta elegância que deixou todos maravilhados. Foi servido um magnífico refresco, que ele nem sequer provou, de tal modo estava encantado. Foi então que ela foi para junto das meias-irmãs. Falou-lhes com delicadeza e ofereceu-lhes as laranjas e os limões que o príncipe lhe tinha oferecido, o que as encantou, tanto mais que não a reconheceram.

Enquanto conversavam, a Gata Borralheira ouviu o relógio tocar um quarto para a meia noite. Imediatamente se despediu e partiu, rápida como o vento. Mal chegou a casa, foi ter com a madrinha. Agradeceu-lhe e disse-lhe que gostaria muito de ir à festa do dia seguinte, já que o filho do rei tanto lhe tinha pedido. Enquanto lhe contava os pormenores da festa, as duas irmãs tocaram à porta e a Gata Borralheira foi abrir. - Vieram tão tarde! - disse ela, esfregando os olhos e espreguiçando-se, como se tivesse acabado de acordar. Mas na verdade não sentia sono nenhum. - Se tivesses ido ao baile - disse-lhe uma das irmãs - não te terias aborrecido. Estava lá a princesa mais bonita do mundo. Foi muito delicada conosco e ofereceu-nos laranjas e limões.

A Gata Borralheira não cabia em si de contente. Perguntou o nome da princesa, mas as irmãs não sabiam. Contaram-lhe, porém, que o filho do rei queria muito saber quem ela era e que, para o saber, daria o que quer que fosse. A Gata Borralheira sorriu e disse: - Então ela devia realmente ser muito bonita! Meu Deus, que sorte a vossa! Como gostava de a ver! Menina Julieta, empresta-me só por esta vez o seu vestido amarelo, o que usa todos os dias? - Aquele que eu também quero? - Perguntou Julieta. - Emprestar o meu vestido a uma Gata Borralheira como tu? Só se eu fosse maluca!

A menina já esperava esta resposta e, por isso, ficou contente, pois estaria metida num grande sarilho se a meia-irmã lhe tivesse emprestado o vestido. Na noite seguinte as duas irmãs foram de novo ao baile. A Gata Borralheira também foi vestida de forma ainda mais luxuosa do que da primeira vez. O filho do rei não a deixou nem um momento e todo o serão lhe

segredou frases apaixonadas e galantes. A menina, que não estava nada aborrecida, esqueceu-se das recomendações da madrinha de tal modo que, quando ouviu a primeira badalada da meia-noite, pensou que ainda fossem onze horas. Mas, ao dar-se conta do que se passava, levantou-se e fugiu, ligeira como um gamo. O príncipe correu atrás dela, mas não a conseguiu apanhar. Ao fugir, a Gata Borralheira perdeu um sapatinho de cristal que ele guardou com o maior carinho.

A Gata Borralheira chegou a casa sem fôlego, sem carruagem, nem lacaios. Trazia o vestido com que costumava andar e, de todo o luxo, apenas lhe restava um dos sapatinhos. Tinha perdido o outro no caminho. Tentaram saber se os porteiros do palácio real haviam visto sair alguma princesa, mas eles responderam que não saíra ninguém, a não ser uma rapariga tão mal vestida que mais parecia uma camponesa. Quando as irmãs regressaram do baile, logo a Gata Borralheira lhes perguntou se se tinham divertido e se lá estava também aquela linda senhora. Que sim, mas que fugira no momento em que batia a meia-noite, e tão depressa que deixara cair um dos seus sapatinhos de cristal, o sapatinho mais bonito do mundo. Que o filho do rei o tinha guardado e não fizera outra coisa senão olhar para ele enquanto durou o baile, o que queria dizer que se apaixonara perdidamente pela linda senhora a quem o sapatinho pertencia.

As irmãs diziam a verdade. Com efeito, poucos dias depois, o príncipe mandou proclamar ao som das trombetas que casaria com a menina em cujo pé o sapatinho servisse perfeitamente. Em primeiro lugar experimentaram as princesas, depois as duquesas e todas as damas da corte, mas em vão. O sapatinho acabou por chegar a casa das duas irmãs, que fizeram o impossível para o calçarem, mas não conseguiram.

A Gata Borralheira, que as observava e que reconhecera o sapatinho, acabou por sugerir: - Vejamos se me serve a mim! As irmãs desataram a rir e a fazer pouco dela. O cavalheiro encarregado de experimentar o sapatinho, encantado com a beleza da Gata Borralheira, achou que era justo, uma vez que tinha ordem para que todas as meninas do reino o experimentassem. Deixou-a sentar-se e tentou calçar-lhe o sapatinho. Servia-lhe como uma luva. Grande foi o espanto das irmãs. Porém, maior ficou quando a Gata Borralheira tirou do bolso o outro e o calçou no outro pé.

Nesse momento chegou a madrinha que tocou com a varinha de condão nas roupas da Gata Borralheira, tornando-as mais luxuosas que nunca. Foi então que as irmãs reconheceram nela a linda senhora do baile e, ajoelhando-se aos seus pés, pediram-lhe desculpa pelos maus tratos. A Gata Borralheira mandou-as levantarem-se e abraçou-as. Disse-lhes que lhes perdoava do fundo do coração e pediu-lhes que gostassem sempre dela. Depois, magnificamente vestida,

foi levada à presença do príncipe, aos olhos de quem parecia ainda mais bonita, e casaram poucos dias depois. Como tinha tanto de bondosa como de bonita, convidou as duas meias-irmãs a irem ao palácio e, nesse mesmo dia, casou-as com dois fidalgos.

MARIANO, Nicéia Espíndola. **Uma Abordagem Intertextual:** Estratégias para a Leitura Literária de Contos e Formação do Leitor. – Cáceres, 2019. Dissertação (Mestrado Profissional -PROFLETRAS) – Faculdade de Educação e Linguagem, Câmpus de Cáceres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2019. Disponível em:

http://portal.unemat.br/media/files/profLetrasCACERES/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20-%20NIC%C3%89IA%20E_%20MARIANO.pdf. Acesso em 07 abr. 2020.

ANEXO B: CONTO “CAPA DE JUNCO”, DE JOSEPH JAKOBS**Capa de Junco**

(Joseph Jakobs)

Era uma vez um homem abastado que tinha três filhas. Um belo dia, lembrou-se de comprovar até que ponto o estimavam e perguntou à primeira:

- Gostas muito de mim, querida?

- Tanto como da minha própria vida.

- Assim é que me agrada ouvir. - E perguntou à segunda: -Gostas muito de mim, querida? - Mais do que tudo neste mundo.

- Assim é que me agrada ouvir. - E dirigiu-se à terceira: - Gostas muito de mim, querida? - Tanto como a carne tenra gosta do sal.

Sim, foram estas as palavras da jovem. E nem fazem uma ideia de como ele ficou furo!

- Não gostas absolutamente nada de mim! - bradou. - Por conseguinte, não há lugar para ti nesta casa!

Ato contínuo, pô-la na rua e fechou-lhe a porta na cara. Ela fartou-se de andar até que chegou a um bosque, onde reuniu um monte de junco, com os quais confeccionou uma espécie de vestido e um capucho para se cobrir da cabeça aos pés e ocultar as roupas elegantes que usava. Depois, continuou a caminhar, até que bateu à porta de uma casa suntuosa.

- Precisam de uma criada? - perguntou.

- Não, estamos servidos - foi a resposta seca.

- Não tenho para onde ir. Não peço qualquer salário, e executo toda a espécie de trabalhos. - Bem, se queres lavar louça e panelas, podes ficar.

A jovem foi, pois, admitida para as tarefas menos agradáveis da faxina doméstica. E, como não disse como se chamava, tratavam-na por Capa de Junco.

Um dia, realizou-se perto dali uma grande festa, com baile, à qual os serviçais podiam assistir. No entanto, Capa de Junco disse que estava demasiado cansada para acompanhar os outros e ficou em casa. Mas, quando se encontrou só, despiu a capa de junco, arranjou-se e foi ao baile, onde se tornou notada por ser quem melhor trajava.

E quem estava lá senão o filho do seu amo? E que fez ele senão enamorar-se dela no instante em que a viu pela primeira vez? Na verdade, não quis dançar com mais ninguém.

Mas, antes de o baile terminar, ela retirou-se sem dar nas vistas e regressou apressadamente a casa. Quando as outras criadas chegaram, já voltara a vestir a capa de junco e fingia que dormia. Na manhã seguinte, disseram-lhe:

- Nem imaginas o que perdeste, Capa de Junco!
- O quê? - perguntou ela, fazendo-se de novas.
- A senhora mais formosa que jamais se viu, com um vestido verdadeiramente deslumbrante e elegante. O nosso amo não lhe tirava os olhos de cima.
- Sim, teria gostado de vê-la.
- Esta noite, há outro baile, e ela talvez apareça.

Mas, quando anoiteceu, Capa de Junco alegou cansaço excessivo para poder acompanhar as colegas. No entanto, assim que partiram, despiu a capa de junco, arranjou-se e foi ao baile.

O filho do amo estava a contar tomar a vê-la e não dançou com mais ninguém, nem conseguia tirar-lhe os olhos de cima. Mas, antes de o baile terminar, ela retirou-se sem dar nas vistas e regressou apressadamente a casa. Quando as outras criadas chegaram, já voltara a vestir a capa e fingia que dormia.

Na manhã seguinte, voltaram a dizer-lhe:

- Devias ter estado lá para veres a bela dama! De novo elegante como na véspera, e o nosso amo não lhe tirava os olhos de cima.
- Que pena! Teria gostado de vê-la!
- Logo à noite, volta a haver baile. Tens de ir, pois é quase certo que ela há de comparecer.

Mas, quando anoiteceu, Capa de Junco alegou cansaço excessivo para poder acompanhar as colegas. No entanto, assim que partiram, despiu a capa de junco, arranjou-se e foi ao baile.

O filho do amo regozijou-se quando a viu. Não dançou com outra mulher, nem lhe tirava os olhos de cima. Como ela se recusou a divulgar o nome e origem, ele ofereceu-lhe um anel e declarou que, se não a tomasse a ver, morreria. Todavia, antes de o baile terminar, Capa de Junco escapou-se e regressou a casa.

Quando as criadas chegaram, já voltara a vestir a capa de junco e fingia que dormia.

Na manhã seguinte, perguntaram-lhe:

- Porque não vieste conosco, ontem? Agora, já não poderás ver a bela dama, pois os bailes terminaram.
- Sim, teria gostado muitíssimo de vê-la! O filho do amo fez o impossível para averiguar o paradeiro da deslumbrante mulher, mas, por mais que perguntasse, não conseguia apurar o menor indício. Entretanto, emagrecia e definhava a olhos vistos, consumido pelo amor por ela, até que teve de recolher à cama.

- Prepara um purê de aveia para o nosso amo mais jovem -indicaram à cozinheira. - De contrário, morre de nostalgia pela mulher amada.

A cozinheira concentrava-se na confecção do purê, quando Capa de Junco entrou.

- Que estás a fazer? - perguntou.

- Um purê de aveia para o nosso jovem amo e evitar que morra de nostalgia pela mulher amada.

- Eu trato disso.

A princípio, a cozinheira recusou, mas acabou por transigir, pelo que Capa de Junco preparou o purê de aveia. No final, antes que a outra o levasse ao enfermo e sem que se apercebesse, depositou nele o anel.

O jovem removeu o purê com a colher, viu o anel no fundo do prato e ordenou:

- Chamem a cozinheira.

Quando esta se achou na sua presença, perguntou-lhe:

- Quem preparou este purê de aveia?

- Fui eu - disse ela, com receio de revelar a verdade.

Ele olhou-a com intensidade e replicou:

- Não, não foste tu. Diz-me quem foi, e garanto-te que não te acontecerá nada.

- Muito bem. Foi Capa de Junco.

- Diz-lhe que venha.

Quando a jovem entrou no quarto, ele inquiriu:

- Foste tu que preparaste o purê de aveia?

- Sim, fui eu.

- Onde foste buscar o anel?

- Deram-me.

- Quem és, na realidade?

- Vou elucidar-te.

Com estas palavras, ela despiu a capa de junco e apresentou-se com as suas elegantes roupas. Talvez não acreditem, mas o seu jovem amo curou-se imediatamente e quis casar com ela sem a mínima demora. Seriam uns esponsais invulgares, pelo que convidaram toda a gente, tanto quem vivia perto como longe. Por conseguinte, o pai de Capa de Junco foi incluído, sem que, todavia, ninguém lhe dissesse quem era a noiva.

Antes da boda, a jovem procurou a cozinheira e ordenou-lhe:

- Quero que prepares toda a comida sem uma pedra de sal.

- Mas vai ficar horivelmente insípida - disse a mulher.

- Não importa.

- Muito bem.

Uma vez consumada a cerimônia, todos foram ocupar os seus lugares para o banquete.

Quando provaram a carne, estava tão insípida que não a puderam comer. No entanto, o pai de Capa de Junco provou uma das iguarias e depois outra e começou a chorar.

- Que se passa? - quis saber o noivo.

- Eu tinha uma filha à qual perguntei se me estimava muito e respondeu que me apreciava tanto como a carne tenra precisa do sal. Expulsei-a de casa, porque pensei que isso era uma prova de que não me dispensava o menor afeto. Compreendo agora que era a que mais me estimava. E talvez morresse sem o meu conhecimento.

- Não, pai, aqui me tens - disse Capa de Junco, que correu para ele e o abraçou. A partir de então, foram todos muito felizes.

MARIANO, Nicéia Espíndola. **Uma Abordagem Intertextual:** Estratégias para a Leitura Literária de Contos e Formação do Leitor. – Cáceres, 2019. Dissertação (Mestrado Profissional -PROFLETRAS) – Faculdade de Educação e Linguagem, Câmpus de Cáceres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2019.

Disponível

em:

http://portal.unemat.br/media/files/profLetrasCACERES/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20-%20NIC%C3%89IA%20E_%20MARIANO.pdf. Acesso em 07 abr. 2020.